

Roberto de Paula Braga (Menhenúfis)
Maria Lúcia Távora Gil (Zornay)

HÁ 5.000 CICLOS DE RÁ

Segunda Família Espiritual de AKRON

Livro II



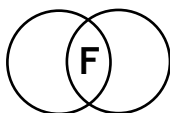
D. F. O. EDITORA

**ROBERTO DE PAULA BRAGA
MARIA LÚCIA TÁVORA GIL**

HÁ 5.000 CICLOS DE RÁ
2ª FAMÍLIA ESPIRITUAL DE AKRON
LIVRO II

2ª Edição

Brasília, 2015



O.F.O. EDITORA

Copyright © 2004: Adhemar Luiz Lima de Carvalho
Érika Cristina Alves Custódio Viana
Paulo Henrique de Paula Viana.

Outras obras:

OS PAPIROS SAGRADOS DE HERMES: ESCOLA SINCROMÁTICA DE AKRON
HÁ 5.000 CICLOS DE RÁ: A O.F.O. E A FRATERNIDADE DE FLOR DE
LÓTUS: 3ª FAMÍLIA ESPIRITUAL DE AKRON - LIVRO I
AS HISTÓRIAS DO VOVÔ BENEDITO
MALU - INFÂNCIA VIOLENTADA
GLOSSÁRIO OCULTISTA E DICIONÁRIO O.F.O.
FRASES ÁUREAS DE AKRON

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – Nenhuma parte deste livro, inclusive as capas, poderá ser apropriada, usada, reproduzida, estocada e/ou comercializada, sejam quais forem os meios empregados, sem a indispensável permissão escrita do Autor ou detentor de autorização escrita do Mesmo. Aos infratores se aplicam as sanções previstas em todas as leis pertinentes e vigentes no país e no exterior.

site: <http://www.hermesakron.net>

Revisão 2ª edição: Maria de Lourdes da Cruz Gomes

Catálogo na fonte

B813 Braga, Roberto de Paula.
Há 5.000 ciclos de Rá : 2ª família espiritual de Akron : Livro II /
Roberto de Paula Braga; Maria Lúcia Távora Gil. — 2. ed. — Brasília :
O.F.O., 2015.
308p.

ISBN 978-85-7766-142-8

1. Egito Antigo. 2. Família espiritual. 3. Ocultismo. I. Maria
Lúcia Távora Gil. II. Título.

CDU 133

OFERECIMENTO

Esta Obra é oferecida à Humanidade:
os Deuses do Planeta Terra.
Novamente os Senhores do Karma se levantam
e surge um novo Ser Humano.

AGRADECIMENTO

Reconhecemos e agradecemos a
Neuza Madsen Arruda
pela revisão do nosso trabalho,
essencial para a publicação desta Obra.

Símbolo da
ORDEM DAS ALMAS FRATERNALMENTE UNIDAS
O.F.O.



Representa suas 4 Fraternidades

- de Menhenúfis _ o amor dividido é mais amor (o lema)
- das Almas _ o coração
- dos Filhos de Kam _ o triângulo
- de Flor de Lótus _ a flor de lótus

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE UMA FAMÍLIA ESPIRITUAL

Introdução.....	13
Uma Família Espiritual.....	17
A Fala de Zornay.....	19
O Egito e o Digno Faraó AKRON.....	23
Um Ritual.....	27
O Esboço da Cartilha Infantil.....	33
A Cartilha Infantil.....	49
Dhiram e Rabir.....	53
Zoah-Rá e Dhiram.....	55
A Noite em Mênfis.....	59
A Fala de RAMIS.....	61
A Trama.....	65
O Plano do Conselheiro Rabir.....	67
Um Mês Depois.....	69
Dhiram e Luan.....	79
Dhiram e Rabir.....	85
Rabir e Rá-a-Nah.....	91
Dhiram e os Estrangeiros.....	95
Dhiram e seu Destino.....	99
Harusah.....	103
Iacih se Recolhe.....	105
A Sina de Dhiram.....	107
Harusah – a Amiga do Escriba Dhiram.....	111
O Enterro de Dhiram.....	113
Luan.....	115
O Encontro de Rabir e Luan.....	117
O Encontro de Rabir e Argih.....	119
Gazil.....	121
Luan e Gazil.....	123
Gazil e Menhenúfis.....	127

A Intercessão de Menhenúfis.....	129
Luan e Seu Julgamento.....	133
Luan perante o Conselho dos Vinte e Um.....	135
Luan e o Conselho dos Cento e Onze.....	137
Gazil toma Conhecimento da Sentença.....	139
Gazil e o Faraó AKRON.....	141
O Faraó AKRON e Luan.....	143
Gazil sem Luan.....	145
O Tormento de Argih.....	147
O Julgamento do Eunuco Argih.....	151
Gazil – o Curador e o Réu Argih.....	155
Karebah – o Assistente de Gazil.....	157
Karebah e Argih.....	159
Os Dois Cobradores Estrangeiros.....	163
Épil e o Faraó AKRON.....	167
A Volta da Caravana Egípcia.....	171
Épil e Menhenúfis.....	173
O Convite do Faraó AKRON.....	175
O Banquete Real.....	177
O Faraó AKRON e o Eunuco Argih.....	181
A Reunião do Conselho Temporal.....	187
Harusah.....	191
A Investigação de Harusah.....	195
Zoah-Rá.....	199
Harusah e a Cartilha Infantil.....	203
AKRON chama Harusah.....	207
RAMIS e a Sacerdotisa-Chefe.....	211
A Convocação dos Cinco Participantes.....	213
O Ritual em Memória do Corpo de AKRON.....	215
Rabir e Iacih.....	221
RAMIS e Iacih.....	225
A Morte de Rabir.....	227
AKRON – Argih – Rabir.....	231
RAMIS – Zornay – Menhenúfis.....	233
Iacih – a Cortesã.....	235
Épil – o Assassino.....	239
O Dia Seguinte ao Assassinato.....	243
Conclusão.....	245
A Bênção de RAMIS.....	247

SEGUNDA PARTE

RESPINGOS DE SABEDORIA

NUT – Atlântida – Egito.....	251
O Boi Ápis.....	257
O Povo Egípcio.....	261
O Sexo.....	265
O Sexo em NUT.....	265
O Sexo na Atualidade.....	266
O Poder Judiciário.....	269
O Conselho Secreto dos Vinte e Um.....	269
O Conselho Religioso.....	271
O Conselho Temporal.....	272
Os Exércitos.....	274
As Artes I.....	277
Artesãos – Artistas – Escribas.....	277
Música – Teatro – Danças.....	280
As Artes II.....	283
Os Artesãos dos Metais.....	283
A Arca Sagrada.....	283
VRIL.....	285
O Pink.....	286
O Ferro.....	287
O Cristal e o Cobre.....	288
A Prata.....	290
O Hank.....	291
O Látego.....	293
As Três Fraternidades.....	295
As Artes III.....	297
Engenharia.....	297
A Medicina.....	301
Os Curadores.....	301
O Poder Energético.....	304
Recursos para a Cura.....	306
Epílogo.....	308

PRIMEIRA PARTE
UMA FAMÍLIA ESPIRITUAL

INTRODUÇÃO

No dia 15 de outubro de 1964, uma irmã muito querida que pertencia às fileiras dos Togados – nome dado aos que eram investidos da túnica branca – da OREHUMBA-BAH FAKAYEROSOKORUKUMBA OKIKI – O.F.O. (ORDEM DAS ALMAS FRATERNALMENTE UNIDAS), fundada no Egito na época do Hierofante, o Sacerdote AKRON (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I), encontrava-se recolhida em seu lar, na cidade do Rio de Janeiro. Professora que era, estava de folga no colégio em que lecionava, porque era o dia do Mestre. Pensando no dia oficialmente dedicado aos mestres, era lógico que meditasse sobre os maravilhosos ensinamentos transmitidos pelo Venerável Mestre AKRON – a Entidade que presidia a Ordem a que ela e muitos de nós pertencemos.

Inspirada pela significação daquela data, ela escreveu o acróstico que transmitimos a seguir, e que foi ouvido com enorme emoção por todos os que se encontravam reunidos na presença da Dileta Entidade incorporada no invólucro natural, a Autora que vos fala, por meio desta Obra.

Mensageiro do Saber Universal
Estrela Guia da Fraternidade O.F.O.
Sol da nova Era de Ouro
Tesouro oculto espiritual
Rocha da Sabedoria
Estimado e amado por todos nós, seus filhos.

Amor do Novo Mundo
Cristo Planetário
Raios de luz, beleza e bondade
Ouro da Nova Era
Nome que nos faz recordar o próprio Nazareno.

Por que a mensagem escrita há quase 30 anos pôde ser lembrada agora? Ora, porque ficou gravada por meio da escrita e, assim, foi muito fácil retransmiti-la.

Mas, daí a retransmitir os acontecimentos passados há 5.000 ciclos de *Rá*, ou 5.000 anos atrás, existe uma grande diferença. Esta bravata só é possível quando os fatos estão indelevelmente gravados no subconsciente. E quando se encontram no nosso subconsciente, é certo que estivemos presentes e que vivemos o que estamos agora relembrando. Somente é possível relatar, com toda a veracidade, aquilo que realmente vivemos e vivenciamos em determinada época e local. Assim estaríamos, tão somente, contando a nossa própria vida, a história do nosso passado.

Isto não é psicografia.

Psicografia se dá quando a pessoa (médium) escreve sobre registros, detalhadamente ou não, de acontecimentos dos quais outros, sem a sua presença, participaram e que desejam transmitir. Por causa disso, a descrição fica mais difícil e, muitas vezes, chega deturpada ou alterada. O que está sendo ditado por uma Entidade Espiritual forçosamente passará pelo

crivo da mente de quem escreve. O assunto é completamente desconhecido para essa Mente, que não o vivenciou, mas que terá de reproduzi-lo da maneira mais fiel possível.

Aí está a diferença entre um fato ou uma história psicografada e o que é relatado diretamente de sua fonte. O que vamos contar foi vivido por todos os personagens desta Obra.

Os acontecimentos saltaram, como um filme sendo rodado, para a Mente Concreta de Zornay, quando um Irmão bateu à sua porta, dizendo que não sabia como nem por que tinha ido até lá. Formou-se assim a corrente entre todos os Seres que fazem parte da nossa história.

UMA FAMÍLIA ESPIRITUAL

GAZIL — ARGIH
DHIRAM — IACIH
RABIR — HARUSAH
ZOAH-RÁ — RÁ-A-NAH
ÉPIL — LUAN

Antes de relatarmos sobre a família que se encontra sob a égide de AKRON, teceremos alguns comentários sobre o significado de uma Família Espiritual.

Uma Família Espiritual é constituída de 12 pessoas que pertencem a um mesmo Ego — já formado, mas imperfeito — e a um Raio incompleto de uma Mônada. Logicamente, a sua caminhada (*Sarkam-Bah* ou *Karma*) será para a perfeição do seu Ego e conseqüentemente a complementação da sua Mônada. É o retorno de Seres conscientes para a Divindade (Mônada), de onde partiram inconscientes e, por isso, imperfeitos.

Lembremo-nos sempre, sempre, que de um Mal surgirá um Bem. Que somente pela imperfeição chegaremos à perfeição. Por isso, explicam-se os fatos bárbaros que vivemos no início de nossa caminhada. Se hoje ainda somos cheios de defeitos, imaginem num passado de 5.000 anos. Quanto mais caminharíamos (reencarnações), tanto mais nos instruiremos e nos aperfeiçoaremos. Se tivéssemos nossos Egos perfeitos e Mônadas completas, não haveria mais necessidade de reencarnarmos neste Plano de expiações e sofrimentos.

Muitos ainda não possuem nem mesmo o seu Ego (Ego aqui quer dizer a Síntese de 12 Mentis de uma Família Espiritual). As pessoas que não se reencontraram ainda com seus pares, dentre os 12, são consideradas Almas ou Personalidades Soltas. Entretanto, todas caminham para o mesmo sentido e, por isso, se diz: perante AMON (DEUS), somos todos iguais. A diferença está, tão somente, no tanto que caminharam ou no tanto que ainda terão que caminhar.

Todos têm garantido o seu lugar à mesa do Senhor. A Humanidade toda é formada por Famílias Espirituais.

Compreendido o conceito de Família Espiritual, queremos dizer ainda que AKRON é o nome dado à nossa Mônada e ao nosso Ego – em homenagem ao Venerável Hierofante do 7º Ponto – e, ao mesmo tempo, o nome do Faraó que viveu com seus filhos, há 5.000 anos, na 2ª Dinastia do Egito. Esse Sacerdote apresentou-se na época atual, para todos nós, com o nome de AKRON. Para os seus filhos e para os demais que estão sob sua proteção, Ele é o Mestre, é o Pai e é o nosso Avatar. Ele será todos nós reunidos numa maravilhosa Síntese.

Um nome pouco importa. O verdadeiro Iniciado jamais haverá de pronunciar ou ouvir o seu nome pronunciado. O som de sua identidade pertence somente a Ele.

A FALA DE ZORNAY

Estamos no 5º ano do reinado do MANU, que AKRON chama de MENHENÉS, quando um jovem radioso surge na Casa da Vida, no Templo de AMON, em Mênfis. É RAMIS, com a cabeça completamente raspada, cheio de pureza, de amor, de fé no Ser Humano e consciente da sua grande veneração e amor pelo seu Deus – AMON. O moço descende de uma misteriosa linhagem e, como tal, é herdeiro de uma tradição viva daquele tempo: tornar-se um participante do não menos misterioso Conselho Secreto dos Vinte e Um. Até então, havia vencido todos os exames de que carecia na época para frequentar a Casa da Vida, como aspirante ao título de Noviço ao Sacerdócio. É ainda uma criança, com os seus 14 anos, cheio de entusiasmo e empolgação.

RAMIS galgou rapidamente todos os Graus Iniciáticos. O seu exemplo, a sua conduta, o seu caráter, a sua moral e, sobretudo, o seu amor por tudo e por todos contagiaram aqueles que com ele conviviam.

É necessário dizer que, naquela época, mesmo dentro dos mais secretos escrutínios das Sabedorias Ocultas, homens de mentes deturpadas já tomavam a Doutrina e a Sabedoria em prol dos seus próprios interesses.

Esse motivo levou RAMIS a lançar seu primeiro grito de rebeldia. Empolgado pela própria revolta, lançou um apelo aos Sacerdotes de bem: cerrar fileiras em torno do seu Hierofante – o Santo Sacerdote AKRON.

AKRON, nessa época, exercia o posto de Hierofante Sumo Pontífice do Faraó MENHENÉS. É um posto de sacrifício.

RAMIS prostrou-se aos pés de AKRON, que o tocou para erguê-lo. O gesto é proibido, pois a um Hierofante é vedado tocar em qualquer mortal. Pouco importou; AKRON tocou em RAMIS.

Era a primeira vez que conscientemente se presenciava uma cena como aquela: o Sacerdote ergueu-se radioso de luz, esplendoroso na sua consciência de honestidade. Agora foi a vez de AKRON prostrar-se aos pés de RAMIS e, envaidecido, oscular a poeira da areia que ele pisava.

RAMIS chorou; suas lágrimas ardentes rolaram pela face e uma gota tépida do calor do abrasamento do homem caiu na nuca do Santo Hierofante. RAMIS quis falar, mas a emoção embargou-lhe a voz. O Venerável AKRON havia encontrado um homem cujo espírito, naquele momento, era maior que ele – AKRON.

RAMIS criou as Tábuas da Lei da Casa da Vida, baseado no profundo estudo dos conhecimentos legados por OSORÁPIS.

O Santo Sacerdote do Conselho Secreto dos Vinte e Um, pela sua humildade, ficou conhecido como o bondoso Sacerdote RAMIS. RAMIS é o nome que o povo bradava quando aquele Sacerdote esguio, nervoso, ágil, irradiando amor, trazendo na mente a Sabedoria de OSORÁPIS, derramava sobre o povo egípcio o que o seu espírito puro recebia a mancheias. RAMIS tinha receio de que o Conhecimento ficasse perdido.

Mas, quando RAMIS presenciou um Sacerdote ainda não ordenado, um homem ávido de curiosidade e de saber, demonstrando também um gesto de rebeldia passiva diante do Hierofante AKRON – como ele tivera um dia –, reconheceu, com a sua extraordinária faculdade de enxergar além daquela cena, a consciência de Menhenúfis, que o transportou para a certeza de que nada estaria perdido. Menhenúfis mostrou a todos que, na dureza dos Conhecimentos, algo vibrava, algo nos comunicava que a Sabedoria teria que ser dada, sem nada exigir em troca.

AKRON, desejando conservar Menhenúfis junto a si como um filho, denominou-o, desde aquele momento, o seu Acólito Permanente. E quando AKRON foi o substituto do Faraó MENHENÉS e assumiu o trono do Egito, acumulando os cargos de religioso e profano, Menhenúfis foi designado Sombra do Faraó AKRON. Também Menhenúfis acumulou o cargo de Acólito Permanente do Hierofante com o de Sombra do Faraó AKRON. O caminho dos dois homens foi o mesmo naquela época, até o dia em que este Faraó foi sacrificado pelo fogo.

Quando Menhenúfis foi retirado da Casa da Morte pelo Faraó Aktóthis, chegou ao cargo de Sumo Pontífice Hierofante. Foi então que ele regulamentou e impôs aquilo que faltava. O digno Hierofante Menhenúfis dividiu tanto amor, que o amor dividido foi mais amor. “O AMOR DIVIDIDO É MAIS AMOR” é o lema da Fraternidade que AKRON criou, para deixar como herança aos seus filhos. E mais, AKRON deu a essa Fraternidade o nome de “Menhenúfis”.

Ainda hoje, quando alguém rebusca nas areias cálidas do deserto à procura de alguma coisa que aumente a sua cultura no conhecimento do passado, encontra em cada estela, em cada amuleto, em cada inscrição, o toque mágico de RAMIS, que Menhenúfis mandou gravar. O Sacerdote Escriba Amenhotep soube tão bem transcrever em papiros, por ordem de Menhenúfis, as palavras ardentes e radiosas de RAMIS, que estas perduram através dos tempos.

Na época atual, AKRON está dando continuidade à Escola criada por Menhenúfis, para homenagear a Fraternidade, que possui o espírito radioso e belo do nosso dileto Menhenúfis.

Na sua velhice, o Sacerdote Hierofante ainda cuidava daquele povo desamparado, doentio e vítima de uma política ambiciosa dos seus Faraós.

Sem nunca ter uma palavra de desagrado nem um gesto de impaciência, Menhenúfis saiu em direção a uma imagem de AMON, que tinha acabado de ser lavada. Prostrado aos pés de

AMON, entregou sua alma a ANÚBIS. Apenas uma Sacerdotisa o amparou nessa hora derradeira. Ninguém mais encontrou Menhenúfis, porque o Venerável AKRON o levou desmaterializado para a nave que se encontrava debaixo do ventre de HARMAKIS-KHEPEPERA (a Esfinge).

AKRON recolheu o último filho, pois não deixaria que ninguém ficasse no Egito e, muito menos, que ali permanecesse embalsamado.

Esta é a história do Patrono da Fraternidade de Menhenúfis, à qual pertencemos. Esta é a história de RAMIS – alma irmã de Menhenúfis –, que me levou pelas mãos ao encontro dos acontecimentos de há 5.000 ciclos de *Rá*, que passaremos, ele e eu, a transmitir nesta Obra.

A ambos, RAMIS e MENHENÚFIS, quero registrar com orgulho a minha homenagem e a minha gratidão.

Brasília, 18 de fevereiro de 2002.

ZORNAY

O EGITO E O DIGNO FARAÓ AKRON

O ilustre Faraó AKRON da 2ª Dinastia de há 5.000 anos desejou que o Palácio Real fosse transferido e instalado em um bloco de diversas câmaras, próximo ao templo de AMON. Assim foi feito para que o Faraó, que também era o Venerável Hierofante, tivesse as Suas acomodações, lado a lado, com as do Templo e as da morada oficial. AKRON – o Faraó –, na Sua humildade, contentar-se-ia com esses aposentos, bem mais simples e austeros.

O antigo Palácio Real, outrora a grande glória do Faraó MENHENÉS – o último descendente de uma linhagem sem conta deles, pertencentes à 1ª Dinastia do Egito –, foi conservado apenas nas dependências que serviam para as recepções festivas, das quais AKRON, como Rei, não poderia fugir. Tinha logicamente que cumprir com os deveres de anfitrião, de acordo com a rigorosa tradição do Egito Antigo.

Muitos outros palácios reais estavam espalhados por todo o reino, nas áreas dos seus Templos. Eram suntuosos, cheios de esplendor, e sustentavam a enorme riqueza que o País de Kam possuía. Representavam o grande orgulho dos egípcios.

Mas a residência oficial do Rei ficava em Mênfis. Por isso, ali foram feitas modificações que passamos a conhecer somente agora, após tanto tempo.

As obras foram executadas como uma reforma, aumentando-se aqui e ali, no que já existia naquela parte junto do Templo. Elas foram rápidas e saberemos suas disposições durante a narrativa.

Entre o Templo e a nova morada real havia um corredor enorme a céu aberto. Nesse corredor foi colocado um lago artificial que, abençoado, passou a ser sagrado. Era um tanque pequeno, retangular, cuja largura se media, de um lado ao outro, por duas ou três passadas de um homem.

O tanque ficava defronte a uma abertura já existente na parte correspondente ao Templo. Após ele, na parte referente ao Palácio Real, foi feita outra abertura para ligar as duas entradas, que ficavam separadas apenas por esse Lago Sagrado. A abertura do lado do Palácio era pequena e guardada por um sacerdote de menor grau. Do outro lado, a abertura do Templo era guardada por Akhepertiti – Sacerdote do 5º grau.

Após ouvir essas explicações de RAMIS, pareceu-me estar separada dos acontecimentos, acompanhando-os do lado de fora. Pareceu-me também que RAMIS tomava minhas mãos e me guiava pelos caminhos dos acontecimentos.

Ao mesmo tempo, eu estava lá, presente na figura do Faraó e mesmo na figura de todos que fazem parte desta história; juntos e separados, se isso for compreensível.

Vi uma cidade de proporções tão grandes, que se perdia de vista. Toda murada, cheia de prédios sempre baixos, serpenteando-se para o interior da Terra, em subterrâneos da mesma extensão dos prédios, mas com divisões diferentes das de cima. Era a cidade onde ficava o Templo de AMON em Mênfis.

Os muros do Templo continham abertura para a entrada e a saída, todas elas muito bem guardadas. Todos os prédios sustentados por colunas tais que, para abarcá-las, seriam necessários sete homens adultos, de mãos dadas.

Do lado de fora do muro – por uma das aberturas de saída – observei o rio Nilo, não muito próximo nem distante. Vi também, do outro lado das margens do Nilo, a cidade de Mênfis, na sua continuidade.

Nas margens do rio que, muito a propósito, era chamado de “Rio da Vida”, vi a população egípcia que ali residia e trabalhava. Somente ali, nas margens do magnífico rio, os egípcios se instalavam com suas famílias e rebanhos. Tudo resplandecendo sob um sol ardente, no verdor das plantações, na beleza dos seus moradores, com uma limpeza impecável.

Dentro dos muros do Templo, em Mênfis, o movimento de pessoas fervilhava, desde bem cedo, às primeiras horas do dia.

Tudo que pertencia ao Templo e os que residiam ali — Sacerdotes, Sacerdotisas, Vestais, ilustres dignitários do séquito real ou do culto daquela religião — ficavam dentro da mesma área do Templo.

O que eu via era como uma cidade dentro de outra cidade: a de fora dos muros e a de dentro dos muros. A de dentro, muito mais requintada, numerosa e cheia de aparatos e tradição. Desde o mais humilde serviçal até o Grandioso Faraó, residiam todos ali, divididos sempre por hierarquias rigorosamente respeitadas.

O trabalho nas construções era permanente. Com pedras, os serviçais aumentavam os prédios, conforme as necessidades da comunidade.

UM RITUAL

RAMIS levou-me dali e eu vi, numa sala do subterrâneo, a cena de um Ritual.

O Venerável Hierofante, todo paramentado, estava sentado numa banquetta em frente e à esquerda de uma pira acesa, do tamanho mais para grande do que pequeno. Do outro lado, também em frente à pira, do lado direito, estava sentada a Sacerdotisa-Chefe chamada Nefáris, toda paramentada para um grande evento. Entre AKRON e a Sacerdotisa só existia a Pira Sagrada.

Acolitando o Grande Sacerdote estava Menhenúfis de um lado e, do outro, Akhepertiti. Os acólitos também se encontravam sentados. Por detrás deles, mais cinco Sacerdotes em posição de ioga egípcia, de pé, com os braços cruzados sobre o peito — um deles logo atrás de AKRON; os outros quatro, de dois em dois, formavam um quadrado.

Na mesma posição e disposição, Nefáris, sentada, era acolitada por Noréia e Andayah, ambas também sentadas. Do mesmo modo e na mesma posição dos homens, estavam mais cinco Sacerdotisas por detrás da Grande e Sábia Sacerdotisa-Chefe.

Menhenúfis entregava nas mãos de AKRON rolos, muitos deles, de papiros escritos em hieróglifos. O Grande Sacerdote e Iniciador de Almas passava os rolos, um por um, sobre o fogo da Pira Sagrada e pronunciava palavras em sânscrito. A seguir, devolvia-os por cima da pira, também um por um, para as mãos de Nefáris.

Ela, por sua vez, entoava sozinha palavras em sânscrito para, após, jogar os rolos, um de cada vez, no fogo da pira.

Queimavam-se rapidamente e levantava deles uma fumaça esbranquiçada. Era como uma nuvem subindo da pira, dividindo-se em dois fios grossos, que entravam: um na testa do Sacerdote AKRON; outro, da Sacerdotisa Nefáris — na altura do Olho de HÓRUS (entre as sobrancelhas).

Do meu posto de observação, comecei a sentir-me muito triste, sem compreender o que se passava. Mas RAMIS, que estava ao meu lado, disse:

— Não se preocupe. Um dia tudo ressurgirá das cinzas, como o Escaravelho Sagrado. A Missão é de AKRON, a Obra é dos Homens. Isso quer dizer que ao Grande Hierofante compete salvaguardar a Sabedoria Divina contida nos Papiros; e aos homens, seus filhos, compete recebê-la e difundi-la. Em todas as atitudes do Hierofante existem sempre duas interpretações: uma profana e outra oculta. Falaremos ainda sobre essas interpretações — arrematou RAMIS.

Ao mesmo tempo em que eu ouvia a explicação do querido RAMIS, a voz do Venerável AKRON elevava-se e dava como terminado o ritual, dizendo:

— Um dia, esta Sabedoria ressurgirá das cinzas, como o Escaravelho Sagrado que, também por várias vezes, foi queimado. Jet ANÚBIS!

RAMIS disse:

— O Ritual da queima dos Papiros foi realizado em noite de lua cheia. NUT, como é chamada a Lua pelos egípcios, constrói um perpétuo ciclo de vida e de morte. Os ritmos lunares estão vinculados com os mais profundos, ocultos e enigmáticos mistérios da vida no planeta Terra. Portanto, se meditarmos sobre a energia lunar relacionada com o Ritual a que assistimos, alcançaremos a glória do entendimento sobre a Força incontida da manifestação da Divina ESCETH (a Mãe Cósmica), relacionada com a própria Lua e, muito e muito, com a mulher.

Acabando de ouvir a fala de RAMIS, estou próxima à saída do Templo, de onde o Grande Faraó irá para os seus aposentos reais, ali bem ao lado. Entretanto, a distância não é assim tão pequena. O cortejo andaria por mais ou menos uma volta do relógio d'água (uma hora). Pude calcular, naquele dia, uns quarenta minutos.

Pela abertura no muro que dava acesso direto ao Templo de AMON, as pessoas de fora dos muros tinham permissão para entrar, a fim de verem de perto o seu Faraó.

Na saída, ajudado por alguns Sacerdotes de AMON, inspecionado por Menhenúfis, AKRON calçava as suas sandálias. No recinto sagrado do seu Templo, o Sacerdote estaria com as plantas (pés) diretamente em contato com o chão, sempre descalço.

Ouvi o burburinho do movimento, da correria, de um lado para o outro, das pessoas que ali se encontravam. Todos buscavam a oportunidade de se aproximar de AKRON.

Ele vinha com Menhenúfis ao lado, dentro de um círculo fechado por sua guarda pessoal. Outros da mesma guarda espalhavam-se ao redor daquele círculo, misturando-se os soldados com o povo e também com os Sacerdotes, Sacerdotisas e serviçais. Era o movimento característico do começo de mais um dia.

— Para o Venerável Sacerdote, o dia já havia começado há muitas horas, dentro das suas obrigações de Hierofante no interior do Templo — disse-me RAMIS, que me acompanhava.

O Faraó, numa indumentária pitoresca — pelo menos para mim, que nada queria perder —, trajava apenas o peitoral de pedrarias vistosas e uma tanga por debaixo do saiote de puro e impecável linho; sobre a cabeça raspada, uma coifa simples e as já citadas sandálias, muito bem confeccionadas com apetrechos em puro ouro. Menhenúfis vinha com idêntica vestimenta, mas o peitoral apenas engomado e o resto sem requinte algum; mesmo as sandálias eram feitas, tão somente, de couro cru.

Apesar das poucas horas de sono, o ilustre Faraó estava sorridente e pareceu-me até bem feliz.

Repentinamente, o Rei virou-se para o lado do povo alvoroçado, abriu caminho do círculo até as pessoas e, quebrando o rígido protocolo exigido, deixou que as pessoas Dele se aproximassem.

O alarido e a correria, agora, eram de Menhenúfis e dos guardas atordoados, o que me pareceu hilariante.

Alguns se aproximavam apenas para uma saudação, outros para pedirem ou suplicarem os mais variados desejos. Menhenúfis procurava conter os mais afoitos, e o Faraó permanecia com a sua meiguice, atenção e bondade.

Ouvi de RAMIS, ao meu lado, que, de quando em quando, AKRON aprontava uma dessas. Achei graça. Aquilo tudo me era tão familiar!

Tratava-se, na realidade, de um Faraó *sui generis*, tão diferente de quantos houve após Ele! Em momento algum, o Rei pensou em monumentos ou obras majestosas que marcassem o período do Seu Reinado.

RAMIS, muito falante, foi explicando:

– Nosso Venerável AKRON sabe a sua Missão. Tornou-se sereno quando descobriu que MENHENÉS designou-o para o cargo honroso de Faraó, para que Ele continuasse Seus escritos sobre a Sabedoria Divina, já que era o Seu Hierofante; portanto, bem à altura dessa Missão. Para tanto, o recurso material seria de grande importância e conseguido somente por um Rei.

Sobre o falatório de Menhenúfis, AKRON costumava dizer:

- Como sois falante, Menhenúfis!
- Incomodo-Vos com o meu falatório, meu Rei?
- Não, dileto Menhenúfis. Eu me divirto com as vossas conclusões, às vezes um tanto confusas.

Então, por minha vez, retruquei:

— Ora, meu querido RAMIS, eu tenho Menhenúfis como a minha proteção no presente e também nessa jornada pelo passado, que não sairá nunca do mesmo lugar. É maravilhoso ouvi-lo falar.

Nesse mesmo instante, AKRON — o Faraó — chegava aos Seus aposentos reais. Sempre guardado, subiu os degraus de pedra em frente ao espaço que antecedia o salão de recepção. Nesse patamar bastante espaçoso estavam sentados, em almofadas feitas de linho cru e enchidas com fibras do trigo desfiadas e secadas ao sol, aqueles que tinham audiência naquela manhã. Nada de tão importante que retivesse o Faraó ali.

Por isso, Menhenúfis deteve-se naquele patamar, com a finalidade de atender as pessoas, em nome de AKRON.

O patamar da entrada era mais comprido do que largo e tinha o piso bem vistoso e lustroso, feito de terra batida misturada com resina de plantas e com enfeites de lascas de pedras semipreciosas e coloridas, colocadas umas distantes das outras. Passada por cima a resina vegetal, o piso ficou bem liso. As almofadas estavam empilhadas pelos quatro cantos daquela entrada, e cada um se ajeitava como lhe era indicado por alguém que o recebia.

Na entrada para o salão, pelo lado de dentro, sete guardas permaneciam esperando o tempo determinado para a troca da guarda. Fechariam, quando necessário, aquela entrada com os seus corpos. Era essa a única entrada para todas as salas do recinto, por isso mesmo muito bem vigiada. Fiquei cheia de curiosidade sobre aquelas salas.

O ESBOÇO DA CARTILHA INFANTIL

RAMIS disse-me:

– Vamos acompanhar o Rei para não perdermos as suas instruções. Pressinto para hoje, minha querida, algo de muito importante.

Retruquei:

– Meu amigo, por que você não pronunciou nem uma vez o meu nome?

– Vamos, vamos logo...

E foi levando-me para a direita do salão de recepção sem responder. Ali havia uma entrada que dava para outra sala bem grande, porém menor do que a da frente. Era o salão de reuniões.

AKRON já havia transposto essa entrada. Lá dentro estavam pessoas – um grande número de Sacerdotes Escribas que assessoravam o Faraó nos Seus escritos, na Sua missão.

Logo notei os rolos de papiros preparados, como à espera do seu destino, espalhados sobre a mesa. Vi que a escrita em hieróglifos estava perfeita – era elucidada por esboços de desenhos, também perfeitos e vistosos. Olhei para o meu companheiro de viagem, a fim de interrogá-lo sobre aqueles papiros, mas RAMIS fez um gesto para silenciarmos.

Menhenúfis, voltando, entrava naquele momento no recinto e conversou em voz baixa com AKRON. Falavam a linguagem do povo – um dialeto. Nem prestei atenção ao que diziam, pois me pus a examinar ao derredor e vi que o recinto era retangular,

bem espaçoso, com uma mesa enorme, em pedra, no centro, rodeada de banquetas. Havia muitas outras semelhantes, também de pedra, por ali espalhadas. Tanto a mesa quanto as banquetas tinham detalhes ou arremates em ouro.

Somente quando o Faraó solicitou a Menhenúfis que chamasse o Grande Escriba de nome Épil, foi que se sentou em uma das banquetas, defronte à mesa. Então, só aí, os Escribas foram tomando os seus assentos. Destacava-se, entre eles, o Escriba de nome Dhiram – Sacerdote de grau menor.

– Quem é ele, meu caríssimo RAMIS? – perguntei, enquanto todos aguardavam a chegada de Épil.

Dhiram olhava impacientemente para cima, em direção à grande claraboia, talvez desejando que por ela entrasse mais frescor, pois a claridade do sol iluminava e castigava fortemente todo o ambiente.

Dhiram tinha o corpo franzino e sua ascendência não era puramente egípcia. O seu sangue tinha mistura de outros povos. Ele continuava a buscar frescor, olhando para os abanadores oficiais com um jeito de súplica. Dhiram parecia um verdadeiro egípcio, apesar da origem estrangeira, e aparentava também ser bastante jovem.

Ouvi de RAMIS – o meu companheiro:

– Minha diletta, Dhiram é alegre, despreocupado e, acima de tudo, um boêmio.

– Boêmio? Como? – perguntei.

– Você ainda saberá. Entretanto, conquista a todos com facilidade. Leva uma vida bastante extrovertida e possui muitos amigos. Dhiram, caríssima irmã – continuou falando RAMIS –, é, acima de tudo, um grande artista. O seu dom para a Arte é tudo o que lhe interessa. É o maior entre os maiores Mestres de Arte. Seu toque, quando revisa um trabalho, é magistral. É um homem que pode transmitir a qualquer tema convencional

a sua magia inconfundível. A própria madeira, em suas mãos, treme... parecendo viva! E tem mais, de um trabalho em pedra aprovado por ele, costumava-se dizer: “Sim... o Mestre Escriba está inteiro ali. É realmente estupendo!” Mas veja! Lá vem Épil, o Grande Chefe Escriba. Esse, dileta, é um Sacerdote de Alto Grau e está acima do Escriba Dhiram.

Vi, então, um homem alto, moreno azeitonado, nem velho nem moço, cabeça e rosto raspados, e de poucas palavras.

RAMIS disse-me, apressado:

– Este entende do seu trabalho; é um exímio profissional. Desde a abertura de uma obra escrita até o seu término, não existem segredos para ele.

Épil já tinha cumprimentado o Faraó e, saudando os outros com um movimento de cabeça, só se sentou quando foi convidado pelo Rei.

Menhenúfis – Sombra do Rei – não foi convidado a sentar-se. Pelo contrário, AKRON pediu-lhe que se retirasse.

Olhei admirada para o meu companheiro – a minha sombra – e este logo retrucou:

– Foi assim mesmo que aconteceu. AKRON quer poupar a vida de Menhenúfis. Por isso, não deseja que ele participe da reunião, para que ignore o assunto daqueles escritos.

Interessante!... Entendi que ali tinha início uma trama inevitável e insidiosa. Era a trama de uma Família Espiritual.

Ninguém mais recuaria. As areias do deserto recomeçaram a se movimentar e eu senti um frio súbito. Estávamos prestes a descobrir o encoberto. Haveríamos de desnudar cada um dos participantes perante eles próprios e perante os deuses de todos os Tempos, sem culpas e nenhum receio.

Estávamos – meu grande amigo RAMIS e eu – assistindo a fatos acontecidos há 5.000 ciclos de *Rá*. Eu estava sendo levada

a enxergar o âmago das histórias, e o dileto RAMIS fazia um grande esforço para traduzi-las para mim.

A minha alma (*bah*) silenciosa fazia com que me esquecesse de mim própria, provocando angústias na relação entre o que eu sentia e o que eu pressentia. No meu silêncio, pensei: “A nossa vida é o reflexo do nosso estado de consciência. Busquemos, no íntimo da consciência, a dimensão espiritual das nossas existências.”

Quando um Guru, como o dileto RAMIS, vem ao nosso encontro e nos faz um apelo para a necessidade de despertarmos, a fim de podermos dar um sentido à nossa existência para compreendê-la e dirigi-la com os nossos próprios pés, haveremos de dobrar os joelhos e venerar os quatro Senhores do Karma.

Como diria o nosso Venerável Mestre AKRON:

“Avante, de cabeça erguida, peito ao vento, ao encontro do passado distante que subsiste em nós. Libertos num amálgama perfeito, experimentaremos a plenitude da Paz, e a Luz da Divina ÍSIS invadir-nos-á como partículas de luz, reconstituindo cada átomo de todas as nossas infinitas existências.”

Fiquei ainda por longo tempo pensativa, com o coração cheio de compaixão. RAMIS tinha os olhos sombrios e o rosto perturbado, enquanto os acontecimentos se desenrolavam à nossa frente.

Épil continuava, junto com os demais, atento, como um homem bem educado; um homem de destaque naquele Reino, com o rosto exibindo arrogância. A sua face magra iluminava-se com a compreensão do que ouvia: papiro por papiro estava sendo aberto sobre a grande mesa, e AKRON, incansável, explicava... explicava a Cartilha Infantil.

Fiquei maravilhada com o que ouvia, mas nunca se pode fazer justiça sobre tudo amplamente, numa simples explicação.

AKRON fez uma pausa... Disse, a seguir:

“Alegra-me que os Digníssimos Escribas, meus assessores, como verdadeiros artistas, anteponham-se, da maneira mais extraordinária, ao futuro certo e glorioso desta Obra. Estes Papiros são como o Nilo, que banha muitas terras. São fontes de Sabedoria.”

Olhou inquisitivamente para Épil, e este aprovou com a cabeça e um sorriso encorajador, que não iludiu o Faraó. Como conhecedor do nosso ambiente físico, AKRON sentiu, através da realidade na mente de Épil, que todos os envolvidos na confecção daquela Obra mergulhariam num fluxo de experiências externas e internas e viajariam ao longo da trama prestes a manifestar-se.

Com esse sentimento, AKRON, sabiamente, passou a agir como se cada instante de Sua vida fosse o último. Fez daquela situação um eterno presente, tempo esse que chegou até nós, na nossa época atual. Assim, a Sabedoria seria preservada nesse eterno presente.

AKRON havia sacrificado no Ritual, ao qual eu assistira, todos os Papiros da Sabedoria mais elevada e contada desde os seus primeiros dias. Agora eu compreendia. Compreendia que, naquele ritual, o Sacerdote Hierofante salvaguardava os Seus Papiros, pois que perdê-los significava o fim dos nossos destinos e das nossas mais vivas necessidades e aspirações espirituais.

Com o Seu Poder sobrenatural e Suas percepções incomuns, AKRON sentiu que não deveria continuar com aquela reunião infrutífera. Por isso, depois de agradecer aos presentes, convidou Dhiram e Épil para se dirigirem a uma sala ao lado. RAMIS e eu acompanhamos o Trio e entramos pelo lado direito do salão de reuniões – uma sala bem menor, que é o recinto para os encontros particulares do Faraó.

Ali, o Faraó naturalmente se sentia aliviado do peso daquela sombra, que rondava o final da Sua existência e o final do Seu reinado.

De uma só olhada, vislumbrei a sala: era quadrada, bastante aconchegante e simples. Tinha uma mesa redonda de madeira, com somente duas banquetas, também de madeira. Nos quatro cantos havia pequenas piras que, dependuradas, quase chegavam ao chão, para se queimarem ervas aromáticas de aromas pungentes.

Quando entramos, a sala estava sufocante pelas ervas que haviam sido colocadas ali.

Meu companheiro e eu nos colocamos de maneira a nada perder. Notei certa ansiosidade em RAMIS. Ele confienciava-me que, em época passada, não havia presenciado aquela reunião. Portanto, seria muito natural o seu anseio naquele instante.

Disse-lhe, então:

– Ora, meu caro, as conversas estarão aqui eternamente.

Foi só o que pudemos conversar. A história do nosso elo com o passado remoto começava a ter sua continuidade.

Como herdeiro de uma longa cadeia de Divinos Instrutores que remonta a uma época sem tempo, concentrando-se num rito mental, AKRON convocou a assistência desses Antepassados. Comprovando a relação profunda entre eles, RAMIS e eu vimos, espantados, a figura radiante de MENHENÉS – o tio de AKRON –, cheio de energia de Luz própria e magnífico na Sua apresentação abstrata.

O espectro de MENHENÉS acomodou-se numa das duas banquetas ao redor da mesa. Imediatamente, o Faraó acomodou-se na outra banqueta, ficando de frente para o seu muito Amado Pai Espiritual – o Grande MENHENÉS.

Épil, sempre de pé, postou-se à direita de AKRON; Dhiram, à sua esquerda, também de pé, ladeando o Rei.

MENHENÉS, dotado de um Poder fantástico, envolvia o Faraó – Seu Sucessor – com uma Luz intensa, cujo calor era aceito e acolhido por Ele. AKRON sentiu-se indestrutível, numa

mistura de Paz e Poder. Súbito, de volta à realidade, sentiu toda a dificuldade, ali mesmo, nos pensamentos de Épil: “Todos os assuntos sobre a Sabedoria Superior, até então, nunca haviam sido gravados com o intuito de torná-los públicos. Como poderia o Faraó estar fugindo a esta regra tão antiga, que vinha desde TOTH? Acredito até que esses Papiros possam não ter o valor e a importância que lhes dá AKRON.”

Fiquei paralisada quando me peguei acompanhando, palavra por palavra, o pensamento de Épil.

– RAMIS, meu dileto, eu li a mente do Grande Escriba! Garanto-lhe que li, de verdade.

– Ora, minha dileta, só agora percebeu que lê as mentes? Eu também li a mente de Épil, e preste atenção na tristeza de MENHENÉS e de AKRON.

Prestando atenção, vi a banquetta vazia onde estivera sentado o Grande MENHENÉS. Somente AKRON percebera a retirada do seu Antepassado, e pensou: “Nadaremos contra a correnteza do Nilo, mas haveremos de conseguir. O importante é não desistir nunca!”

A esperança do Sábio Hierofante estava ali à Sua frente: a Sabedoria de TOTH em linguagem infantil, para os Homens que teimavam em permanecer crianças!

Com esses pensamentos, AKRON teve a certeza de que necessitava conquistar o desagradável Épil para a realização da Cartilha Infantil. Sendo assim, pediu com humildade, mas com todo o empenho, que o Escriba tomasse sob a sua responsabilidade a feitura daquela Obra. Ainda lhe explicou com toda a paciência, mas veementemente, a necessidade daquele trabalho. Falou que a Cartilha Infantil era a sua última esperança naquela vida, quase por terminar, enfatizou o Faraó, pensando em atingir dessa maneira os sentimentos do Grande Escriba.

Nesse instante, a uma só voz, Épil e Dhiram exclamaram:

– Vida longa ao nosso Faraó!

Palavras soltas ao vento; apenas o protocolo. Após esses acontecimentos, ali mesmo, naquela sala, o Rei despachou longamente com os dois Escribas. Mais ouviu do que falou.

Dhiram nada tinha a questionar. Estava satisfeitíssimo por levar um grande trabalho para os seus Artesãos. Deixou para Épil todos os acertos sobre o assunto. Por isso, recebeu das mãos de Épil a relação, por escrito, das suas atribuições – relação essa, aprovada e selada pelo Faraó.

Dhiram teria que:

1º Transferir para a madeira, em formato de pequenas tábuas, os textos dos Papiros. Essas tabuinhas seriam reservadas, para serem ocultadas na Arca Sagrada do Grande Conselho Secreto dos Vinte e Um;

2º Após o trabalho dos entalhadores na madeira, a Obra seria gravada nas pedras dos subterrâneos do Templo de Denderah;

3º Todo o trabalho seria executado em cores;

4º AKRON – o Rei – exigia segredo sobre o assunto, até que a Cartilha ficasse pronta.

Para Dhiram não fez diferença alguma, porque ele entendia os hieróglifos, mas não alcançava a Sabedoria ali contida.

O Escriba-Chefe das Alas dos Artesãos só pensava na alegria dos seus comandados. Nessas ocasiões, o pagamento pelos serviços deles era muito compensador.

Épil ainda escreveu, recomendando que Dhiram levantasse a quantidade de madeira de que fosse necessitar, para mandar encomendá-la fora do país, já que não tinham mais reservas dela em seus depósitos. Levantaria também pelos canais competentes, no Tesouro Real, a quantidade do ouro necessário para o pagamento da madeira. Para o pagamento dos Artistas,

seria feito o levantamento só ao final da Obra. Verificaria também todos os instrumentos necessários para o trabalho dos Artesãos.

Tudo foi escrito – repito – e aprovado pelo ilustre Faraó que, naquela altura do encontro, pouco falava. O Rei recolheu-se na quietude da sua mente, como era seu costume.

De repente sentiu-se, vindo através da claraboia, um vento uivante, transmitindo aos ocupantes daquela sala a sensação de uma vibração bastante negra. Era uma tempestade de areia do deserto.

Épil e Dhiram apressaram-se em sair dali. Dhiram partiu convicto de que cumpriria a sua missão. Quantas vezes ele já havia participado? O Escriba perdera as contas! Curvando-se perante AKRON, saíram os dois bastante impressionados com a sensação de desconforto que sentiram ali.

RAMIS e eu fomos com eles. Antes notei, ao passar de volta pela sala maior, a sua continuidade para a esquerda. Havia ali uma passagem.

Sem nos determos, RAMIS explicou:

– Ali fica o cômodo de descanso do Faraó. É desprovido de qualquer coisa, a não ser o lugar reservado para as suas roupas; e, como cama, só uma esteira de fibras trançadas.

A continuidade dessa sala-dormitório dava para um cômodo anexo: o local privado para os banhos do Faraó e suas necessidades orgânicas. Diante da minha enorme curiosidade, RAMIS confidenciou-me:

– Ali, tudo é em ouro, e os seus apetrechos são limpos de hora em hora.

“Vejam só!” Foi apenas o que pensei. Alcançamos Épil e Dhiram já fora do prédio. Conversavam.

Notamos, rondando por perto deles, Menhenúfis – Sombra do Rei –, como a esperar uma brecha para conversar com Dhiram.

Dizia Dhiram:

– Passe-me isso, Épil. Deixe tudo por minha conta.

Épil atendeu o pedido de Dhiram. Nem bem partiu dali, esqueceu-se, por completo, daqueles Papiros. Confiava realmente em Dhiram. Para ele, a situação mostrava-se muito cômoda, por causa da grande competência do Escriba.

Foi então que Menhenúfis – Sombra do Faraó – alcançou Dhiram, tentando, com muita sutileza, convencer o Escriba a mostrar-lhe os Papiros. Não houve argumento que convencesse o Escriba Dhiram.

Não pudemos, RAMIS e eu, deixar de soltar boas gargalhadas. Disse-lhe, então:

– Logo ele, que sabe de tudo mais do que ninguém, passando por essa situação.

RAMIS retrucou:

– O interesse do nosso irmão é tão somente pelos Conhecimentos que ele prevê encontrarem-se ali.

Entretanto, ninguém poderia nos ver nem ouvir.

Por sua vez, Dhiram, receoso e apressado em cumprir a sua obrigação de resguardar os Papiros dos curiosos, rumou para seus aposentos, na Ala dos Artesãos. Lá, num cubículo disfarçado, havia uma pedra solta no chão, que dava para um buraco de tamanho razoável. Ali foram colocados os Papiros com a História Infantil.

Como os egípcios gostavam do interior! Tudo para eles era por baixo da terra, nunca para cima! Daquele esconderijo, muitos poucos tinham conhecimento.

O dia findava e Dhiram foi preparar-se para suas andanças noturnas, fora dos muros do Templo. A noite, para ele, era passada febrilmente em claro.

Por nossa vez, RAMIS e eu não iríamos perder nada do que acontecesse — fosse dia ou fosse noite. Voltamos para o salão de recepção no recinto real. “Agora, sim, poderei analisar esse salão de recepção do Faraó AKRON”, pensei.

RAMIS, cheio de paciência e também sem pressa — porque o Rei ainda estava em seu cômodo dos escritos (escritório), que ficava à esquerda do salão —, foi-me descrevendo a disposição daquele salão, que se situava logo após o patamar da entrada, local das almofadas.

Perto da saída, no lado de dentro, Menhenúfis — Sombra do Rei — aguardava pelo Venerável AKRON, conversando, agora em sânscrito, com os Sete Sacerdotes que guardavam aquela entrada. Esperavam pela saída do Rei para também buscarem os seus descansos, pois a noite já ia alta. Uma turma de serviçais também estava atenta para o início da limpeza. AKRON, distraído, a todos empatava, demorando-se.

Vi o salão cercado por banquetas de madeira e, no centro, afastada para os fundos do recanto, a banquetta do Faraó. Esta era de madeira talhada em desenhos coloridos, a única feita com três pernas (um tripé), e também era bem mais alta que as demais. Para o Faraó AKRON sentar-se, tinha que galgar dois degraus, também de madeira. Em cada um deles havia um desenho diferente: a cabeça de serpente num; o ovo, também da serpente, noutro. Eram símbolos relacionados com o Poder Temporal do Faraó. Os assentos de todas as banquetas eram redondos e, na que pertencia a AKRON, o assento tinha a figura do *Pink* e do Látego entrelaçados. Nenhuma delas possuía encosto e, por isso, todos se sentavam completamente eretos.

Ali compareciam pessoas, tanto egípcias quanto estrangeiras, para tratar dos mais diversos assuntos.

Em uma das banquetas — a primeira —, bem perto do Faraó, sentava-se sempre Menhenúfis, para tudo ouvir, tudo anotar e, após, discutir as matérias com o seu Faraó e colocar

tudo em execução. Eram questões como o resultado de vendas e compras no exterior e assuntos ainda mais graves, que eram tratados, com frequência, com o seu Chefe dos Exércitos – Subahajah – e outros.

O segredo das guerras entre países era tema de grande importância. O Faraó não admitia guerras. Para que não acontecessem, Subahajah tinha os meios de evitá-las. Ele usava a pirâmide preparada nos rituais, oficiados pelo Venerável Hierofante AKRON, com a finalidade de guardar as fronteiras egípcias. O modo de agir era o seguinte: em horário pré-combinado, Subahajah consultava sua pirâmide. Os assessores, nas fronteiras, também tinham suas pirâmides imantadas para esse fim. No mesmo horário – três vezes ao dia – todos se comunicavam entre si, cada qual dando notícia do seu posto de vigia, através de cores que vibravam de pirâmide para pirâmide com um simples toque do dedo.

O local ameaçado era logo comunicado aos outros, através de cores combinadas entre eles e que a pirâmide fazia brilhar. Esse local recebia, de imediato, o auxílio da Guarda, para assim os guerreiros evitarem a guerra. Com isso, os bravos soldados andavam insatisfeitos, parados, sem função.

Para Subahajah era o ideal, já que o seu tempo andava curto para a trama urdida com Karnak, de derrubar o Grande Faraó AKRON (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

Quando os assuntos a serem tratados eram oficiais – com estrangeiros e altos dignitários egípcios –, as reuniões tinham data preestabelecida, e AKRON preparava-se para essas ocasiões.

Então, era o momento dos Sete Homens Guardiões postarem-se na abertura de entrada. Ninguém mais entrava nem saía daquele local, enquanto o Faraó estivesse sentado em sua banquetta.

Depois dessa longa conversa entre RAMIS e eu, vimos que AKRON atravessava, já no escuro, o salão de recepção. RAMIS ainda arrematou as suas informações:

– O Rei, ao atravessar aquele lago, passará a ser, como por encanto dos deuses, o Venerabilíssimo Sacerdote Maior de AMON – o Hierofante AKRON.

– Vamos lá... vamos lá para junto do lago – dizia eu, puxando o meu companheiro.

Chegamos a tempo de ver Menhenúfis – Sombra de AKRON – tirando as sandálias do Rei, antes que Ele atravessasse o lago em direção ao Templo.

Impressionei-me de verdade com o desdém e, até mesmo, o rancor e a inveja perceptíveis no olhar de Akhepertiti para Menhenúfis, enquanto ficava no portal do outro lado aguardando o Venerável Hierofante, para secar-lhe os pés com uma toalha de linho.

Menhenúfis, de posse das sandálias, saía apressado pela frente dos prédios para deixá-las no Templo, a fim de serem calçadas no dia seguinte. Como foi dito, o Venerável Sacerdote andaria descalço o tempo todo, dentro do seu Templo, sozinho.

– Calma, minha amiga! Já sei o que deseja saber – disse RAMIS, antes mesmo que eu abrisse a boca. – Vamos por partes: Akhepertiti sente aversão por Menhenúfis, pelo amor obsessivo que nutre pelo seu amado Hierofante. Nada mais do que isso.

– Qual o porquê de lavarem os pés? – perguntei, ainda.

– Foi um ritual praticado todas as noites, em todas as saídas daqui para o Templo. Chama-se “Ritual do Lava-Pés.” E tem mais, minha amiga – continuou RAMIS, que sempre estava ao meu lado.

– O leito, todo de madeira entalhada, que pertenceu a MENHENÉS, encontra-se agora nos aposentos do Venerável AKRON, no Templo de AMON.

Naquela hora noturna, Menhenúfis — Sombra do Faraó — voltava para verificar a mesa dos estudos de AKRON, no escritório. Após colocar as sandálias do Rei no Portal do Templo, ele, quase sempre, retornava aos aposentos reais.

Nós — RAMIS e eu — o vimos voltando.

Não lhe cabia essa tarefa. Mas ele — Sombra do Rei — era incansável. Abdicava do seu tão merecido descanso noturno. Ali, Menhenúfis observava a limpeza; controlava para que nada de importante fosse posto fora, a fim de que não se perdesse um papiro sequer.

Magro, um pouco mais alto do que AKRON, jovem, com menos de 20 anos, a todos contagiava com a sua prestabilidade e agitação.

O escritório era o local onde Menhenúfis redigia os decretos, ordens, comunicações, tudo que AKRON tivesse de selar e lacrar no dia seguinte.

Lembrou-se RAMIS, o meu companheiro, de que o Faraó AKRON modificara muito os costumes da época, tidos por ele como bárbaros, como, por exemplo: o sacrifício da vida da Sacerdotisa-Chefe, em qualquer circunstância que fosse; o sacrifício da vida da primeira esposa do Faraó, quando este partisse antes dela para ANÚBIS; os diversos sacrifícios de vida e outros, impostos com enorme rigor às Vestais, principalmente à Primeira-Vestal. Elas tiveram, daí em diante — depois de completar a idade limite como Vestal —, o direito de ingressar nas fileiras das Sacerdotisas, bem como o direito de escolher um companheiro para si, que, contudo, deveria ser um Sacerdote. Sobre o emparedamento da vítima ainda com vida, AKRON o proibiu com veemência.

— Mas houve emparedamento naquela época — insisti com RAMIS.

— Sim, minha diletta. Apesar da proibição, os Sacerdotes de AMON e principalmente os que pertenciam ao Tribunal Temporal

costumavam, vez por outra, às escondidas, desobedecer a essas ordens. Nem mesmo o Rei e sua Sombra chegaram a conhecer esses desrespeitos. Mas, vamos andando – convidou RAMIS –, vamos ao encontro do Escriba Dhiram. Vamos, já que a distância para a Ala dos Artesãos é bastante longa – acrescentou o Sacerdote.

A CARTILHA INFANTIL

Chegamos... com a noite avançando, quase com RÁ (o Sol) despontando.

– Oh! – exclamei. – Veja só o nosso Dhiram! Se não fosse trágico, seria até engraçado!

Dhiram, vestindo roupas comuns, nada que se reconhecesse nele o Sacerdote, estava emborcado no chão, profundamente embriagado.

– O que faremos? – perguntou RAMIS. Mas ele mesmo continuou falando: – Perceba ali, naquele cubículo, o esconderijo de Dhiram.

Lógico, percebi de imediato. E RAMIS prosseguiu:

– Imagine que somente ele e a Sacerdotisa Harusah conhecem o seu segredo. Amanhã bem cedo haveremos de voltar.

– Como vai estar ele amanhã? – disse eu. Continuei:

– Gostaria de aproveitar o momento de agora e dar uma volta por aí, para recordarmos.

– Então, vamos...

Pusemo-nos a caminhar. Como a Lua estava escandalosamente linda, e o céu... todo escancarado de estrelas! É a noite no Egito e é noite de lua cheia.

Passeamos entre as colunas dos pátios descampados, com seus jardins, na sua maioria quase absoluta, artificiais. Uma enormidade de espaço descoberto, cercado de edifícios, todos eles sustentados por enormes colunas. Colunas essas, encimadas

por traves de pedras, entre uma e outra, tão espaçosas que pessoas passavam por dentro delas, arrastando-se.

– Quem poderia prever que, a partir dos meados da 3ª Dinastia, tudo por aqui já estivesse mudado? – disse RAMIS.

E continuou:

– Nas duas primeiras Dinastias, eram os Divinos que habitavam o Egito, vindos da misteriosa Atlântida.

– Pois é, quem diria! E supunha-se que, por causa das pedras, tudo ficaria intacto, mesmo com a retirada dos Divinos – disse-lhe eu.

De repente, eu me vi aturdida e amedrontada. Sim, tenho certeza, ouvi o rugido de um leão! Pareceu-me que a fera estava bem próxima.

– Dileta, você não se lembra dos leões? – RAMIS sorria com o meu espanto.

– Eu, não! Estou com medo, pois ainda não vimos a fera.

– Deve estar por aí e não vai aproximar-se, garanto; fique tranquila.

E explicou:

– Aqui em Mênfis, soltávamos, à noite, um ou até três desses bichos para a guarda noturna. Mas a fera fica mansa para os que conhecem o seu segredo. Repare que ele já se foi. Por quê? Você me perguntará. Os Grandes desse tempo, Sacerdotes e Sacerdotisas, conseguiam dominá-los à distância, usando, através de suas mentes, o hipnotismo. Os leões são treinados para obedecerem a esse comando mental.

– E se não obedecerem? – perguntei com teimosia.

– Pensando como você, muitos dos treinadores furavam os olhos das feras, que assim ficavam inofensivas. Não confiavam muito em resultados mentais e muito menos nos leões do deserto. O Sacerdote AKRON costuma dizer: “Deixem-se comer

pelo leão, mas não furem os olhos da fera.” Deve haver outra interpretação. Qual seria?! Você reparou com que rapidez ele se afastou? Foi a mente de um Sacerdote e a de uma Sacerdotisa que estão por perto, escondidos pelas colunas.

– Como você sabe?

– Pois tudo isso já aconteceu, minha diletta. Lembra-se?

– Pois, para mim, vai acontecer – respondi, embirrenta. — Conte-me, RAMIS, sobre esse Sacerdote e essa Sacerdotisa que você pressentiu.

– Bem, minha cara amiga, a Sacerdotisa é a Grande Harusah, e o Sacerdote é o Grande Conselheiro do Tribunal dos Cento e Onze, o Temporal. É Rabir que está à espera de Dhiram.

DHIRAM E RABIR

Comentei com RAMIS:

– Vai cansar-se exaustivamente. Ele sabe que Dhiram não virá?

– Rabir está acostumado aos atrasos e às ausências do amigo. Eles se conhecem muito, um ao outro.

Assim dizendo, RAMIS viu um dos muitos lagos artificiais ali existentes:

– Vamos nos banhar? Vai ser divertido...

Aproveitei a oportunidade e rebati:

– Jamais! Pois, como você diz, já aconteceu. Imagine só, não vou deixar acontecer por duas vezes. Lembro-me do afogamento de Nefáris, a Sacerdotisa-Chefe (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

RAMIS não gostou dessa recordação, mas não se deu por vencido:

– Jamais acontecerá outra vez; eu lhe juro pelos Deuses – declarou solenemente o meu dileto RAMIS.

– Acredito. Mas, de qualquer maneira, vou banhar-me no lago do “lava-pés” – resolvi.

– Você tem todo o direito, caríssima. Mas eu fico por aqui mesmo, neste refrescante lago. Aquele lago é todo seu e de mais ninguém.

Assim fizemos, e as horas foram passando. Quando voltei ao encontro do meu amigo, fiquei sabendo que Rabir havia se

banhado naquele lago, enquanto RAMIS se deliciava nas mesmas águas. Soube também ser este o hábito de Rabir: enganosos banhos, que todos pensavam ser banhos ritualísticos, de saudação a RÁ — o Sol —, logo de manhãzinha.

Ouvindo essa história, RAMIS e eu já estávamos a caminho da Ala dos Artesãos, para visitarmos o Escriba Dhiram.

ZOAH-RÁ E DHIRAM

Chegando à Ala dos Artesãos, vimos uma cena interessantíssima: Dhiram, todo refrescado por um banho, sem vestígio algum de bebedeira da noite anterior, parecia o Sacerdote mais santo daquela época.

Empinando a cabeça, parecia querer esticar o corpo para – quem sabe? – ficar alguns centímetros mais alto. Lá ia o Escriba, percorrendo as Alas e conclamando todos os Artesãos para uma reunião.

Reunidos e ouvindo o Chefe deles descrever a Cartilha Infantil, os rostos iluminaram-se de alegria.

Ouvimos, ainda:

– Vamos, todos nós, tratar de terminar o que resta do trabalho começado para, quando a madeira chegar, estarmos livres e preparados. É o que lhes digo: essa obra de AKRON caiu do céu, como pepitas de ouro.

– E quando chegará a madeira? – a pergunta foi uníssonas.

– Daqui a um ciclo de *Nut* (um mês) ou daqui a uns vinte dias, mais ou menos. Hoje mesmo, agora, saindo daqui, vou ter com os Emissários do Reino. Depende de quando poderão partir para buscá-la.

Encerrando, Dhiram chamou o Artesão Zoah-Rá para uma conversa ao pé do ouvido. Estávamos atentos, RAMIS e eu.

– Zoah-Rá, meu dileto filho, poucos são os homens, dentre as centenas de artesãos, que têm, como você, o suficiente discernimento para procurar a perfeição dentro da sua Arte: o

desenho e a pintura. E, dentre esses poucos, raros são os que conseguem sucesso. Você conseguiu.

– Sou grato a você, meu Mestre – balbuciou Zoah-Rá.

– Quero que neste trabalho, nele todo, o traço seja seu. Os outros forçosamente terão que copiar a sua Arte. Esperemos, então.

– Posso saber onde está a obra do Faraó AKRON? – insistiu o discípulo.

– Não. Somente no momento exato eu lhe entregarei os Papiros.

Assim falando, lá se foi o Escriba-Chefe ao encontro dos Emissários do Reino, todo empinadinho, como um Grande Sacerdote.

RAMIS e eu acertamos que ficaríamos ali mesmo, esperando a volta de Dhiram. Raciocinamos: se os Papiros estavam ali, seria dali que tudo começaria.

– Temos muito para nos divertirmos por aqui, no meio de tantos Artistas – comentei. – Será que Zoah-Rá é filho ilegítimo de Dhiram? – perguntei, indiscretamente, ao meu amigo.

– Quem poderá saber, se há 5.000 anos ninguém soube?

– Ora, poderemos penetrar na mente do Mestre Escriba...
– disse, por minha vez.

– Não e não...! Não haveremos de desenterrar mais do que o permitido. Está bem?

– E, quanto é o permitido? – insisti...

– Não sei – foi a resposta rápida de RAMIS.

Da minha parte, se não fosse o talvez, poderia até afirmar que Dhiram foi o pai carnal de Zoah-Rá. Talvez... quem sabe? Sabemos, com toda a convicção, que Zoah-Rá conseguiu ser um digno e maravilhoso Artista.

Presenciamos a volta de Dhiram, que comunicou a todos que dentro de dois dias os Emissários partiriam do Egito em busca de madeira.

Anoitecia. Então, a cena da noite anterior repetiu-se: Dhiram, esmerando-se na vestimenta comum e nos aromas das ervas perfumadas, preparava-se para sair. E nós também haveríamos de sair com ele, com certeza.

Prontos e de partida, estávamos nós três. Ao caminharmos para a saída, o Escriba voltou-se e deu uma olhadela para a ânfora que continha a bebida alcoólica – vinho de palmeira.

Instintivamente, pensei em intervir. Como um relâmpago, RAMIS disse:

– Já aconteceu há 5.000 anos. Não adianta mais. Vamos aguardar.

Aguardei, mas fiquei paralisada. “Será que iríamos perder mais uma noite de nossa missão?” Pensei. Não perdemos a noite, graças a AMON ou, quero dizer, graças a DEUS.

Continuamos a andar. Dhiram caminhava aos pulinhos. Chegamos mais rápido do que pensei. Lá na coluna, a mesma da noite anterior, encostado com toda a displicência, estava Rabir, fingindo ler um papiro.

Avistando o amigo, tomou-o pelo braço e, rapidamente, o quanto foi possível – já que Dhiram não acompanhava as passadas largas de Rabir –, saíram do Templo.

Nunca imaginei que Rabir ostentasse as vestimentas de Conselheiro para aquele estranho passeio: uma túnica toda branca de linho, amarrada na cintura por um cordão trançado e caído para frente, depois de um nó. A túnica batia-lhe dois palmos acima das sandálias, que eram bem simples. A cabeça raspada ia descoberta. Aliás, a cabeça de Dhiram, também raspada, ia coberta por uma peruca. Que dupla!

A nossa dupla, RAMIS e eu partimos juntos.

A NOITE EM MÊNFIIS

Na opinião de Rabir — o Conselheiro —, o homem só pode voltar ao seu natural, espontâneo e livre, depois que, chegando a noite, desfaz-se da máscara do dia, enfia uma roupa qualquer e, como um desconhecido, vaga bem à vontade por recantos quietos e discretamente iluminados. Assim ele pensava, mas ia todo paramentado de Conselheiro.

Para Dhiram — o Escriba —, o homem sente-se em festa quando chega àquele ponto em que o gelo da superfície começa a trincar-se, e os primeiros copos de bebida alcoólica esvaziam-se, enchendo estômagos e excitando cabeças. Logo, tudo será alegria, com o riso transformando-se em risadas ou gargalhadas.

Após alguns goles, começa a habituar-se ao ambiente e a sorrir seus sorrisos pálidos ao avistar as mariposas da noite. Os cumprimentos deixam de ter protocolos e ouve-se aquele: “Olá, meu velho!” A resposta: “Olá! Como é bom encontrar uma fisionomia conhecida por aqui!” Ambos, o Escriba e a mulher, batem palmas e divertem-se como crianças num circo...

Olham para Rabir, que está sempre com expressão de censura, mostrando a falta de companheirismo e a sua enorme vaidade.

No centro do salão obscuro, Rabir, olhando de um lado para outro, está à procura de alguém, com pouca esperança de encontrar. Sentindo a pressão de um dedo em suas costas, ouviu a voz conhecida:

— Mãos ao alto! — gritava-lhe uma mulher núbia.

Rabir tomava então consciência de um grande desconforto. Com a sensação de culpa, os dois sumiram rapidamente — a mulher e o Conselheiro.

Rabir tinha a idade por perto dos 25 anos, entrando na velhice. No Antigo Egito, os sinais da velhice marcavam rostos e corpos, a partir dos 15 anos de idade.

Muito mais que Conselheiro do Tribunal Temporal dos Cento e Onze, Rabir é o Grande Sacerdote Maior do 5º Grau Iniciático. É solteiro e de poucas mulheres. Preferia uma só, mas certa; e, ao contrário de Dhiram, não bebia quase nada de álcool.

Já com referência a Dhiram, seus sentimentos eram outros: detestava a vida protocolar. Costumava pensar: “Para que AMON nos deu o dom da palavra? Acho que seríamos muito mais felizes se escrevêssemos menos (hieróglifos) e falássemos mais.”

Ao entrarem naquele antro frequentado por remadores e por mulheres — núbias, em maioria absoluta —, Dhiram estava inquieto; não conseguia interessar-se pelas presenças quentes e perfumadas do mulherio. Mexia-se na banquetta, enquanto emborcava as taças de bebida reconfortante.

Lá pelas tantas, tomado por uma aguda sensação de mal-estar, Dhiram, por se sentir asfocado e preso naquele ambiente superaquecido, precipitava para fora: “Não aguento mais, vou tomar ar.” Saía a passear e a falar consigo mesmo, pensando alto nos seus problemas.

Dhiram amava o ar livre, os espaços sem limites e sentia-se muito feliz ao acordar, após um pileque, sob o céu aberto e estrelado.

— Dileta — dizia RAMIS —, já vimos o bastante por aqui. Vamo-nos.

— Sim. Entretanto, não ouvimos nada do nosso interesse. Acho bom esperar a volta de Rabir. Penso que o nosso Mestre Escriba também está à sua espera...

Foi mesmo assim. Ficamos esperando.

A FALA DE RAMIS

Assim disse Ramis:

“Há algum tempo, Rabir sabia que poderia encontrar outras formas de ganhar ouro para o aumento de sua riqueza. Ele agarrava-se a essa ideia e, munido de grande força de vontade, explorava todas as possibilidades. Isso se tornou literalmente a sua meta de vida.

“A princípio, Dhiram seria o começo para os seus planos. O Escriba Artesão tinha muitas oportunidades de entendimentos com os encarregados do ouro, na Ala do Tesouro Real, e, por outro lado, facilitava a aproximação o fato de ser ele um adepto das noitadas fora do Templo, como era o próprio Conselheiro.

“Foi justamente nesses antros de orgia que Rabir entrou diretamente em contato com Dhiram. Ali, com as suas ondas vibracionais bastante baixas, trocavam ideias sobre banalidades e, assim, estreitou-se o relacionamento entre ambos. Dhiram, ingenuamente, deixava-se enredar nessa nova relação que lhe causava enorme sentimento de vaidade e orgulho.

“Depois de algum tempo, a convivência dos dois, quando a noite caía, tornou-se uma rotina, só afetada pelas grandes bebedeiras de Dhiram, que impediam a sua saída para os encontros sempre previamente combinados.

“Rabir já sabia da reunião do Faraó AKRON com Dhiram e Épil, desde a noite anterior, quando Dhiram, embriagado, deixou o Conselheiro esperando na coluna, que era deles, para os habituais encontros noturnos. Além da coluna, eles tinham um lago que ficava bem próximo e que também era só deles; a justificativa para os banhos noturnos era serem eles ritualísticos.

Os banhos tinham o poder de recuperar milagrosamente o Escriba de suas bebedeiras. O fenômeno vai além de qualquer compreensão: parece que a água lava todo o álcool do organismo de Dhiram!”

RAMIS calou-se e nós observamos que Rabir estava bastante nervoso quando retornou do seu encontro amoroso. Precisava ver Dhiram para começar a agir na execução do plano que tinha em mente. Primeiro, queria saber como estava o ânimo do amigo: sóbrio ou não?

Por sua vez, Dhiram também estava ansioso para contar ao Conselheiro a sua missão de mandar buscar madeira para o Egito. As suas fantasias faziam-no crescer em vantagem pessoal perante o Grande Conselheiro.

Quando Rabir retornou e tomou assento em frente à mesa feita de um pedaço de pedra, Dhiram precipitou-se de volta e, acomodando-se ao lado do amigo, foi despachando:

– Grande Conselheiro, fiz hoje uma encomenda de enorme quantidade de madeira. Custará uma fortuna aos cofres do Egito.

Dhiram estava excitado, querendo mostrar-se importante.

– Fale mais baixo – resmungou Rabir. E praticamente foi empurrando o Escriba para a direção da saída. Continuou resmungando:

– Estou pasmo com o seu estado de embrutecimento completo. Dá-me a impressão de que se encontra perdido num labirinto. Vamos conversar.

“Será agora”, pensamos – Ramis e eu – ansiosamente.

“Será que esse homem é meu amigo?” A ideia pareceu a Dhiram tão piegas! Tomou um largo trago da bebida que trazia nas mãos, num gesto automático, e então disse, já bastante desconfiado e traumatizado com os modos de Rabir:

– Sou todo ouvidos. Diga, meu amigo.

– Vamos para o Templo; apoie-se em mim. Você já não se aguenta mais sobre as plantas (pés).

Lá se foram tagarelando, sem assunto certo, os dois amigos. Disfarçando o entusiasmo, Rabir lançou a pergunta:

– Quantos dias você tem até despacharem-se daqui os Emissários para a compra da madeira?

– Dois ou três, creio.

O homem menor, apoiando a cabeça na altura da cintura do maior, caminhava tropegamente até o pátio do Templo, à altura do mesmo Lago Sagrado, próximo à coluna dos seus encontros. Dirigiram-se diretamente à beira do lago onde o Conselheiro ajudou Dhiram a sentar-se. Ficaram os dois olhando para as águas, num silêncio bastante suspeito, na nossa percepção.

Rabir pôs-se a falar e nós — RAMIS e eu — prestamos muita atenção no que estava sendo dito. Percebíamos que, internamente, Rabir fremia de um desejo enorme para despejar tudo que pensava...

Diplomático, como só um Juiz poderia ser, mal percebemos o momento em que o Conselheiro entrou no assunto. O erudito Sacerdote saía do seu mutismo e Dhiram ficou encantado. Rabir falou sobre a encomenda da madeira. Dhiram, embriagado, não entendeu muito bem, mas guardou na memória tudo o que ouvia. Sabia que iria refazer o seu pedido de madeira. Haveria de querer só a metade do total encomendado. Ainda tinha tempo para isso.

Naquele momento, não teria condições de dar resposta alguma; aceitaria, ou não, a proposta, bem falada e detalhada, sobre como poderiam apossar-se do ouro para o pagamento da madeira.

Rabir ficou a perguntar-se como estaria sendo recebida aquela semente que lançara em Dhiram. Já com as têmeoras

martelando de dor, resolveu encerrar o assunto. Ambos, tirando as roupas, jogaram-se nas águas do Lago Sagrado e deliciaram-se com aquele banho. Isso se repetia todas as noites em que os dois voltavam de suas farras.

Já amanhecia. Dhiram e Rabir partiram, cada qual para o seu lado. Rabir disse ainda:

– Pense bem, amigo, e amanhã me procure nos meus aposentos, se isso for de seu agrado.

– Vou pensar, caro Conselheiro.

Era impressionante como o Escriba se restabelecia depois de um banho. Sua mente clareava-se completamente.

RAMIS e eu percebemos que o Escriba Dhiram iria mesmo aceitar a oferta.

Pensava ele: “Que plano será esse? Deve ser muito bem pensado, se foi elaborado pelo meu grande e inteligente amigo.”

Já em seus aposentos, acompanhado nos seus calcanhares pelo meu dileto RAMIS e por mim, Dhiram ainda dava tratos à bola, pensando para talvez se justificar: “Ora, eu mal conheço esse Faraó que teima em apresentar-se como Hierofante. Os seus hieróglifos, para mim, não dizem nada e não fazem o menor sentido. Seria AKRON um espectro? (Ele acreditava fielmente em espectros.) Pois eu não devo fidelidade a um fantasma.”

– Como pode acontecer isso, meu dileto RAMIS? – perguntei.

– Pode e já aconteceu. Agora, ele vai direto para as manhas e garras de Rabir, tenho certeza.

Nem bem chegamos aos aposentos, Dhiram virou-se sobre o próprio corpo e lá foi ouvir o plano maldito sobre a Cartilha Infantil.

A TRAMA

A distância era bem grande entre as duas Alas, mas Dhiram estava refrescado e esperto quando chegou ao portal de Rabir.

“Todavia, o assunto é tão delicado! Como iniciá-lo?” Pensava o Escriba, atropeladamente.

Percebemos – RAMIS e eu – que Rabir pensava da mesma maneira: “Como falar sobre o assunto?” O plano já estava todo bem definido em sua mente.

Rabir, ele próprio, abriu o portal para o Escriba, murmurando saudações bastante amáveis. Recebeu o amigo de braços abertos:

– Querido Dhiram!

Enlaçou-o com seus braços musculosos, estreitando-o sobre o peito. Um aroma ativo das ervas queimadas entrou pelas narinas do Escriba.

– Que tal conversarmos agora? – disse Dhiram.

– Lógico. Acomode-se – disse o Conselheiro.

Nós também nos acomodamos.

– O que achou, Dhiram?

– Não acho nada.

Lá estava o plano completo, sendo exposto com todo aquele estilo prosaico: “o que acho eu” ou “o que acha você”.

Rabir, de pé, sobrepondo o seu poder psicológico sobre Dhiram, falava e falava...e detalhava.

– Está bem. Claro que eu aceito e parto imediatamente para me pôr aos serviços do nosso plano.

– Ouviu, RAMIS?

– Ouvi... o *nosso* plano.

Ao se despedir, ainda ouvimos do Escriba:

– Rabir, penso que estamos corretos. Tenho todo o direito de decidir sobre esses escritos. E já decidi... eles vão continuar lá no meu esconderijo.

O PLANO DO CONSELHEIRO RABIR

Dali mesmo, Dhiram dirigiu-se à Ala dos Emissários do Reino, onde ficou sabendo quem iria partir no dia seguinte em busca da madeira encomendada.

Reunindo-os, disse:

– Mudei a minha intenção: irão buscar somente a metade da quantidade de madeira que lhes pedi ontem.

Ninguém contestou e não deveriam mesmo contestar. Estavam ali para obedecer. Aliás, sempre obedeceram às ordens do Escriba Dhiram.

UM MÊS DEPOIS

Durante aquele ciclo de *Nut* (um mês), Rabir e Dhiram evitaram, ao máximo, encontrarem-se. Mas, RAMIS – meu dileto companheiro – e eu tivemos muito o que fazer. Ficamos, principalmente RAMIS, no encaço agora do Conselheiro, já que a Dhiram só restava recolher-se e esperar. Parecia desanimado nesse tempo.

– Nossas andanças começam a ter sucesso – disse-me RAMIS. – Imagine que o nosso Conselheiro se dá ao trabalho de ir, vez por outra, ao encontro de um certo Eunuco.

– O que você sabe, dileto, sobre o tal Eunuco?

– Vou contar-lhe, pois você não quer acompanhar-me ultimamente. O que está acontecendo com você?

– Ora, eu ando mais pelos lados do Palácio Real e do Templo. Tudo lá me encanta.

– Então, conte-me primeiro, o que tem visto por lá?

– Vou contar-lhe um episódio bem interessante: trata-se de Menhenúfis, Sombra do Faraó AKRON. Uma noite dessas, fiquei à sua espera no salão-escritório do Rei. Como de costume, infalivelmente, o nosso querido Menhenúfis voltava depois de um expediente bastante árduo naquele dia. Mexeu aqui, abriu papiros, olhou bem para tudo e... O que seriam aqueles rabiscos com os hieróglifos inconfundíveis do seu Rei? Ao ler, ficou meio escandalizado, por ter tido a oportunidade de ver o seu muito amado AKRON revelar-se para ele por meio de uma poesia! Sim, uma poesia que eu não deixaria jamais de lembrar.

– Quer ouvi-la?

– Estou morto de curiosidade. Diga.

– O título da poesia é:

O COMPASSO DO SILÊNCIO

Ritmando dentro do compasso,
O forte conhece o ritmo do silêncio:
Ser frágil.
Usando o heroísmo do forte, serei
O silêncio do frágil.
Nem da própria voz tomarei conhecimento.
Não ouvirei a companhia do vento.
Serei só – no kosmo todo – só,
Sem nostalgia nem lembranças.
Do forte – o herói.
Do frágil – a coragem.
Anseio,
De quando em quando,
Ansiosamente,
Ser um frágil.
Frágil como um lírio.
Forte como a tempestade que
Não consegue destruir o lírio.
Ao acordar,
Prefiro ainda, apesar de forte,
De quando em quando,
Apenas
Ser
Frágil.

AKRON
Faraó

– Que linda! Realmente, sinceramente, o nosso Amado AKRON revelou o seu *bah* (alma) nessa poesia. A mim, parece que me recordo de já tê-la lido – disse RAMIS.

– Eu, certamente, nem sonharia em discordar de você. Menhenúfis a guardou consigo, e você a leu por meio dele. Mas,

isso foi há muito tempo! Conte-me agora sobre o Eunuco. Estou atenta; espero não tê-lo interrompido por muito tempo.

– Qual, minha amiga...um tempo de 5.000 anos atrás!!! Mas ouça! Há cerca de dois anos, trabalha na Ala do Tesouro Real o Eunuco de nome Argih. É estrangeiro e não se admire: ele trabalha na entrega do ouro para os pagamentos de todo o Reino. Foi o próprio Faraó quem o colocou nessa função. Argih é o último a conferir a papelada (documentação) e autoriza assim os pagamentos. A autorização passa para as mãos de uma Sacerdotisa, cujo nome é Luan. Ela é a última a tocar no ouro destinado aos pagamentos.

– Pois é, o nosso Rabir tem andado muito na companhia de Argih. Vejo-os com frequência no horário de almoço, nos banhos, nos lagos. Até ouvi, sobre eles, críticas de línguas ferinas. Para mim, são críticas infundadas. O Eunuco tem, há bastante tempo, muita consideração e amizade pelo Conselheiro. Procurei saber sobre Argih e avancei bastante nessa investigação. Contam que ele foi um belo rapaz de sangue semítico, misturado com o dos núbios.

– Caríssima, a história de Argih é longa e triste – continuou RAMIS. – A sua história poderia ser um fugaz momento, medido em função da eternidade das pedras do Egito. A sua vida atingiu, no País de Kam, culminâncias de grande dramaticidade. Porém, nenhum foi mais dramático que o breve intervalo entre a sua captura e seu sacrifício de ter tido o pênis cortado: Argih é castrado.

“Ele fora capturado em uma batalha do seu povo (dos lados da Núbia) contra o Egito, antes do reinado de AKRON. A altivez e a coragem do jovem guerreiro, que marchou de cabeça levantada entre os prisioneiros e que pensava ainda retornar ao seu país, caíram por terra, quando soube que nada restava da sua antiga terra. Seu país não mais existia.

“Quais eram, então, as suas perspectivas para o futuro? Nenhuma. Mas, a capacidade de resistência do espírito humano fez com que Argih sobrevivesse horas, dias, semanas

e anos. Homens assim tornavam-se prisioneiros por terem altruisticamente prestado serviços ao seu país. De um momento para outro, passariam a honrar, com lealdade, o inimigo, por não terem a mínima condição de fuga. Entretanto, Argih era um homem de ação e, por isso, sobreviveu. Mais ainda: tornou-se um amigo, companheiro, correto defensor das leis do país que agora o abrigava.

“Foi por todas essas qualidades que o Faraó AKRON o designou para o cargo, para ficar justamente onde se fazem os pagamentos de pequenos ou grandes valores. Esse cargo forçosamente teria que ser para um Eunuco. Ali, na Casa do Tesouro, a maioria dos serviços é feita por Sacerdotisas. E, onde havia somente mulheres, tendo por perto os Eunucos – desprovidos de qualquer condição para o sexo –, eles passam a ser os guardiões das mulheres.

“Para Argih, além dessa condição, o cargo exercido por ele requeria também enorme confiança dos egípcios. Mas, o simples fato de ter-se tornado obeso e com o corpo bastante disforme... O que quero dizer é que, em geral, todos o adoram. Argih quase nada tem de seu. Apurei muita coisa sobre ele. É ativo, alto, moreno, com imensos olhos ardentes; pela sua atitude amigável, é aceito e compreendido por todos.”

– Mas, começo eu a compreender. Rabir o está protegendo... Meu Deus! Nunca poderemos confiar nos homens – disse eu. – Tudo isso me dá a impressão de que Argih está se emaranhando na trama de Rabir. Continue, RAMIS, por favor.

– Bem, Argih é inteligente... Aliás, a sua inteligência é aguçada. Parece-me que já percebeu à sua frente algum perigo, tal como uma morte violenta. Instintivamente, ele sente isso.

– Leio isso dentro de Argih – disse ainda RAMIS. – Mas o fio que o prende à vida lhe é extremamente precioso. Prefere que sua morte seja bem mais tarde!

– Então, Argih sabe de alguma coisa? – perguntei, aflita.

— Não. Creio que não sabe de nada. Só presente — respondeu-me o meu amigo. — Como eu disse, é intuição. O pior é que, cada vez mais, fica orgulhoso da amizade que Rabir está lhe impondo agora com mais veemência. Isso, sim, poderá cegá-lo. Não perceberá o perigo!

— Nós não podemos fazer nada, não é mesmo, RAMIS? — RAMIS nem respondeu e continuou.

— Hoje vamos, nós dois, até a Ala do Tesouro Real, onde está Argih. Sei que Rabir vai aparecer por lá.

— Claro, iremos. Aliás, vamos.

Fomos, um tanto apressados. Não poderíamos perder nada do que iria acontecer. Ao avistar a frente do prédio do Tesouro Real, fiquei admirada com as dimensões imensas daquela área.

— Aqui, do lado de cima do chão, não representa quase nada em comparação com o subterrâneo. Parece um formigueiro humano, não concorda comigo? — arrematou o dileto RAMIS. — Imagine no interior dessa enormidade de espaço!

— Estou imaginando. Penso que, no mundo todo, a qualquer tempo até a nossa atualidade, nem o Vaticano possui tamanha riqueza. Terra alguma se igualou, até agora, ao Egito Antigo, em relação às suas três Primeiras Dinastias — acrescentei, como se fosse grande entendedora de assuntos econômicos.

— Pois eu acredito num país que possui essa mesma fartura e riqueza e que é a continuidade do nosso Egito.

RAMIS falava sobre o Brasil e ao mesmo tempo olhava para a direção do nosso interesse — a entrada por onde passaria o Conselheiro.

— Já sei e concordo com você. O que está atrapalhando o progresso desse país? — perguntei. — Seriam os Grandes Sacerdotes de AMON reencarnados?

– Eles se tornaram os maiores corruptos após a 3ª Dinastia Egípcia! Falo de recordações... Mas, note! Daqui estamos vendo a figura inconfundível de Argih – apontou RAMIS, o meu dileto.
– Capte-o no seu campo vibracional, por favor.

– Que absurdo, perdoar àqueles que tanta atrocidade lhe fizeram! Dir-lhe-ei que a minha conclusão é de que foi a melhor vibração que senti, até então, nas pessoas dessa Família Espiritual.

– Acredito que encontraremos outros à altura de Argih; mas, além dele, penso, ninguém.

“Será que Argih cairá na armadilha?” Pensei.

– É o que vamos descobrir... já, já! – dissemos a duas vozes.

Ficamos esperando, e lá estava o Conselheiro Rabir. Pela maneira como chegou, pareceu-nos que nunca antes havia estado ali, naquela sala. Por isso, é certo que Rabir se encontrava com o Eunuco sempre bem longe dali. Não haveria de despertar suspeitas... desejava ficar despercebido.

Mas, o seu julgamento esteve errado. Por nunca ter estado ali, sua presença provocou certo reboliço em Argih e muita curiosidade em Luan – a companheira de trabalho do Eunuco.

Ao chegar, o Conselheiro Rabir foi diretamente para a ponta do balcão de pedra, que separava a sala em duas partes: a de dentro e a de fora. À esquerda, ficava uma pequena abertura, por onde uma pessoa poderia passar para o lado de dentro.

Argih estava na ponta da direita e a Sacerdotisa Luan na ponta da esquerda. Nessa posição é que trabalhavam, lado a lado.

Ali, na parte de dentro, era proibida a entrada de estranhos. É lógico o motivo disso. Era porque muito ouro ensacado estava jogado pelos cantos, esperando por algum pagamento.

Ouvimos as conversas e sentimos também muitas coisas relativas à negatividade do ambiente naquela manhã: expectativa ou falsidade?

Sem maiores cerimônias, Argih recebeu o amigo com bastante intimidade e lealdade. A Sacerdotisa Luan fingia nada ver. Aquela mulher não se fiava em nada. Olhava-os com o rabo dos olhos e captou toda a conversa entre o Conselheiro e Argih.

Os dois – Rabir e Argih – falavam num tom normal, mas, assim mesmo, Luan esperava ouvir alguma revelação assombrosa. Era o seu sexto sentido... sempre bem aguçado. Após os cumprimentos cordiais, disse Rabir para o Eunuco:

– Você conhece, muito bem, o Escriba Dhiram, já que a presença dele é bastante constante por aqui... – começou, meio sem graça.

– Sim. Lembro-me de que é um homem precavido e sempre age com bastante presteza. A propósito, confiamos nele o suficiente para não nos incomodarmos com ele. Nunca nos trouxe problemas.

– Pois a minha visita de hoje refere-se a um assunto ligado ao Escriba, que considero... como poderei dizer?

Argih adiantou-se e disse:

– Se é sobre a declaração que Dhiram apresentou para a compra de certa quantidade de madeira, não existe risco. A declaração está correta, a não ser que tenha havido alguma mudança.

– Oh, não! A minha certeza é de que está tudo correto. Imagine!

Continuou, após uma pequena pausa, o nosso Conselheiro:

– Na realidade, existiu, sim, meu dileto Argih, um pequeno imprevisto, mas nada para se alarmar. É o seguinte: amanhã, ou hoje mesmo, chegará a encomenda de Dhiram. Ele já sabe que está vindo apenas a metade da quantidade encomendada.

Um dos Emissários, que chegou há pouco, trouxe essa notícia. Como Dhiram é um homem precavido e goza de certa liberdade junto a esse seu amigo, veio até mim. Julgou o Escriba que eu pudesse intervir para que a demora na modificação dos papéis referentes ao pagamento pudesse ser feita rapidamente e sem a burocracia normal. Peço-lhe esse favor, em nome da nossa amizade.

– Bem, teremos mesmo que refazer tudo. O ouro já está até separado. Basta apenas que Luan o ensaque – replicou o Eunuco.

– Pois, aí está o meu pedido: faça o pagamento como está calculado. Dou-lhe a minha palavra de honra que o restante da madeira estará aqui. É questão de uma semana, mais ou menos.

– O que houve com a entrega?... – Argih falou com certa reserva.

– Nada de mais. Um dos animais (cavalo) sucumbiu no caminho. Até que pudessem resolver, enviaram logo o que conseguiram, que é justamente a metade da madeira. Estou-lhe expondo os fatos para que você tenha a convicção de que foi assim que aconteceu.

Continuou Rabir:

– Dhiram pretende fazer com que os cobradores esperem aqui no Egito até a chegada de todo o seu pedido. Como a demora será de apenas alguns dias, ele quer não ter mais empecilhos para começar... parece-me que é um grande trabalho de Autorial do nosso Digno Faraó AKRON.

– Pois é..., deixe-me raciocinar.

Argih pôs-se a pensar: “Julga o Conselheiro que posso fazer isso? E o conferencista da mercadoria? Realmente, para refazer todo o trajeto dos papiros gastaremos quinze dias. Para desdobrá-lo em duas etapas, então, nem lhe digo! O que está

feito levou quase um mês para conseguirmos aprontar. Dhiram até que tem as suas razões...”

Rabir apressou-se:

— De certo, você aceitará um pedido meu: confie em mim e pague como está quando Dhiram vier amanhã, no princípio da tarde.

“Sim, tomara que a causa seja essa mesma”, pensou o Eunuco, cheio de pressentimentos.

— Está muito bem, meu caríssimo Conselheiro. O seu pedido será atendido, sem mais objeções. Não apurarei mais nada. Vou colocar o meu carimbo agora mesmo, na sua digníssima presença, como prova de minha confiança.

E... c o l o c o u! Mas nós — RAMIS e eu — percebemos um pequeno e discreto tremor naquelas mãos, prejudicadas pela gordura.

— Ser-lhe-ei eternamente grato — arrematou Rabir.

Rabir — o Sacerdote e Conselheiro—, um autêntico egípcio, tinha aversão ao Eunuco, principalmente pela sua origem estrangeira. Entretanto, ali correspondia a um homem próspero, realizado, seguro de si e astuto... muito astuto! A sua aparência era jovial, apesar da sua idade, com tendência à obesidade.

O seu pensamento revelava: “Os Seres Humanos não são ruins, na sua maioria, mas estão muito longe de serem o ideal. Quanta ingenuidade e falta de inteligência nesse Eunuco!” Pensando assim, Rabir lembrou-se do Escriba Dhiram: “Como também é desprovido de inteligência...Como!”

Cumprimentando a Sacerdotisa Luan com o olhar fixo em Argih, partiu sem pressa, sereno. Saiu dali, como de costume, mais uma vez vitorioso.

— Então, Argih, você se prestou a esse tipo de coisa? — perguntou, em tom de brincadeira, Luan.

— Que coisa?

– Não vejo importância em se confundir a hierarquia, mas daí a um Grande Conselheiro do Tribunal dos Cento e Onze vir até aqui para, fingindo humildade, dar-lhe ordens nos nossos afazeres... Causa-me grande surpresa!

– Ninguém me deu ordens. Você está enganada... Que ideia!

Argih, ao retrucar, demonstrou toda a sua preocupação. O rosto ardeu-lhe, como se estivesse mesmo de acordo com as suspeitas da mulher. Depois, animou-se um pouco. Suspirou. “Nada haveria de estar errado.” E respondeu:

– Nada de errado, Sacerdotisa Luan.

DHIRAM E LUAN

A noite que antecedeu aquela manhã, para Dhiram, deveria ter sido calma e feliz. Mas, muito pelo contrário, as suas noites estavam sendo mal dormidas. Há um mês Dhiram vinha-se mantendo em total abstinência de bebida alcoólica.

Suas ideias estavam desconexas, devido ao medo. O Escriba começou a temer pelo seu futuro. Dhiram já começava a não aceitar as suas vergonhas, seus medos, suas culpas. Mas o brilho do ouro prometido por Rabir ofuscava as suas vistas e a sua mente. Por isso, o Escriba negava-se a admitir os próprios pensamentos.

A trama de Rabir e dele, é claro que ninguém mais havia percebido. Seria mesmo? Havia qualquer coisa de trágico no ar quando amanheceu... mas, Dhiram fazia-se passar por bravo e corajoso perante si mesmo.

Pensativo, caminhando, com o relógio d'água marcando, mais ou menos, a primeira hora da noite (15 horas), ele chegou... chegou bem devagar... controlando-se: “Não sou um covarde. Não vou meter a minha cabeça na areia, como o belo íbis.”

Argih, o Eunuco, pressurosamente veio ao seu encontro:

— Digno Escriba Dhiram, a sua encomenda o espera. Acho que você não tem que agradecer a ninguém. Atendi o seu pedido por você mesmo. Diverti-me ao compreender a sua preocupação com o ouro, correspondente ao pagamento da encomenda. Eu lhe atenderia de qualquer forma, mesmo sem a intercessão do Grande Rabir.

As palavras de Argih soavam como que perdidas no tumulto da sua mente.

Reparamos nos pensamentos do Eunuco: “Estou apavorado e não quero admitir. Como poderei mitigar a dor e a tristeza que me invadem?”

Ele sentia-se no meio do deserto, sem condições de definir o seu raio de ação nem fixar os objetivos para ficar longe daquela trama diabólica. Procurando convencer-se da sua situação real, Argih percebeu como era vital manter-se bastante calmo. Luan lá estava, como víbora empinada para o bote fatal. Assim Argih, que se achava aprisionado, resolveu ficar livre. Faria tudo às claras, pois nada tinha a esconder. Estava vivo e alegre.

Como já pudemos compreender – RAMIS e eu –, o Eunuco falou bem claro e em alto som, para que todos ouvissem e também para que Luan deixasse de lado a sua desconfiança.

Voltamos a nossa atenção para Dhiram. Era aquela uma época de ódios, e Dhiram – o Escriba – fazia o ódio ressurgir em si mesmo, naquele momento. Estava ele dominado por um cansaço tão grande que o deixava exaurido.

Achando-se frente a frente com Argih, nesse confronto nada agradável no qual todo o resto do programa dependia somente dele, Dhiram disse com voz mansa e murmurada, ao contrário da voz exaltada do Eunuco:

– Sou-lhe muito grato. Assim, penso que está tudo bem e resolvido. Por favor, passe para mim a sacola com o ouro.

Não se podia deixar de notar o frenesi de Dhiram, tornando-o excitado e alegre, como quando ouvia o murmúrio das águas do Nilo. A fase de relaxação durou até ouvir a voz firme da Sacerdotisa Luan:

– Tenho que convidar o nosso alegre e cordial Escriba, se não se importa de entrar aqui para apanhar a sacola. O ouro está muito pesado, já que o pagamento que você vai efetuar é bastante alto. Assim, sou grata por me aliviar do peso desse ouro – disse ambiguamente.

Dhiram olhou nos olhos da Sacerdotisa e pensou: “Vencerei, pois rechaço qualquer ameaça que venha de você.” Querendo apagar o medo, impertigou-se e disse:

— Será que é permitido alguém passar para dentro do balcão? Não sei se posso, ou se devo... — concluiu esperançado.

Dhiram tinha certeza de que a Sacerdotisa estava criando aquela situação. Por que seria?! Sem perder tempo, Luan indicou a entrada do lado esquerdo. Dhiram entrou.

Apesar de tudo, aparentando muita calma, abaixou-se para pegar a sacola do ouro. Não notou nada, até que ouviu a voz de Luan, bem baixinho, ao pé do seu ouvido. Ela o acompanhara no gesto de inclinar-se e estava na sua direção.

— Aguarde por mim a uns dez passos da saída. Para o seu próprio benefício, faça o que lhe peço.

As ideias de Dhiram ainda pairavam com um resto de clareza. Sem responder, profundamente insatisfeito, o Escriba caminhou, contando os dez passos, tendo a alma nos pés. Andando, contava e pensava: “Afiml, Luan é uma coisinha simpática!” Desdenhava ao máximo a Sacerdotisa.

Luan vinha envolta numa auréola de cobiça que ela mesma engendrara para si. Todos a consideravam uma mulher demasiadamente vivaz, mas, ao mesmo tempo, impregnada de infantilidade. Como acreditar que aqueles olhos infantis diziam ganância?! Sempre apressada e perfeita nos afazeres e nas suas obrigações do Templo, no entanto, o seu olhar parecia ter milhares de olhos observando, para nada passar despercebido. Por isso mesmo, Luan teve a certeza de que Argih estava inocente.

“Ela nunca descobrirá”, afirmou o Escriba em sua mente. Dhiram interrompeu o seu pensamento, quando Luan chegou e foi despachando, sem dar tempo ao Escriba de qualquer reação ou palavra antes dela:

– Digníssimo Escriba Dhiram, garanto-lhe que você é uma pessoa totalmente justa, cheio de justiça, quero dizer-lhe. Por causa disso, é que aqui estou.

A sua fala foi sem fôlego. Arrematou ainda com uma frase:

– O meu trabalho é árduo, e o foi quando ensaquei todo este ouro. Por isso, por todo o meu trabalho e logicamente pelo meu completo silêncio, quero ter uma recompensa que julgo bem merecida. Quero uma parte deste ouro, do qual, indevidamente, você está se apoderando, para não julgar como roubo.

Continuou:

– O Eunuco Argih pode ser ingênuo, mas, quanto a mim, exijo que cheguemos a um acordo.

Ficou Luan atenta à reação do Escriba, quando o silêncio se fez. Inacreditável! Dhiram perdeu toda a compostura, demonstrando que, para ele, não haveria justificativa perante Luan. Demonstrou também para Luan, com a sua inabilidade, que ela não estava errada. Nenhuma palavra mais foi pronunciada.

Luan teve toda a certeza de que não estava enganada. Fragmentos caóticos de pensamentos passaram pela sua bela cabecinha. “Espero que o Escriba me leve a sério”, pensou ainda. Ambiciosa, obstinada, mais do que nunca, agora, ela lutaria sem tréguas em favor da sua trama. Traçaria um caminho sem se dar conta de que estaria totalmente fora do seu alcance. Que infantilidade!

“Alcançarei o meu objetivo, mesmo que para isso seja necessário destruir a vida de outras pessoas.” Os pensamentos emaranhados continuavam e a Sacerdotisa experimentava a vontade de matar!

Mais do que correto é que, na intriga desse jogo ambicioso, Luan não chegará a atingir seu objetivo. Ela não faz ideia de

quanto a trama de Rabir — o Conselheiro — está sendo muito bem articulada.

Dhiram se sentia muito mal pela sua própria distorção diante da surpresa e dos últimos acontecimentos. Depois de muitas hesitações, com a imagem imprecisa de Rabir à sua frente, ele disse:

— Então, ficamos combinados assim: daqui a três dias, nesta mesma volta do relógio d'água (três horas da tarde), estarei aqui com a sacola que pertence ao Tesouro — acertou Dhiram. Pensou, também: “Com isso, estarei ganhando mais tempo.”

De qualquer modo, é normal que a sacola especial para o transporte de placas de ouro seja devolvida ao Tesouro, sem muita demora.

A atitude inclassificável de Luan permitiu que ela vivesse totalmente os interesses escusos daquele momento. Assim, o raciocínio da Sacerdotisa tornou-se tão veloz que alcançou em cheio o aturdido Dhiram. Esperançada, certa de que abalara totalmente o controle nervoso do Escriba, Luan esclareceu:

— Pois já que você terá que devolver a sacola, sugiro que na mesma data e hora, combinemos para daqui a três dias, nos encontremos neste mesmo local e, evidentemente, a sacola estará com a parte do ouro que me pertence.

— Acertado — disse o Escriba. — Vou atendê-la, mesmo admitindo que o seu caso é único no nosso meio. Acho que você está errada tendo tanta certeza da sua conduta. Que BASTH (o Mal) lhe proteja, digna Sacerdotisa de ÍSIS, companheira amada do Grande Curador Gazil.

Dhiram lançou, nessas últimas palavras, todo o seu feroz sarcasmo contra Luan. Caminhando sobre os mesmos passos com que veio, Luan voltou ao seu posto de trabalho.

RAMIS, até então calado, disse:

— Preste atenção, minha diletta companheira, no raciocínio de Luan. Ela imagina que o único responsável pelo roubo do ouro é o Escriba Dhiram. Jamais admitiu que o Grande Conselheiro esteja à frente dos acontecimentos. Ela não enfrentaria o poderoso Rabir. Não sei se ela se ilude a si própria ou se é mesmo nisso que ela acredita.

Entretanto, Luan, caminhando cabisbaixa, agora só tem o pensamento voltado para o seu amado, doce e delicado companheiro — o Sábio Curador Gazil: “Ele estará comigo e haverá de levar-me a sério, dando-me todo o apoio de que vou necessitar. Afinal, o ouro que vou conseguir será para nós dois.”

DHIRAM E RABIR

Para um mesmo dia, a carga emocional era tamanha que Dhiram compreendeu a necessidade de recolher-se para um urgente descanso. Procurou um caminho mais curto, para encontrar um transporte puxado por cavalo (cabriolé), o meio mais prático para chegar à Ala dos Artesãos. Não fosse todo o imprevisto, o Escriba teria preferido carregar o ouro sem tomar o cabriolé, suportando o imenso peso, a expor a sacola a terceiros.

Procurando esquecer todos os inconvenientes de agora, o Escriba Dhiram está ao abrigo dentro de seus aposentos, petrificado num sono sem ter ingerido nenhuma bebida alcoólica. Pela manhã, urgia acreditar que a vida continua e que novas esperanças o aguardavam.

Realmente, de energia reencontrada, o Escriba apressa-se em sair, sem que ninguém note os seus movimentos. Resolve que levará consigo a sacola de ouro para deixá-lo em posse do Conselheiro Rabir. Parece que a loucura de Dhiram subiu à sua cabeça aos borbotões – deixar todo o ouro com o Conselheiro?!!!

Para RAMIS e para mim, aquela manhã vibrava ao brilho de uma luz amarelada que emanava das areias do deserto, quando os raios de RÁ casavam-se com o branco delas.

Estamos, os dois juntos, a caminho com Dhiram, que vai arrastando-se por causa da pressão de sua valiosa carga.

Chegamos e notamos: Rabir teve a faculdade de pressentir o perigo e tratou de procurar a causa, que estava ali, à sua frente, na sacola nos braços de Dhiram, ameaçando todo o seu

tesouro — o seu ouro e a sua reputação. Exclamou, tentando guardar para si todas as suas violentas emoções:

— Entre, entre, meu caro. Não entendi o porquê de você se expor dessa maneira. Conte-me. Por que não guardou a sacola com você?!

A palidez do Conselheiro era evidente, pois se sentia, nesse intervalo de espera, como fechado numa espécie de gaiola. Logo foi posta de lado toda a sua nostalgia, dando lugar ao presente, onde Rabir recomeçou a agir e fazer.

Fomos com Dhiram para uma imensa sala, onde o dono dos aposentos velou a entrada com uma esteira de palha que imitava uma cortina. Notamos — RAMIS e eu — que o Conselheiro exprimia um violento ódio para com o Escriba, que teve a ousadia de não se ter preocupado com ele em relação ao seu círculo de pessoas. Apesar da satisfação de poder guardar o tesouro, achava-se dividido nessa fase conflitante do presente evento. Por fim, resolveu encarar os conflitos e agir da melhor maneira para o seu interesse. Ouviu assim toda a história sobre Luan, contada em dialeto popular.

— Você está sóbrio? — perguntou para poder aceitar a enormidade do novo problema. — Por AMON, dileto, você não veio só para pedir a minha aprovação! Você veio pedir a minha ajuda.

Dhiram permaneceu calado. Sentia-se diminuído e sofria por isso.

— Bem — continuou Rabir —, os fatos fugiram ao nosso controle. Vou aceitar o desafio. Deixe tudo por minha conta. Haveremos de cuidar de Luan e também do Eunuco Argih.

— O Grande Conselheiro acha que o Eunuco está também envolvido com Luan?

— Quem sabe? Ele poderá reviver a cena da minha presença na sala do ensacamento do ouro. E quando souber da atitude da sua companheira de trabalho?... Uma boa memória, dileto,

pode trazer gravados pormenores que lhe tenham escapado. Vou cuidar da dupla! Espere e você verá.

Rabir assumiu, agora, atitude de distração, superficialmente suave, de meiguice e cuidados para com Dhiram.

– Os dois emissários estrangeiros já devem estar à minha espera para receber o pagamento da madeira que trouxeram. Esperávamos que chegassem hoje pela manhã – disse Dhiram, bem mais calmo.

– Por que você não separou o ouro que correspondia a este pagamento, antes de trazê-lo para mim?

– Porque pensei em fazermos essa divisão, nós dois juntos, sem desconfianças, abertamente.

– Está me ocorrendo uma ideia que, se você aceitar, vai ser ótimo para nós dois: por graça de algum deus, estamos aqui com o total do ouro, quando esperávamos somente a metade dele. Por que não dividirmos todo ele, meio a meio, metade para mim e metade para você? O que você acha disso?

Rabir jogava astutamente, para Dhiram, a responsabilidade da decisão. A atenção de Dhiram naquela virada das coisas levava-o a uma visão do seu futuro. Estava enterrado no Egito e agora a sua alma (*bah*) vagava em várias direções. Não sentia tristeza por abandonar a terra natal, só queria ser feliz onde quer que fosse, com a sua parte do ouro.

Ouvimos a decisão do Escriba:

– A vida me parece simples no jogo que o digno Conselheiro me propõe. Percebo que tudo que está a acontecer conosco é muito positivo, e quem sou eu para complicar o que está muito claro? Já tenho o meu barco preparado, para esta noite partir ao encontro do meu destino.

– Então você vai para os seus aposentos e despacha os emissários egípcios, pagando-lhes os seus honorários. Quanto aos estrangeiros, convide-os para umas bebidas fora dos muros

do Templo. Lá, você combina com duas mulheres, pagando-as regamente para que tomem conta deles, para que os mantenham o maior tempo possível desacordados, pela bebida e também pelo alucinógeno (espécie de LSD) que você fará com que usem misturado na bebida.

– Entendi. Vou apressar-me.

Dhiram acabara de adquirir a absoluta certeza da amizade e da grande capacidade de Rabir para resolver tudo com tão brilhante inteligência!

Foi então que o Conselheiro Rabir convidou o Escriba para assistir à arrumação das placas de ouro, antes de se despedir dele. Levou-o até seu dormitório, onde, numa prolongação, existia uma sala retangular e pequena com o seu sarcófago.

Os Sacerdotes egípcios preocupavam-se com o corpo material depois da morte. Acreditavam que se o corpo carnal não estivesse preservado depois do falecimento, a alma vagaria perdida sem encontrar o seu lugar.

No sarcófago havia sempre, como um fundo falso, um lugar para se colocarem os pertences do morto. E foi nesse fundo falso que o ouro foi arrumado.

Dhiram teve a sua cobiça aumentada diante de tanto brilho, e o cheiro do metal maldito ficou impregnado nas suas narinas. Antes de sair, o Conselheiro lhe entregou a sacola vazia, para que não ficasse ali nenhum vestígio do ouro roubado. Disse, ainda:

– Você deve manter-se longe da bebida. Logo mais à noite, leve a sacola vazia para o nosso encontro, na coluna. Ela servirá para guardar a sua metade do ouro.

E continuou:

– Dileto Dhiram, você tem consciência de como deve se comportar diante de qualquer pessoa? Para sua maior segurança,

seria bom não falar com ninguém até estar tudo acabado, logo mais à noite. Prossiga no seu caminho, sem romper o nosso segredo.

RAMIS, o meu dileto, disse:

– Reparei nas mãos de Rabir durante a reunião com o Escriba. Mãos que procuravam vencer todos os obstáculos e fazer Dhiram integrar-se sem pestanejar.

Continuou:

– Mãos audaciosas, corajosas; mãos, enfim, que se revelam cheias de arrojo; mãos irradiando capacidade. Minha diletta companheira, Rabir coloca nas mãos a alma saída do casulo, totalmente desnuda, e suas mãos dizem o que as palavras não teriam coragem de revelar sobre aquilo de que ele deseja livrar-se...

Voltamos a prestar atenção e notamos que Dhiram já ia longe e que Rabir havia-se recolhido em seu “escritório”, diante de uma mesa de pedra. Estava elaborando os decretos para os dois julgamentos: o de Luan e o de Argih. O trabalho era essencialmente técnico e o Conselheiro conhecia bem o assunto; por isso, fez tudo sem equívocos nem tropeços.

O Conselheiro dos Cento e Onze era autônomo em suas intimações sobre qualquer assunto e, por isso, convocaria quem quer que fosse para comparecer perante o Tribunal deles.

Conferidos e selados, os Decretos das intimações ficaram ali sobre a mesa, como que esquecidos. Rabir só iria ao encontro de Luan no dia seguinte, como havia ficado acertado entre ela e o Escriba Dhiram.

Após ter tudo coordenado na sua mente, Rabir enviou alguns serviçais – de fora dos seus aposentos, já que não os tinha em sua companhia – para convocarem, em seu nome, os Conselheiros do Tribunal dos Cento e Onze, a fim de se reunirem, dali a quatro dias, para dois julgamentos intimados por ele.

Os julgamentos seriam realizados, um num dia e outro no dia seguinte, portanto, sem intervalo entre eles.

Com a tarde começando, portanto, com bastante tempo até a noite, Rabir partiu para o Templo, justamente para a Ala das Pitonisas.

RABIR E RÁ-A-NAH

RAMIS e eu nos postamos ao lado de Rá-a-Nah — a Pitonisa —, cuja missão é modificar a visão de seus filhos, a fim de enxergarem de nova maneira o mundo que os cerca.

As Pitonisas no tempo de AKRON vinham da Atlântida e eram pares dos Sacerdotes Maiores — os Vinte e Um do Conselho Oculto. Portanto, eram em número de 21 Pitonisas.

Muitas Sacerdotisas de ÍSIS designavam a si mesmas de pitonisas, mas, mesmo em transe profundo, nunca foram canais no sentido de uma verdadeira Pitonisa. Sempre seriam, apenas, adivinhas.

Naquela época, já se aprendia que existia, além da filiação carnal, uma outra, a verdadeira: o Pai e a Mãe Espirituais.

Rá-a-Nah, como Pitonisa verdadeira, tocava seus filhos para anular as suas limitações. Como a Mãe, ela lhes transmitiria a energia divina, até que os filhos alcançassem a realização final. Ela sabia que, naqueles tempos de cinco mil anos atrás, a sua missão era também controlar e regular o processo de transição do divino para o humano. A partir de AKRON, os Seres da Atlântida seriam mais humanos que divinos. Sabia ainda que esse processo seria lento e num nível sutil: fundindo-se na Divina ÍSIS, para tornar-se o próprio HÓRUS.

Rabir vivia — naquela existência, enquanto cumpria as suas atividades rotineiras como qualquer ser humano — a busca frenética da felicidade mundana, para satisfazer os seus desejos interiores, como os prazeres do sexo e outros, principalmente e absurdamente a ganância.

A ganância o levava a sentimentos de desequilíbrio, a graves dificuldades no relacionamento com os outros, pois estava sempre desconfiado; o apego e o ódio gerando a violência, que o levava à situação de um carrasco que destrói vidas. Rabir achava-se na zona das Trevas, mas essa qualidade o tornava um Ser Humano, mesmo que na negatividade.

Revestido pela Força de BASTH, licencioso, sutil, o Conselheiro dos Cento e Onze apresentou-se perante Rá-a-Nah, naquela tarde de muitas decisões, como já contamos, RAMIS e eu.

Ouvimos, então, da Pitonisa:

– A minha visão alcança o ouro que tanto você ambicionou. Vejo que você carrega tão sinistro destino! Mantenha as suas energias negativas, por SETH, e não se deixe perecer. Tente dominar a sua besta-fera. Vejo que terá o amor de uma mulher e sobre isso eu não quero lhe falar. Vou dizer, e que fique bem claro: as suas ilusões negativas são doentias. O seu pensamento vibra somente no ouro e no poder material. Vejo o seu plano para logo mais à noite e sei que os seus métodos são rigorosamente premeditados. À sua volta, vejo antigos e tenebrosos demônios. Vou dizer o que você tanto quer ouvir: a sua vida será longa e você partirá para ANÚBIS como Sacerdote Conselheiro. O sol brilhará para você ainda por muitos e muitos ciclos de Rá (anos). Com o meu amor e a clareza que tenho da sua realidade, terei de destruir as pedras, que eu puder, do seu caminho, eu lhe prometo por AMON.

Rabir disse então:

– Estou satisfeito com a minha consulta. E pensou: “O que importa mesmo é saber que não serei acusado e que viverei ainda o tempo bastante para desfrutar o meu ouro.”

Terminou, pondo-se para ir embora:

– Sou muito agradecido. Aceite, pois, o seu pagamento, minha diletta Pitonisa. Sei que os meus segredos estão bem guardados com a diletta Mãe.

E assim, regiamente, Rá-a-Nah foi recompensada. RAMIS e eu assistimos a Pitonisa receber do Conselheiro o seu pagamento. O mais esdrúxulo é que ele foi feito com o ouro da Cartilha Infantil.

Quando Rá-a-Nah tocou no ouro, ficou sem ação, e vimos as lágrimas brotarem dos seus olhos: lágrimas por AKRON; lágrimas por si mesma; lágrimas por Rabir; e, lágrimas pela Cartilha Infantil – a Humanidade.

Somente nós dois presenciamos, chorando também, a dor da Pitonisa – a Mãe Rá-a-Nah.

Rabir ia longe. Olhando, vimos nele a figura do próprio SETH-TIFON – os deuses do Mal.

DHIRAM E OS ESTRANGEIROS

Deixando a Ala das Pitonisas no Templo de AMON, fomos – RAMIS e eu – ao encontro de Dhiram.

Seguindo uma linha de raciocínio, eu disse:

– Amado companheiro, como poderemos alcançar a cena do Escriba com os Emissários se, pelo tempo que passamos com Rabir, ela, com certeza, não estará mais lá.

– Pois eu vou explicar: aqui não existe passado ou futuro. As cenas estão num eterno presente, e nós estamos também com elas. Eu só faço colocá-las numa sequência lógica.

Assim, estamos na companhia de Dhiram, que ainda tentava explicar a situação para os dois estrangeiros que se encontravam dominados por temores e desconfianças. Acostumados com esse serviço, nunca presenciaram a cena que Dhiram apresentava: não pagou de imediato o valor da madeira, como de hábito, e ainda lhes oferecia um festim em homenagem aos deuses do vinho, num “prostíbulo”. Estavam perplexos, pois o Escriba, sempre gentil e amigo, solicitava deles mais dois dias de permanência no Egito.

Eram homens simpáticos e estavam cansados e deprimidos por causa do imenso calor que mal suportavam. Ouvimos quando um disse para o outro:

– Vamos gostar de passar esse tempo no Egito e queremos conhecer todas as mulheres disponíveis. Vamos beber, conversar e por dois dias nada de negócios.

Dhiram pareceu-lhes confiável e estava tão animado!

“Que palavras bem-vindas”, pensou o Escriba. “Louvado seja RÁ!” Assim, tratou de sair com eles para fora dos muros do Templo.

Existe algo que não se pode deixar de dizer a favor das noites egípcias. Os egípcios sabiam como se divertir e proporcionar divertimentos. E a noite estava quase chegando para os três boêmios.

Com a noite começando, os três encontraram suas diversões. Logo, já confiavam uns nos outros, e tudo parecia mudado, dominados pela sensação da embriaguez.

Dhiram mostrava-se bondoso e compreensivo e, sem que os dois homens notassem, ele estava no comando. As mulheres já estavam plantadas, cada uma com o seu estrangeiro, cumprindo a missão que lhes foi regiadamente recompensada.

Mas, o Escriba... Ah! Dhiram! Notamos que cada vez mais ficava impaciente e a sua hesitação aumentava; por fim, sem mais nem menos, perdeu o senso de equilíbrio e passou a comandar a “farra”. Enganando a si próprio, bebeu tanto quanto os seus convidados.

Repensando nos seus compromissos, tratou de voltar para os seus aposentos para pegar a sacola vazia e ir ao encontro de Rabir. Ninguém notou a sua ausência, tal era a “folia” que reinava. Os cobradores já não tinham noção alguma de onde estavam.

Como já dissemos, a movimentação de um lugar para outro se dava em condução tipo “cabriolé”. Por isso, geralmente não havia demora, pois o cavalo era sempre veloz. Sendo assim, Dhiram chegou rápido. Nós também – meu companheiro e eu – estávamos lá, na Ala dos Artesãos.

O estado do Sacerdote Escriba era lamentável. Notamos que se levantava do chão após inúmeros tombos sensacionais. Tinha uma protuberância bem visível no lado da cabeça e um dos olhos bastante machucado e arroxeadado.

Em trajes apropriados para os seus encontros fora do Templo, Dhiram vestia um saiote e um peitoral feito de fibras de palmeira trançadas. Essas peças eram grosseiras e bastante

pesadas. As sandálias, também reforçadas, ficavam bem presas nos tornozelos. Vestido assim, com a sacola do Tesouro Real pendurada num dos ombros, a figura de Dhiram estava carregada de repugnância: olhos esbugalhados; nas órbitas, um brilho louco e astucioso; no rosto, uma máscara de tortuosa maldade mental.

Ficou a observar, mirando na direção do Conselheiro Rabir; primeiro, parado, depois em movimentos desequilibrados, tentando chegar ao Sacerdote.

RAMIS disse:

— Querida companheira, traga até nós o pensamento deste instante do magnânimo Faraó AKRON.

Assim falei, mecanicamente:

— “Oh! ANÚBIS! Que a vossa balança seja justa! Mas, e num último e grande esforço, rogo por Dhiram, o Grande Chefe-Escriba conspirador. Contemplo a extensão total de suas maquinações contra o Governo Egípcio. Entretanto, pela pureza, paz e harmonia, imploro diante dessas acusações, perante Vós, Sábio ANÚBIS, e que, através da misericórdia da Mãe, a Divina ÍSIS, a Justiça de AMON silencie agora mesmo os passos de Rabir. Que Dhiram se curve e confesse o seu dissabor e arrependimento, pois ainda há tempo para isso. No entanto, a Lei Divina a AMON pertence. Que a glória dos Vossos Desígnios seja cumprida! Jet o Divino HÓRUS, curumim!”

Concluí:

— Tenho a impressão de que jamais iremos esquecer esta noite extraordinária!

— Tenho esta mesma sensação, minha diletta. Vai ser um momento fugaz, já acontecido; entretanto, sempre novo para satisfazer ânsias silenciosas do nosso presente — o presente de agora e o presente de todo o sempre. O passado aproximando-se rapidamente, como as embarcações que vejo deslizando no rio Nilo.

Volvendo àquele momento histórico, continuamos a nossa narração.

O Escriba não olhou para trás; os desígnios de AMON estavam sendo cumpridos! O Sacerdote Escriba seguiu entre as colunas, cheio de presunção e temeridade. Por entre as colunas sem fim, ia ele procurando esconder-se, quando surgiu de um canto uma sentinela. O guardião parou de repente e sorriu – o sorriso compreensivo de quem já conhece bem as bebedeiras do Sacerdote; acenou-lhe com as mãos e continuou a sua ronda.

Repentinamente, senti a vibração de uma Sacerdotisa, que me passou falsidade e perversidade, pois espreitava Rabir numa das colunas próximas a ele.

– Quem é ela? – perguntei a RAMIS.

– É Iacih, Sacerdotisa do 3º Grau Iniciático.

Iacih tem olhos amendoados, mortificados num semblante de criança abandonada. Teimava com suas próprias lembranças: um companheiro abastado e, com certeza, um filho varão – sonho que a embalava desde criança, quando cantava no Templo, nas cerimônias de NUT (a Lua) ou de HACTOR, a Deusa do Fogo.

O sonho dela estava lá, na figura de Rabir, sob o seu atento olhar enamorado: todo musculoso debaixo da túnica solta e branca. De estatura mais para alto, olhos negros e brilhantes, nariz levemente adunco, cabeça raspada e descoberta, lembrando um falcão. Nos pés, sandálias confortáveis.

Deixamos Iacih e voltamos a atenção para Dhiram, que já estava próximo de Rabir. O Conselheiro fingia ler um papiro,

como de costume. Nada lia, mesmo porque a noite estava escura. Era noite sem luar. Mesmo fingindo ler, ele percebeu a sacola do Tesouro, que ia e vinha, pra lá e pra cá, partindo do ombro do Escriba, e disse:

– A sacola!!! Você não percebe que ela poderá nos comprometer?

Foi aí que Rabir percebeu um ruído indefinido, que chegava até eles. “Deve ser fruto da minha imaginação”, pensou o Conselheiro. E quando ia interrogar o Escriba sobre o ruído, notou que ele não tinha condições de ter ouvido nada.

RAMIS e eu vimos laci dar um salto, abafando um gritinho. Um rato passou-lhe sobre os pés. Afinal, fora apenas um rato.

Enquanto isso, Dhiram pensava: “Vamos de uma vez, pegue a sua parte do ouro. Vejo a morte se misturando à fumaça do álcool, que me sai dos poros.” O Escriba acabou rindo, ante o seu medo teimoso e infundado...

O semblante do Conselheiro dos Cento e Onze assemelhava-se a um hieróglifo indecifrável, escondido por detrás de uma máscara. Suas ideias tomavam rumos abomináveis.

Já o olhar de Dhiram, como algo difícil de definir, estava embaçado e anuviado. O Escriba tinha a aparência de um velho, com roupas impróprias e cabelos (peruca) despenteados.

Rabir disse:

– Pelo que sinto, o seu hálito recende a puro álcool. Pelos deuses, vou esconder a sacola sob minha túnica. – “Tenho mesmo que matá-lo”, pensou ainda.

A fala do companheiro parece que trouxe de volta Dhiram, que respondeu como um relâmpago:

– Muito bem, eu necessito da sacola para guardar nela a minha parte do tesouro. Por que você quer escondê-la? Será que o meu ouro não está aqui com você?

– Não! – disse secamente Rabir.

Dhram, tenso, parecendo mais baixo que sua altura normal, quase como um gnomo; com um olho e um dos lados da face contraídos num espasmo, com os dedos trêmulos, entregou a sacola pedida. Entregou-a sem desafios nem arrogâncias.

Escondendo a sacola por debaixo da túnica, Rabir sentiu-se quase normal.

Tendo nos lábios um esgar malicioso, o Escriba tratou de dizer como pôde, forçando um certo charme:

— Ora, ora, então vamos, sem demora, aos seus aposentos, para repartirmos o nosso ouro.

— Não! — ouviu-se novamente.

Em outra coluna encontra-se a Sacerdotisa de nome Harusah. Ela tem por costume estar ali todas as noites para as suas meditações. Harusah, como amiga de Dhiram e conhecedora dos seus hábitos, estranhou o falatório desusado entre os dois amigos. Como a noite estava ainda começando, pareceu-lhe cedo para a embriaguez do Escriba.

Entretanto, a Sacerdotisa, distraída, nada entendeu do que diziam. Pensou: “Conversas de bêbados são idiotices.” Recolheu-se, sem se interessar.

RAMIS comentou:

— Note como Iacih exulta visivelmente com o que ouve: OURO, a palavra mágica. Ela acredita que os deuses estão lhe mostrando que Rabir está ali para ela.

IACIH SE RECOLHE

Descobrimo e acreditando que o seu destino estava mesmo traçado em relação a Rabir, Iacih não mais pensou em ficar ali. Tomou o rumo da Ala das Sacerdotisas solteiras e foi para os seus aposentos. Enquanto caminhava, rogava aos deuses:

“Oh! AMON! Senhor Eterno, por BASTH (traçou na testa o sinal de proteção de BASTH – o gato), arranca de qualquer mal o Sacerdote Conselheiro que deixei lá no lago. Para o Bem ou para o Mal, ele me pertence.”

Assim haveria de ser, era a convicção de Iacih. As certezas de Iacih andavam atrás dela, como pétalas de flores ao vento.

RAMIS e eu acompanhamos os passos da Sacerdotisa Iacih e prestamos atenção nela, antes que adormecesse. A mulher tinha a estatura mais para baixa. Considerava-se atraente e, por isso, tinha o porte confiante. Os cabelos de suas perucas (a cabeça era raspada) eram suavizados para o castanho-escuro. Os olhos escuros da egípcia eram encantadores e ficavam ainda mais bonitos quando sorria; e, quando séria, davam-lhe muita distinção.

A SINA DE DHIRAM

No curto espaço de tempo que passamos nos aposentos de Iacih, percebemos — RAMIS e eu — que a engrenagem da máquina mortífera estava sendo acionada.

A noite estava escura, como já foi dito. Rabir estava alerta, atento ao menor ruído. Nada se mexia. De vez em quando, o silêncio era rompido pelo uivo de alguma fera solitária.

Dhiram disse, entre espasmos incontrolláveis:

— Tenho que resolver agora mesmo o nosso trato. O meu barco está preparado para a fuga. Só então estarei seguro. Tenho que estar bem longe o quanto antes.

— Vamos esquecer, por ora, a história da sua fuga. Teremos que esperar o avanço da noite. Neste momento, só nos resta esperar, já que é muito cedo e torna-se perigosamente sugestivo o que vamos fazer.

O Escriba prestou bastante atenção, mas consumia-se de anseios. Rabir ponderou, com a voz cheia de intenções:

— Vou explicar-lhe, mas primeiro vamos caminhar até o Lago Sagrado. Será bom para você o frescor da água. Assim, o tempo passará mais rápido.

Assim dizendo, enfiou o braço na cintura do homem embriagado, a fim de ampará-lo na direção correta. Enquanto isso, o corpo de Dhiram se agitava e ele resmungava:

— O que será que você tem para me explicar?

Chegaram. Rabir, agarrando o Escriba pelo braço, tentava fazê-lo sentar-se.

— Por favor — disse Dhiram —, preciso primeiro urinar, estou morto de vontade...

Rabir voltou-se de costas e pensou: “Ah! Dhiram! Como foi meter-se logo comigo?” Quando voltou a olhar para o Escriba, viu os seus olhos brilhantes e enlouquecidos revirando-se nas órbitas, tentando mover-se para frente e para trás, cada vez mais depressa, cada vez mais desvairado.

Dhiram — o Sacerdote-Escriba — não conseguia sair do lugar, paralisado pela descoberta tardia do que o Conselheiro tinha em mente: assassiná-lo.

Comprimindo as mãos uma sobre a outra, trêmulo, incapaz de qualquer pensamento coerente, o Escriba impotente esperou pela sua morte, num silêncio profundo. Empurrado, ele caiu no lago. Começou a melhorar da bebedeira e, com a mente clareando, gritava:

— Não pode estar acontecendo... Não sou eu!

Rabir lembrou-se, de súbito, que o Escriba se recuperava milagrosamente ao contato com a água. Despiu-se e ficou argumentando para si próprio: “Darei continuidade ao meu plano diabólico. Recordo-me dos meus constantes esforços: não posso ver minhas tramas infernais impotentes, logo no transcurso de tudo o que armei.”

O Sacerdote Conselheiro escondia sua própria personalidade na escuridão da noite. Foi assim que começou a ter medo da insanidade ou de um colapso nervoso. Sua mente, treinada para assuntos legais, tratou de agir com cautela, com astúcia e principalmente com muita tranquilidade. Suspeita alguma ficaria daquele crime. Era tudo o que ele queria para ser feliz.

Dhiram não conseguia desvencilhar-se das suas roupas pesadas e, por isso, estava quase se afogando. Via a morte aproximar-se, com o corpo tolhido por dores. Para se salvar, pedia mentalmente a AMON o perdão pelos seus erros.

Para sua surpresa, o Escriba viu, esperançado, avançando para ele, sem roupa, o Conselheiro, a pouca distância dele. Acreditou na ajuda que poderia vir — as suas vestes impróprias, que puxavam para o fundo, seriam arrancadas.

Dhiram soltou um grito. Percebeu que precisava de ajuda e pôs-se, então, a se debater e a gritar por socorro. O horror se desenrolava diante dos olhos do Escriba — várias vezes empurrado de volta à água, viu-se envolvido completamente por ela. Ninguém tentou ajudá-lo. A morte desceu da cabeça para o seu coração.

Só se ouvia a respiração ofegante de Rabir. Fitou as águas por algum tempo e, como a superfície ficou totalmente parada, teve a certeza de que Dhiram jazia morto no fundo do lago.

Pouco depois, o Conselheiro mergulhou e trouxe o Escriba pelas vestes enlameadas. Trouxe também a peruca, antes que ela sumisse nas águas do lago. Com muito jeito, o Conselheiro colocou o corpo ainda quente do Escriba na beira do lago. Escorou-o de tal forma que parecia estar Dhiram dependurado, com as mãos para fora. Tinha-se a impressão de que ele, de uma hora para outra, iria pular fora da água. Somente a peruca ficou bem desajeitada, como deixou o Sacerdote Conselheiro na hora de recolocá-la de volta na cabeça do morto.

Aconteceu tudo como Rabir queria, desde o princípio até o fim. Mas, a sua obra ainda não estava terminada. Rabir pulou fora da água e, apressado, audacioso, correu para onde estavam as suas vestes. A cena é ridícula — assistimos RAMIS e eu.

Vestido, o Conselheiro voltou ao lago, evitando olhar para o corpo inerte do morto, traído por ele. Foi fácil colocar Dhiram sobre os seus ombros, puxando-o pelos braços.

Até aquele instante, Rabir evitou tomar consciência do feito; entretanto, chegou, por instantes, a sentir ódio de si mesmo, com os sentimentos descontrolados!

No entanto, pensando no homem morto que carregava, veio-lhe a sensação de prazer – o ouro. Afinal, o ouro era todo seu!!!

Tratou de passar tudo a limpo, lembrando-se com detalhes do que havia acontecido desde a chegada de Dhiram. Pensou na sua sorte – a bebedeira do Sacerdote Escriba. Esse foi o fato mais importante. Foi isso, antes do momento habitual – quando os dois saíam para fora dos muros do Templo –, que fez os fatos se precipitarem.

Finalmente, o Grande Conselheiro Rabir decidiu que, dali para frente, seria tudo mais simples. Mesmo assim, sua cabeça rodopiava por algum motivo desconhecido.

O corpo franzino de Dhiram pesava mais do que o de costume, encharcado pela água.

Por fim, chegaram.... estavam às margens do rio Nilo; ironicamente, o rio da Vida!

HARUSAH - A AMIGA DO ESCRIBA DHIRAM

A Sacerdotisa Harusah, também Escriba, cortou suas meditações pelo meio quando ouviu o primeiro grito de Dhiram. Depois, ouviu a palavra: “Socorro!” Era um grito de horror.

De repente, a vibração em volta dela se pôs a mudar, e Harusah começou a tremer. O cenário começou a se modificar e seu fôlego diminuiu, a ponto de tornar-se quase impossível respirar.

Vibrações até então nunca experimentadas deixaram-na paralisada e, apesar dessa violência, sentiu-se tomada por uma visão no lago: uma mão que se lhe estendia do meio das águas. A mão parecia chamá-la, ou seria apenas um aceno de socorro, ou somente um gesto de adeus?

Contudo, quando se aproximou sorrateiramente, chegou a tempo de presenciar o Conselheiro Rabir colocando o corpo sem vida do Escriba Dhiram sobre os ombros. O movimento foi feito sem nenhuma dificuldade, pela significativa energia de Rabir.

Harusah retomou, pouco a pouco, o controle das suas emoções, e deixou esvaziar do seu corpo todo o amor que transmitia, naquele instante, ao seu querido amigo Dhiram.

O Sacerdote Conselheiro tinha o olhar malévolo, e Harusah viu que aqueles olhos foram ficando simpáticos e eufóricos. Então, ela compreendeu que Rabir havia ultrapassado o terrível ponto perigoso para o Ser Humano.

Para RAMIS e para mim, a cena tinha uma outra dimensão do tempo e do espaço!

Com o coração oprimido por uma infinita tristeza, Harusah seguiu automaticamente o cortejo em direção ao Nilo.

○ ENTERRO DE DHIRAM

Por alguns minutos, o Sacerdote Rabir tomou o lugar de Oficiante do ritual e começou a celebrar o culto diabólico: dar fim ao corpo sagrado de um companheiro.

Rabir aproximou-se de um barco ali ancorado, puxando-o para a margem. Imediatamente, tirou de dentro dele uma corda – já preparada com antecedência – que trazia amarrada, numa das pontas, uma grande e pesada pedra. Na continuidade da corda, após a pedra, ele amarrou pelas alças a sacola do Tesouro Real. A sacola era o que mais incomodava, assim nos parecia.

Na ponta oposta da corda, ele enfiou a cabeça de Dhiram e puxou o laço, também já preparado antecipadamente. Jogou, em primeiro lugar, a ponta da corda que tinha presa a pedra.

O homem Oficiante, em sua túnica branca, não dissipando nada do seu talento, sem encobrir o seu gesto, com naturalidade e com as pernas afastadas, ergueu o corpo de Dhiram, segurando-o pela corda. Assim, o Escriba foi jogado para o alto e descreveu uma curva por sobre a corda, presa no fundo do rio. E... desapareceu. Não se tem repetido o mesmo ritual há séculos.

De tal modo, Harusah, encoberta pela escuridão da noite, sentia-se fisicamente atingida, que entoava em seu peito o sentido canto da dor.

Nós, os assistentes ocultos, tomamos conhecimento de acontecimentos vindos do mais profundo do tempo; acompanhamos o canto da Sacerdotisa Escriba, numa sincera homenagem ao homem que havia partido.

Harusah continuava ali, sem fazer nenhum movimento. Só se retirou quando jurou: “Irei explorar, pelo resto da vida, a verdade sobre estes acontecimentos. Juro por AMON e por toda a classe dos Escribas.”

Começava, assim, a nossa caminhada junto de Harusah.

RAMIS disse:

– São 24 horas no relógio d’água.

RAMIS e eu fomos ao encontro daquele momento em que Rabir pretendia ir em busca de Luan.

RAMIS descreveu Luan:

“Luan é uma Sacerdotisa do 3º Grau Iniciático, filha de pais egípcios, ambos Sacerdotes. Foi criada e passou a vida toda em Mênfis. Era a caçula de duas filhas.

“Sua instrução foi aprimorada e igualmente preparada para o cargo que ocupa na Casa do Tesouro Real. Suas responsabilidades são bem definidas: conferir ordens de recebimento de mercadorias, efetuar pagamentos e também receber, quando for o caso.

“As trocas naquela época eram feitas com ouro e muitos outros materiais preciosos. O Egito era um país de grande riqueza, abundância e fartura.

“Todas as ordens desses trabalhos passavam primeiro pelo Eunuco Argih, que as carimbava e repassava para a Sacerdotisa conferir. Ela conferia tanto os escritos nos papiros, como também o peso do referido material destinado a cada caso. Por isso, era obrigada a conhecer a pureza do ouro, das pedras preciosas e de outros materiais que circulavam, como grandes valores, para as trocas (compras e vendas). Havia uma multidão de auxiliares naquela tarefa, mas Luan era a principal responsável pela finalização do trabalho.

“Luan trazia sempre, em seus trajes leves e curtos, um cinturão de couro em volta da cintura, fechado por uma fivela de metal precioso, no qual tinha incrustada a esfinge de um homem – a de Gazil, seu companheiro (esposo).

“Por ser companheira de Gazil, sua posição entre tantas mulheres era de destaque, pelo fato de ele ser um sábio Curador (médico), um Grande Sacerdote e cientista.

“Seu rosto de pele firme e lisa, de um marrom fosco, é de uma juventude apaixonada e meiga. Soberba, delgada, nem alta nem baixa, arrogante – de uma arrogância infantil, com olhos insolentes de quem sai sempre triunfante. Às vezes, tem o jeito inocente, patético e desamparado. Às vezes, os seus modos são rudes, fortes, poderosos e cheios de crueldade. Luan tem o temperamento vulnerável.”

O ENCONTRO DE RABIR E LUAN

Vendo Luan ali parada, com os olhos grudados no chão, onde havia um relógio d'água, eu disse para RAMIS:

– Concordo com o que foi falado sobre a Sacerdotisa e vejo que tudo nela recende a vida e juventude ardentes.

O tempo arrasta-se... Rabir – o Conselheiro – chegou!!!

Por algum tempo, fitaram-se em silêncio, cada qual imerso nos seus próprios pensamentos.

Luan refletia: “Que golpe extraordinário do destino sobre as minhas intenções! Pelos deuses, onde estará Dhiram?”

O calor abrasava e, apesar disso, a Sacerdotisa passou a sentir frio. Agora, tratava-se da sua própria sobrevivência e ela refugiou-se no seu espírito, com toda a consciência do que estava para acontecer.

Encerrando seus devaneios, Rabir agiu de imediato, começando por dizer direto e sem rodeios:

– Um relatório foi enviado a mim e não tenho a menor dúvida de que você será julgada e condenada por tentativa de roubo do ouro, como consta do documento.

Luan não via atalho algum pela frente. Sem dúvidas, em delírios, sentia-se fatalmente condenada. As palavras de Rabir afastavam-se dela para bem longe. Entretanto, podia ouvir perfeitamente o seu coração, que estava sendo escavado impiedosamente pelo homem à sua frente. Os golpes surdos dentro dela ecoavam por todos os lados. Com certeza, o Conselheiro estava a escutá-los.

Então, Rabir leu o Decreto:

“Você está convocada – Sacerdotisa de ÍSIS –, Luan, a vir ter conosco no salão de julgamento, na Ala do Conselho Temporal dos Cento e Onze, contando, desde o dia de hoje, mais *pichi* (3) dias, à 1ª hora da noite (15 horas). Compete rigorosamente a você o cumprimento desta ordem. Se, por acaso, você quebrar o seu compromisso, o julgamento dar-se-á sem a sua presença, de qualquer maneira. O que ficar decidido será cumprido, contra qualquer vontade, em nome da Divina ÍSIS e da Lei do Egito. Assinado pelo Conselheiro – Sacerdote do 5º Grau – Rabir.”

Luan sentiu-se nauseada e quase chegou a vomitar. O seu medo concentrava-se no estômago. Angustiada, esforçou-se para que a sua reação nervosa se tornasse invisível. Nenhum tremor foi visível! Mentalmente, esvaziou de seu espírito as suas preocupações e tentou encarar o Conselheiro, mas ele já ia adiante. Mesmo assim, em vez de explodir pelos ares, Luan desabou desmaiada.

O ENCONTRO DE RABIR E ARGIH

Rabir volteou ao redor da Sacerdotisa caída, com um sorriso dissimulado, e caminhou mais alguns passos em direção à Casa do Tesouro. Demonstrou a mais completa indiferença pelo estado da mulher.

Chegando, entrou no recinto de trabalho do Eunuco Argih, gritando:

– Eunuco Argih, coloque-se à minha frente para ouvir!

Argih, espantado, fitava sobriamente o Conselheiro. Movimentava-se de um lado para outro, num turbilhão, como água fervente numa caldeira.

O Conselheiro Rabir leu em voz alta e bem pronunciada o mesmo Decreto que havia lido para a Sacerdotisa Luan. Havia mudado apenas o horário e a data para o comparecimento de Argih (15 horas da noite, dali a 5 dias).

Por detrás das aberturas dos alojamentos daquela Ala, as vozes erguiam-se, para depois se abaixarem. Eram as Sacerdotisas que ali trabalhavam e que tudo ouviam.

RAMIS e eu, igualmente, tudo ouvíamos, espantados.

– Imagine – disse eu – uma ordem do Conselho dos Cento e Onze recebida com vaias bastante animadas.

Sob os apupos calorosos e prolongados, o Sacerdote Conselheiro tratou de escapar rapidamente em direção à saída. Voltou-se sobre o próprio corpo e disse ainda:

– Meu caro Argih, espero que tenha em sua defesa alguma desculpa legítima. O meu desejo é sincero. Você conhece todos os riscos em questões de roubo.

O Eunuco raciocinava: “O que há de mais sensato agora é escapar daqui.” Caminhou, imerso nos seus pensamentos, até chegar onde jazia o corpo inerte de Luan – sua companheira de trabalho.

Foi logo sacudindo os braços da mulher, dando-lhe pancadinhas afetuosas no rosto de criança. Sim, a Sacerdotisa tinha o rosto de uma criança, naquele abandono abençoado.

Nossa expectativa foi rápida. RAMIS e eu vimos que Luan e Argih conversavam sobre o que lhes acontecera.

“Gazil é Sacerdote de AMON do 5º Grau Iniciático – o maior deles.

Parecia um homem comum, aparentemente sem cuidados consigo mesmo. Sua vida era próspera.

Vivia satisfeito, sem remorsos nem peso algum na consciência.

De estatura mediana, mais para alto, Gazil era simpático e querido por todos.

A questão é que Gazil nunca foi um homem comum: é um Curador (médico e cientista) – o Senhor da Vida.

Foi feliz com a sua Luan, sem recordações dolorosas, até aquele momento.”

Assim foi explicado por RAMIS.

LUAN E GAZIL

O casal — Luan e Gazil — tinha dois filhos que já estavam separados deles. Ambos os filhos, um homem e uma mulher, permaneciam na Ala dos futuros Sacerdotes e Sacerdotisas do Templo.

Gazil chegou aos seus aposentos, notando que Luan — a sua companheira — o olhava com grande curiosidade. O Curador não se admirou com isso, já que seu rosto e as roupas deviam estar cobertos de poeira, como de costume.

Mas um raio de luar incidia sobre os olhos de Luan, e o brilho que o Curador viu neles atraiu sua atenção. O olhar da moça achava-se dividido em diferentes partes conflitantes. Tinha o efeito de terror sobre Gazil. Mesmo assim, não foi fácil. O Sacerdote levou um bom tempo, antes de conseguir encará-la e interpelá-la:

— O que aconteceu?

RAMIS e eu, ali presentes, começamos a nos sentir penalizados com a situação de Luan.

— Ela não sabe, ao que parece, como dizer o que está querendo contar — disse eu.

— Mas a sua maneira de se comportar é abertamente suspeita. Ninguém melhor do que o experiente homem para julgá-la assim — advertiu RAMIS.

Luan começou a dizer, cautelosamente:

— Cheguei à conclusão de que a minha obrigação é contar-lhe tudo o que posso, dos acontecimentos de hoje.

Falava...falava, como se lutasse para se desvencilhar de amarras imaginárias. Rolava-se com palavras em todas as direções, menos naquela que desejava. Ficou tudo quieto.

Gazil quebrou o silêncio, num murmúrio. Ele não estava plenamente consciente dos riscos que sua amada iria correr dali para diante. Disse baixinho:

– Certamente não será necessário expor o seu erro, com excessivo sentimento de responsabilidade. Não acredito que sua culpa seja tão grave!

Em seguida, o Curador pôs-se a distrair a companheira com histórias cheias de brincadeiras.

– Diga-se, de passagem, que ele nunca soube contar histórias – comentou RAMIS, em minha direção.

– Gazil poderá ainda censurar-se, mais tarde, pelo fato de não ter agido imediatamente – comentei em resposta.

O palco estava preparado para a realização dos destinos da Família Espiritual de Luan e Gazil.

A mente extraordinária do sábio Gazil excitava a inveja de alguns, ao mesmo tempo em que obtinha a mais ardente admiração de outros. Mas, da realidade das coisas, Gazil só tomaria conhecimento sob a influência da desilusão.

“Gazil, você ainda chorará por Luan”, pensamos RAMIS e eu.

Assim, retornamos à noite em que Luan ficou amarrada em suas próprias palavras, e Gazil tentando distraí-la, sem alcançar o que acontecia de fato com sua companheira. A Sacerdotisa estava numa situação difícil. Recordava, com terrível nitidez, todas as coisas que Rabir – o Conselheiro – lhe dissera naquela tarde.

“Conte a verdade para Gazil”, aconselhava-se a si mesma. “Se assim eu fizer, será que adiantará alguma coisa? Quem irá acreditar na versão da minha história? Quem poderá imaginar

que eu me meti nessa louca aventura só por causa de um bocado de ouro? Parece-me agora uma história inacreditável. Amaldiçoado seja aquele momento em que fui tão afoita.”

Tudo isso passou pela mente de Luan, em menos tempo do que levaria para relatar o fato ao seu companheiro.

Presenciamos – RAMIS e eu – a frieza mental de Luan e pensamos: “A diletta Sacerdotisa não mudará sua atitude, mesmo quando permanecer enterrada nas trevas... A mulher de Gazil vai morrer por causa de sua fome por bens materiais. Ela viajará continuamente até o momento de alcançar o pináculo da compreensão. Para isso, levará milhares de anos.”

Luan, fazendo o melhor possível para não recuar e esconder sua situação, jogou a frase no ar:

– Fui convidada a comparecer, daqui a três dias, perante o Tribunal Temporal dos Cento e Onze. Quem me intimou foi o Conselheiro Rabir.

Continuou, num esforço para parecer calma:

– Deve ser um engano! Evidentemente, é um grande engano. Ninguém tem o direito de acusar-me... Isso me parece espantoso e até mesmo impossível.

– Acusá-la de quê?

– De desejar apossar-me do ouro que o Escriba Dhiram recebeu para o pagamento de uma quantidade de madeira.

– Como assim?

– O Escriba Dhiram tinha a intenção de roubá-lo e acusou a mim e ao Eunuco Argih, perante o Conselheiro Rabir, de praticar esse ato infame.

Disse mais:

– Apenas, eu brinquei com o Escriba, perguntando se ele me daria uma parte daquele ouro. Foi somente o que aconteceu.

Gazil exclamou para a sua bem amada companheira:

– Não vou abandoná-la. Você será compreendida por esta falta tão infantil!

Em Luan, iniciou-se um sentimento de remorso e angústia pelo seu feito. Ela suportava este novo estado d'alma com perplexidade... Mas, tinha a segurança de que seria perdoada. Ela tinha que confiar em Gazil. Porém, com mais frequência a dúvida lhe invadia o espírito. Sofrendo a mais aguda dor de um pressentimento pavoroso, apegava-se ao companheiro Gazil.

– Lutarei por você com confiança, firmeza e perseverança. Confio, acima de tudo, na justiça de ANÚBIS, o Deus Julgador de cada um. Trata-se, afinal, da sua sobrevivência e do nosso futuro.

Com o coração cheio de amor infinito por todo ser vivente, Gazil partiu ao encontro de Menhenúfis – Sombra do Venerável Faraó AKRON –, sentindo suas energias vibrarem com mais força.

GAZIL E MENHENÚFIS

Sem submeter-se, pois prevaleceu a sua integridade sobre o Grande Sacerdote Menhenúfis, o Curador Gazil foi logo despachando:

– Tem-se dito que Luan, a idolatrada da minha alma, logrou enganar o Escriba Dhiram sobre o ouro para o pagamento de uma certa madeira.

– Como você soube disso? – indagou Menhenúfis.

– Não há nenhuma dificuldade na compreensão do que afirmo. Minha companheira foi intimada pelo Grande Conselheiro dos Cento e Onze, de nome Rabir, sob essa alegação.

Continuou Gazil descrevendo seus pensamentos, com toda a energia do desespero, na luta pela vida de Luan:

– Acredito que Luan tenha sido influenciada por algum sonho que considero sem importância. Minhas certezas não se apoiam mais em depoimentos exteriores, e sim na vivência pessoal com minha companheira. Nada aconteceu, já que tudo permanece como estava antes. Luan não tem, em seu poder, ouro algum.

Pensei eu, na direção do meu RAMIS: “Poderíamos colocar uma luz conveniente diante dos olhos de Gazil, a fim de desarmar os seus falsos conceitos.”

Nada permanecia como antes!

Sempre lutando, o Curador continuou:

– Não houve roubo algum, e o ouro continua total em poder do Escriba Dhiram. Foi Luan quem lhe entregou a sacola com o ouro do Tesouro Real.

Para Menhenúfis, que nada tinha testemunhado, desde o princípio, sobre aquele assunto, ficou difícil argumentar com o amigo Gazil. Ficou calado e esperando, admirado.

Assim, Gazil disse:

– Meu caríssimo amigo Menhenúfis, estou aqui para implorar... a fim de desviar o perigo que ameaça a minha companheira. Não aceito o fato de Luan ser julgada pelo Conselho Temporal dos Cento e Onze. Peço que minha companheira – como Grande Sacerdotisa de ÍSIS e possuidora do mais Alto Grau entre suas iguais – possa apresentar o relatório do acontecido perante o Conselho Secreto dos Vinte e Um. Apresentar-se perante esse honroso Conselho, mas nunca ser julgada por uma falta que não cometeu.

Continuou:

– Luan possui uma extraordinária inteligência, que causa inveja e malícia entre os seus parceiros de trabalho. Temo que tenha sido esse o detalhe que influenciou o Conselheiro Rabir.

Com as palavras que acabamos de ouvir – RAMIS e eu –, com grande surpresa, concluímos que a Sacerdotisa seria, sem dúvida, condenada. A condenação seria o resultado do que foi admitido e do que não foi revelado por Gazil, pelo fato de ele não ter conhecimento de toda a verdade.

A INTERCESSÃO DE MENHENÚFIS

Menhenúfis – Sombra do Faraó AKRON – tinha que apresentar-se aos Conselheiros dos Vinte e Um, com um pedido, por escrito, do Grande Faraó. Esse seria o ponto de partida para o começo do sucesso de tão estranho pedido de Gazil.

Gazil e Luan, mais do que nunca, estavam extenuados com o sofrimento de tão grande aflição.

O Faraó AKRON – o Divino – teria concordado com o pedido do seu querido amigo – o Curador Gazil. Havia também o fato de, há muito tempo, o Grande AKRON não vir suportando mais a perplexidade e a angústia do seu Povo.

Menhenúfis, porém, encarnando o Poder do Faraó, usou sua própria voz e influência, a fim de alcançar seu objetivo: que a Sacerdotisa Luan fosse ouvida no Conselho Secreto dos Vinte e Um.

Um dos membros do misterioso Conselho acolheu, sem grande restrição, o pedido de Menhenúfis. Luan – a Sacerdotisa de ÍSIS – seria ouvida em uma reunião informal deles; mas nada, além disso, foi prometido a Menhenúfis – Sombra do Faraó AKRON.

Com a visão interior que esses homens possuem, sabiam que entre eles estava a Alma Irmã de Menhenúfis. Por isso, o pedido foi acolhido em homenagem a este Conselheiro – de nome RAMIS.

Disse-me RAMIS:

– Se o pedido tivesse partido do nosso Grande Rei e Pai AKRON, com certeza o rumo tomado seria outro.

Continuou explicando-me:

– Por esse ato de Menhenúfis, ele assumiu o que AKRON vinha lutando para não acontecer: o envolvimento dele com o *Karma* (caminho) da Cartilha Infantil.

Fiquei atenta ao que RAMIS descreveu sobre Menhenúfis:

“AKRON está no interior do Templo, do seu amado Templo. A paz e a atmosfera de plenitude o circundam e enchem todo o recinto. Através da penumbra do lugar, um raio de sol surgiu e fez o Santo Sacerdote sair do seu silêncio mental, porque sentiu, atravessando suas veias e alcançando cada célula sua, a figura do seu dileto Acólito Permanente – sua Sombra – Menhenúfis.

“AKRON, em meditação, escutou no silêncio vivo o que sabe agora sobre sua Sombra – sabe que Menhenúfis terá que radicalmente ficar na região da sombra, como parte do próprio AKRON. Ele é o Ser Humano que AKRON virá a ser, dali em diante:

AKRON – Divino;

Menhenúfis – o Humano.

Um, a luz;

O outro, a obscuridade.

Um procurando a qualidade de humano na obscuridade;

O outro querendo alcançar a qualidade divina na Luz.

“O divino perfeito e o humano imperfeito. Menhenúfis cedeu para AKRON sua alma terráquea, o seu sangue.

“AKRON busca a experiência humana; Menhenúfis, a experiência divina, através da Sabedoria dos Tempos. Ambos buscam aquilo que nunca possuíram.

“Por isso, Menhenúfis seguirá os passos do Santo Sacerdote até quando conseguir, com suas experiências negativas, transbordar o cálice de AKRON; até se tornarem unas, frente a frente, a parte sombria e a parte luminosa.

“Menhenúfis será, então, o receptáculo vivo de AKRON — seu amantíssimo Pai e Mãe.”

RAMIS tinha a voz embargada; e eu, emocionada, escutando a sua fala.

Ainda ouvi:

“Menhenúfis descerá aos subterrâneos da morte, e eu, como sangue do mesmo sangue, cairei com ele. Pelo efeito sincromático, nós nos reuniremos à Luz do nosso Venerável Pai e, quando unidos, alçaremos nosso voo aos píncaros da glória, a fim de herdarmos o oculto da sua herança, que Ele nos trará memorizada. Todos nós temos a nossa faixa de sombra. Haveremos, cada um, de conhecê-la para compreendê-la, a fim de assim alcançarmos as necessidades do nosso Pai AKRON, as necessidades da nossa evolução espiritual e também da nossa evolução humana. Elevemos, minha querida companheira, um louvor e uma saudação à Vida.”

Assim, foi encerrado o discurso de RAMIS.

— Que todos nós, das famílias que pertencem à Mônada e ao Ego AKRON, possamos compreender agora, completamente, o grande Plano Redentor do nosso amantíssimo Pai e Mestre AKRON — disse por minha vez.

Absurdamente sensibilizada depois da minha fala, convidei meu companheiro dessa jornada para prosseguirmos reforçando a memória do passado. Assim, o *karma* fará com que reencontremos o nosso verdadeiro lugar, no imenso universo de nossas vidas.

Para aliviar o peso presente do nosso passado, façamos por merecer e tirar proveito dessa ajuda que o dileto RAMIS nos traz para nossa vivência de agora.

Continuemos, pois, a acompanhar a trajetória dos filhos dessa Família Espiritual.

LUAN E SEU JULGAMENTO

Rabir, ao ser informado de que a Sacerdotisa Luan seria ouvida pelo Misterioso Conselho dos Vinte e Um, tratou de se garantir perante a nova situação, diante do Tribunal Temporal dos Cento e Onze. Tratou também de se assegurar de que, no Conselho dos Vinte e Um, a causa de Luan não fosse levada a sério.

Com a certeza de que a condenação da Sacerdotisa seria mera formalidade, o Conselheiro recusou-se a se preocupar e aceitou essas alternativas, como uma simples questão de tempo.

“A razão está sempre do lado dos vencedores”, pensou tranquilo, considerando-se sempre um grande vencedor na vida.

LUAN PERANTE O CONSELHO DOS VINTE E UM

Ali sentada, diante de apenas dois Conselheiros, num misto de horror e vergonha, Luan rememorava as horas dos seus três últimos dias. Cobriu o rosto com as mãos. “Devia estar doente, muito doente.” Enquanto assim pensava, um dos Conselheiros pediu a palavra:

– Não perderemos tempo com mesuras e saudações. Estamos aqui reunidos porque sabemos da história sobre a intenção da Sacerdotisa – companheira de Gazil – de conseguir, por meios ilícitos, uma porção de ouro do Tesouro Real, no qual ocupava uma posição de confiança do nosso Povo. Portanto, mulher, você abusou do seu poder, com o desejo de enriquecimento e com a cumplicidade do Eunuco Argih – seu companheiro de trabalho. Estamos atendendo apenas a um pedido de Menhenúfis – Sombra do Faraó. Veja bem, o digno Faraó não se deu ao trabalho de se manifestar...

A Sacerdotisa suava abundantemente e sua cabeça doía-lhe ao surdo martelar do sangue nas têmporas.

Quando o Conselheiro silenciou, seu único companheiro presente retornou ao assunto para encerrar, o mais breve possível, aquela reunião:

– Senhores, nada mais temos a dizer, senão pedir a este Conselho, em nome da Justiça Divina, que Luan – a Sacerdotisa de ÍSIS – receba o castigo que merece. Que o Conselho Temporal dos Cento e Onze, que representa a Justiça do nosso Povo, castigue-a com a pena que decidir, mesmo que seja a Pena de Morte.

Luan ergueu-se lentamente. Sua veste estava completamente escura de suor. Saiu dali direto para o Salão de Reunião do Conselho dos Cento e Onze, sem o direito de dizer qualquer palavra em sua defesa e mesmo sem o direito de se movimentar ao seu desejo. Já estava aprisionada.

LUAN E O CONSELHO DOS CENTO E ONZE

O salão dos Cento e Onze, ao contrário do outro, estava repleto de Conselheiros. Caminhando entre eles, guiada por um guarda, Luan ouviu vaias e gritos como: TRAI DORA! Dois guardas agarraram-na imediatamente e a levaram para fora, em meio ao tumulto reinante. O motivo alegado foi a segurança da prisioneira.

Não houve julgamento algum. Luan, como já haviam acertado, seria emparedada viva. Não havia tempo a perder com questões jurídicas; assim já estava decidido.

RAMIS disse com a voz alterada:

– Minha cara, os Conselheiros, homens de coragem e dignidade, portanto, capazes de julgar a Ré conscienciosamente, assim o fizeram, levando em conta somente as provas, para eles irrefutáveis, apresentadas pelo Grande e Digno Conselheiro, amigo deles, Rabir.

Assim foi feito para a nossa grande revolta – minha e de RAMIS.

GAZIL TOMA CONHECIMENTO DA SENTENÇA

Quando a sentença da justiça do Conselho Temporal determina o emparedamento, isso significa que o sentenciado sai do recinto da reunião de julgamento, imediatamente, para o cumprimento de sua pena.

Emparedamento é colocar-se a pessoa, com vida, dentro de um esquife incrustado na parede e tampar essa abertura com massa (tipo cimento) até a vítima morrer sufocada, sem possibilidade de respirar.

Por Lei, esse hábito já deveria estar abolido no Egito, por determinação do Faraó.

Poucos são os que assistem à execução de qualquer réu. Por isso, Gazil percebeu, de imediato, a situação de Luan. Ele rondava por perto, mas não se aproximaria de Luan sob qualquer hipótese. Não lhe seria permitido.

Naquele momento, houve uma pausa no Palácio Real... uma pausa interminável que surpreendeu Menhenúfis. Ele estava sozinho com o seu Rei, evitando — os dois — entreolharem-se. Pareceu que o tempo ficou, momentaneamente, suspenso. Menhenúfis suspirou e remexeu-se no assento.

AKRON mostrava-se como se tivesse descoberto alguma coisa. Ele adivinhou, pelo Poder que possuía.

— Vós sabíeis, Menhenúfis? — perguntou.

Menhenúfis curvou a cabeça.

— Por que não me contastes? — insistiu polidamente o Rei.

Houve outra pausa.

Gazil nem pensou em solicitar uma audiência; foi empurrando tudo pela frente e gritando por socorro para Menhenúfis. Seus gritos chegaram aos ouvidos de AKRON.

Ouviu-se um murmúrio no recinto. Era a Guarda que se assustava com aquele rebuliço.

AKRON — o Faraó — já sabia o que deveria fazer e, assim, tomou a mão de Gazil e saiu dali, voando como o vento. Se o Curador correu quando foi pedir ajuda, AKRON voava para o local da execução de Luan.

Menhenúfis, atrás, tentava acompanhá-los. Os poucos que vagavam por ali abriam a boca, surpresos, vendo a situação do seu Faraó. Os guardas permaneceram em seus postos, petrificados, sem tempo de raciocinarem.

Arfando ao chegar, AKRON falava com a voz alterada, que nem mesmo Menhenúfis nunca ouvira:

– Parai todos e ponde-vos a ajudar-me a abrir esta sepultura.

Os serviçais que lidavam com a massa naquele local obedeceram, sem perder tempo. Com as suas ferramentas abriam buracos ali onde já estava Luan sendo sacrificada.

AKRON, num desespero nunca antes notado, arrancava a massa com as próprias mãos, que logo estavam sangrando. Menhenúfis e Gazil seguiam o seu exemplo. Alguns dos presentes também ajudavam; outros ficavam completamente sem ação, como os guardas.

RAMIS e eu captamos o pensamento de Rabir, que a tudo assistia de longe: “Por estas e outras, o Faraó cava, mais depressa, a sua própria sepultura. Haverá de ser derrubado do trono.”

Pensando assim, o Conselheiro foi recolher-se, para, no dia seguinte, tratar do julgamento do Eunuco Argih. A hora de Argih estava chegando!

Por fim, AKRON agarrou o corpo de Luan desfalecido, mas com vida.

Gazil – como Curador (médico) – logo percebeu a respiração cortada de Luan. A esta visão, ficou sem pensamentos... parecia voar no espaço sem fim.

Sentindo na própria carne o mesmo sofrimento de Luan, Gazil se sufocava...

Luan se sufocava...

A morte lutava contra a vida da mulher.

Contudo, a luta travada – da Sacerdotisa com a morte – parecia a fúria fustigante de uma tempestade. Antes de estourar o seu coração teimoso pela vida, a companheira de Gazil sentiu desabrochar das suas entranhas uma extraordinária energia, como se a tormenta houvesse cessado.

AKRON deixou que o corpo de Luan se abandonasse bem junto ao seu peito. A suavidade do Pai, ali sentado no chão, mostrava sua obstinação em salvar a vida da sua filha querida.

Foi uma cena inacreditável!

Notamos – RAMIS e eu – que AKRON transportou para si, fisicamente, toda a dor de Luan.

A Sacerdotisa de ÍSIS – Luan – deixava a Terra, mas, por alguns instantes ainda, esteve presa à placidez do olhar do Venerável Mestre AKRON.

Foi no momento extenuante do final, que RAMIS e eu captamos o último pensamento da mulher que partia para ANÚBIS (o Deus julgador):

“Os OLHOS – jamais os esquecerei.”

Luan, a Sacerdotisa de ÍSIS do 3º Grau Iniciático do Templo de AMON, em Mênfis, estava liberta.

Os mais próximos – inclusive RAMIS e eu – ouviram o sussurro da voz mansa, cheia de suavidade e ternura, do Grande Faraó AKRON:

– Dileta Luan, Filha do meu Ser, muito amada de minh’Alma, AKRON vos perdoa.

Foram prestadas todas as honras de um sepultamento com embalsamamento, devidas às Sacerdotisas do seu Alto Grau Iniciático. Luan não ficaria presa no Egito por causa do embalsamamento. AKRON a levaria consigo quando chegasse o tempo.

GAZIL SEM LUAN

Gazil — o Curador —, sem Luan, ficou dividido em dois: um — o homem continuando a se sufocar de saudade; o outro — o Sacerdote que teimosamente continuaria, pelo resto dos seus dias, em busca de bálsamo para as feridas dos corpos e para as chagas dos *bahs* (almas) do seu Povo. A sua cultura o manteve vivo para o bem da ciência, já tão avançada naquele tempo.

Nas suas andanças, percebeu que, no lodo das margens do rio Nilo, as suas descobertas seriam preciosas. O homem humilde da terra era rico e valioso para a sua ciência.

As raízes nascidas no lodo continham segredos que o Curador desvendava surpreso. A raiz do lótus — a flor sagrada do Egito — continha substâncias que operavam milagres.

Mas, verdadeiramente, a ferida da alma de Gazil continuava aberta por causa daqueles que difamavam a sua companheira Luan. O Curador passou a adotar um método diferente de agir, em contraste com o que fora até então.

Passou a meditar sobre como seria a vingança!!!

Sempre ficou para ele uma dúvida: afinal, Luan foi condenada por intrigas alheias ou pelo seu desejo de apossar-se do ouro?

Ninguém, naquela ocasião, provou nada sobre isso.

RAMIS e eu sabíamos toda a verdade que a Sacerdotisa carregou consigo.

○ TORMENTO DE ARGIH

Passaram-se longas horas depois do sacrifício de Luan. E passaram-se longos dias desde a convocação de Argih, para comparecer ao Tribunal dos Cento e Onze. Os dias foram longos, parecendo serem muitos, mas na realidade foram apenas cinco dias, a partir do Decreto que decidira o julgamento de Argih.

RAMIS e eu seguimos aquele homem desde a visita de Rabir ao Tesouro Real.

No princípio, Argih fez o que provavelmente qualquer um faria em seu lugar: não se mexeu. Permaneceu sentado no chão de areias escaldantes, com os olhos fixos no brilho delas. Os grãos pequeninos, que o roçavam, eram a única coisa que se movia e que lhe fazia companhia. Permaneceu longamente como que fascinado, enquanto o suor lhe molhava as têmporas. Assaltava-o uma porção de pensamentos estranhos e de imagens terrificantes. O coração lhe batia no peito, quase a rebentá-lo. Ouvia uma voz interior idêntica à do Conselheiro Rabir, dizendo: “Dentro de pouco tempo saberão de tudo e o condenarão! Vão achar que a culpa foi sua.”

“Culpa?! Culpa de quê?” Sua imaginação enleava-se numa porção de pormenores, tentando reconstruir toda a trajetória dos fatos, desde que deixara a companhia de Luan, quando a encontrou desmaiada. A sinistra figura de Rabir voltava-lhe à memória. Lembrava-se também do ódio do olhar de Luan, embora ela estivesse tomada de humildade, enquanto falava com ele.

Argih via a mulher jovem e vigorosa, desesperada, sem conseguir coordenar o que lhe contava. “Será que Luan roubou o ouro de Dhiram e agora o colocava como seu cúmplice? Será? Provavelmente.”

O Eunuco não conseguia acostumar-se com todo aquele mistério. Persuadido de que seria inútil continuar ali e com a noite caindo, ele caminhou até o pátio do Templo de AMON. No lado leste do pátio havia uma “capela” destinada às orações de serviçais, como ele. Ali ficou, com o seu jeito triste e suplicante, mas não suplicou nada ao Deus daquele lugar. Ele não conhecia os deuses do Egito.

Ele suplicava a proteção dos seus antepassados – foi o que notamos, RAMIS e eu. Saiu sem conseguir lançar luz alguma sobre aquela catástrofe que lhe lançaram sobre a cabeça.

Andando, sempre a esmo, buscava notícias, daqui e dali, sobre alguma explicação referente à sua convocação ao Tribunal Temporal. As pessoas, sempre amigas, não tinham dúvidas de que Argih tivesse sido vítima de um terrível engano. Diziam com maldade:

– Você caiu numa teia sinistra desse Conselheiro Rabir. Imagine se ele não fosse tão seu amigo!

Argih chegou até a falar com Sacerdotes importantes, já que era muito conhecido e benquisto. Dizia-lhes tudo o que sabia, mas todos não faziam outra coisa, a não ser registrar o seu depoimento. Ninguém conseguia avaliar corretamente o que estava acontecendo. Pensou em retornar à Casa do Tesouro para indagar, pesquisar com seus companheiros de tanto tempo de serviços.

Como a coragem acompanha as situações difíceis, o Eunuco chegou pálido, mas calmo e resoluto. Dois ou três minutos depois de ter chegado, topou com uma cena patética: não havia ninguém à vista. Um simples olhar bastou para mostrar que todos fugiram à sua chegada. Os guardas mostravam-se indiferentes.

Foi, então, que alguém lhe disse que ele e Luan haviam sido substituídos nos seus postos de trabalho, desde a última visita de Rabir. Perguntando pelo Escriba Dhiram, a pessoa informou que ninguém sabia dele:

– É melhor esquecer o Escriba – aconselhou.

Com grande esforço para manter uma aparente calma, Argih recolheu-se aos seus aposentos, na Ala dos Eunucos. Lá, os seus iguais lhe deram de comer, ajudaram-no a tomar banho e vestir roupas limpas. Aquela noite era a véspera do seu julgamento e Argih tirou todos os pensamentos de sua mente.

O mais sensato foi mesmo não pensar absolutamente em nada – concordamos RAMIS e eu, temendo pela saúde dele.

O JULGAMENTO DO EUNUCO ARGIH

Ao som das badaladas de um gongo em algum lugar, Argih despertou com seus companheiros lhe avisando que estava na hora de ir à Casa dos Julgamentos. Mas, ainda lhe restava muito tempo. Por isso, passeou entre atalhos e inúmeras colunas e, ao enveredar por um caminho qualquer, avistou um grupo de Sacerdotes, entre os quais se encontrava o Conselheiro Rabir. O Grande Rabir aproximou-se dele, prometendo-lhe intercessão no caso pelo qual seria julgado. Apesar de ser ilegal essa ajuda, disse cnicamente:

– Haveremos de entender a sua culpa, prometo-lhe.

Ao mesmo tempo em que Argih queria sentir gratidão pelo interesse do “amigo”, numa profunda humilhação, tentava entender: “Qual teria sido a minha falta?”

O salão do julgamento estava dominado por alguns poucos Conselheiros, já que a causa de Argih não tinha nenhuma importância para eles. Atendiam ao pedido de Rabir e não queriam ficar embaraçados se assim não o fizessem. Sem maiores preâmbulos, decidiram, sem ao menos olhar para Argih: culpado. O veredicto foi unânime.

– O Egito está nas mãos desses dignitários que se isentam, eles mesmos, de obediência às Leis, debilitam a força da obrigação moral, abrem as comportas da iniquidade, da ilegalidade e da corrupção – disse o querido RAMIS.

Foi com essa certeza e dessa maneira, que Argih exultou-se em palavras, como único meio de livrar-se do emparedamento.

Defendeu-se, apegando-se à sua nacionalidade semita, aos seus preceitos e às leis do seu país. Por tudo isso, o Eunuco pediu:

– Cortem-me a mão direita. Para mim, será a maior desgraça e humilhação. Ficarei marcado pelo resto dos meus dias.

Rabir, até então calado, por ser proibida a sua intercessão – pois a convocação partira dele –, empregou, mesmo assim, todos os artifícios e pediu que a apelação de Argih fosse atendida.

Ouvindo-o, todo aplicado nos seus esforços, todo meticuloso, parecia verdadeira a sua amizade pelo Eunuco. Conseguiu que deixassem, por sua conta, a execução da sentença. Ardilosamente, Rabir afastou o emparedamento que, naquela altura, poderia trazer-lhe sérias complicações.

Pelas próprias leis egípcias, havia uma exigência: qualquer condenado ao corte de alguma parte do seu corpo teria ao seu lado, assistindo-o, obrigatoriamente, um médico (Curador). Nesse tipo de castigo, o réu não deveria morrer.

Rabir não perdeu tempo para pôr em prática a decisão que tinha em mente. “Mostrarei o meu prestígio perante o Conselho.” Assim pensando, acompanhou a guarda que se fazia em torno de Argih à caminho da execução da sentença.

O carrasco espantou-se quando Rabir solicitou a sua atenção. Em época alguma se presenciou tal cena: um Conselheiro falando ao pé do ouvido de um homem sem qualificação para estar ali junto a ele. A surpresa fez com que o carrasco afastasse a cabeça de perto do rosto do seu interlocutor, para observá-lo. Num gesto imponderado, ele voltou para o seu posto, como se o Grande Rabir lhe inspirasse horror.

RAMIS e eu sabíamos a consequência daquela conversa: seria a morte do Eunuco Argih. O Conselheiro dos Cento e Onze sentenciou, sozinho e por conta própria, que o Réu fosse abandonado com a mão direita cortada, até perder a vida,

exangue. Portanto, Argih não contaria com o socorro de um Curador.

Diante dos horrores desses dois julgamentos, RAMIS assim se pronunciou:

“Naquele final de tempo, quando estamos no início do sétimo ano da 2ª Dinastia do reinado do Digno Faraó AKRON, presenciamos a Luz do Egito se apagando. As trevas já estão agindo e o caos impera. Os divinos MENHENÉS se recolheram e a sua descendência, como AKRON e nós, agrupados em sínteses, estamos sendo mergulhados em algo infinitamente grande: uma nova experiência, como humanos, caindo da nossa condição de divinos. Quando eu digo divinos, falo sobre a estrutura dos Seres, e não da Condição Divina que existiu e existirá em qualquer tempo.

“Aí estamos nós, nesse tempo de 5.000 anos atrás — tempo de trevas —, iniciando a nossa caminhada de maneira surpreendente oposta, para atingirmos os objetivos da nossa evolução. O julgamento do “porquê” de assim ter sido, só a AMON pertence.”

De minha parte, agradeci a AMON pelo fato de ser o querido RAMIS meu irmão, naquela época e para sempre.

O sacrifício de uma mão decepada decidiria o destino do Eunuco estrangeiro. Ele levaria para a eternidade a experiência que o havia soçobrado, pelas infâmias e pelas ruínas contra o seu corpo físico.

GAZIL - O CURADOR E O RÉU ARGIH

Gazil – o Curador –, num comportamento bem mortificante, granjeou, no meio dos seus iguais, a triste reputação de insensível e indiferente. O rosto de Gazil tinha ficado destituído de expressão.

Todo sofrimento moral é experimentado por falta de compreensão. A compreensão de Gazil estava aprisionada por seus pensamentos dolorosos, que lhe queimavam o íntimo.

Tinha por meta a vingança. Por isso, durante toda aquela existência, nunca perdeu de vista o Conselheiro dos Cento e Onze – Rabir. Sua vingança era insaciável!

Foi assim que ficou a par de toda a trama contra o Eunuco Argih. Sempre próximo, sempre oculto, nunca se deixou ser visto. Sempre esteve muito bem informado.

Não se havia esquecido do que Luan contou sobre o Eunuco. Por isso, lá estava Gazil, no momento exato, para salvar a vida de Argih.

Com a sua autoridade de médico, apresentou-se com dois auxiliares que, sem dificuldades, carregaram o corpo da vítima, todo ensanguentado e desmaiado. Estavam a caminho do “laboratório” de Gazil e ninguém quis saber do que se tratava aquele cortejo; alguns pensavam que era algum defunto a caminho do embalsamamento.

Cego pelo sangue, atordoado pela dor, Argih foi conduzido para baixo de uma pirâmide e ali ficou muito tempo, sem consciência. O tratamento médico imposto era de alta tecnologia e a pirâmide tinha tudo a ver com isso. Quando recuperou os

sentidos, transformado em uma massa disforme, soltou um uivo que foi ouvido a grande distância. Perdeu novamente os sentidos. Durante um tempo considerável, atordoado pela febre e pela dor, Argih seguiu pela névoa, carregando aquele braço sem mão, até romper o véu que o envolvia.

A técnica do Curador consistia principalmente na condução exata das energias, de acordo com os *chakrans* do homem doente. Combinava, entre si, as energias da parte inferior com a parte superior do corpo de Argih, já tão mutilado, mesmo antes de perder a mão.

Certa manhã, enfraquecido e com os olhos encovados, a febre cessou e o Eunuco pôde engolir algum alimento leve de frutas, mel e trigo. Para alegria de todos, surpreenderam-no com um sorriso nos lábios, que substituíam os seus gemidos e lágrimas.

Argih – o Eunuco estrangeiro – estava recuperado!

Apesar de tudo, o sábio Curador Sacerdote Gazil valorizou a sua profissão, deixando o amor revelar-se nas suas obras.

KAREBAH - O ASSISTENTE DE GAZIL

Para obter um pouco de descanso e com as bênçãos dos deuses, Gazil aceitou, para a sua companhia, um estudante recém-formado da Ala dos Curadores: o estrangeiro de nome Karebah, palavra que significativamente se traduz como “Espírito Curador de Almas”.

Foi feito Assistente de Curador (médico), por não poder exercer a profissão independente, única e exclusivamente por não ser de origem egípcia. Karebah veio, desde a idade de um curumim (criança), de alguma ilha perdida pelos lados do norte do Egito. Adotado e educado como um puro egípcio, recebeu este nome de origem no País que o acolheu.

Mas, o seu tipo físico denunciava-o como estrangeiro. A pele era mais clara do que o azeitonado egípcio; os olhos, menos amendoados; era magro e de estatura mediana, se comparado com os egípcios.

Da ilha de sua origem, sabia-se que era considerada como restos da Antiga Atlântida. Portanto, Karebah não ficava nada a dever em relação à cultura científica dos Curadores daquela época.

Às vezes, os dois Curadores — Gazil e Karebah — saíam juntos, em peregrinações por todo o Egito.

No entanto, quando o Sacerdote Gazil partia só, crivado de seus golpes traumáticos, não lhe convinha a presença do seu amigo Assistente, mesmo porque não se podia admitir a falta de atendimento aos enfermos que os procuravam no laboratório. Esse dever seria cumprido com fervor empolgante, sempre por Karebah.

Deve-se a esse Assessor — que possuía toda a autonomia nas suas experiências — a manipulação de um bem sucedido remédio que triunfava sobre a senilidade, mas que se transformava em terrífico veneno quando mal empregado. Para tanto, Karebah usou no líquido espinhal do gato, já misturado com o veneno mortal da víbora, uma outra substância extraída da abelha. Em busca desta última substância (guardada em sigilo pelos dois Curadores), o assistente de Gazil costumava viajar para fora do Egito, onde as abelhas tinham maior adaptação.

KAREBAH E ARGIH

Desde o dia da chegada de Argih ao laboratório deles, Karebah cumpriu a Sagrada Lei do Sacerdócio Curador. No princípio, sentiu compaixão pelo Eunuco, sentimento esse que depois se transformou em sincera amizade.

Argih, tendo estado a vida toda à procura de piedade, encontrou no laboratório do Grande Gazil o conforto para o corpo, a amizade e o amor sinceros dos dois Curadores. Sua alma tranquilizou-se.

O Templo de AMON, em Mênfis, com sua aparência serena, nada mais significava para o Eunuco. Tinha vivido tanto tempo entre eles e, mesmo assim, quase ninguém se lembrava mais dele. Sua personalidade não causou impressão duradoura. “Simpático”, parecia ser esse o pensamento comum a todos.

Certo dia, depois de passar em revista os seus casos clínicos sem deixar nada por ver, o Curador Gazil chamou Argih. O Eunuco atendeu com presteza. O médico pediu-lhe delicadamente para se sentar e depois ficou analisando-o, antes de decidir a melhor maneira de abordar o assunto. Tentou um método bem suave:

– Suponho, meu caro Eunuco, que você saiba o porquê da nossa conversa, já que, graças a SEKHEMETH (a Deusa da Cura), você está completamente restabelecido.

– O Grande Assistente Karebah explicou-me – retrucou Argih, num sussurro.

– A coisa é toda delicada. Certamente, quero lhe oferecer uma solução definitiva, o que não será fácil. O certo mesmo é que você não pode continuar a viver aqui em Mênfis.

– Sei.

Foi a última palavra que se ouviu do Eunuco Argih, naquele momento. Dali para frente, a impressão de todos que vieram a conhecê-lo era de que o guerreiro Eunuco Argih sempre fora mudo. Sua comunicação com as pessoas passou a ser feita pelo olhar e por uns poucos gestos.

A cena da amputação da mão não podia ser esquecida. Doía muito mais do que a perda do pênis; afinal, ser um Eunuco era pertencer a uma classe daquela sociedade. Já, perder a mão, significava o estigma de ladrão. Procurar uma explicação para isso sempre foi um paradoxo para todos. Para Argih, nunca deixaria de ser um insulto, uma violência e uma enorme injustiça.

Para RAMIS e para mim, Argih estava doente do espírito. Ele não aceitava a si mesmo: viveu cheio de raiva e medos, no que se referia ao seu corpo físico.

Houve uma pausa inútil na fala de Gazil. O homem sentado à sua frente teimava em continuar extremamente desinteressado nos desempenhos de Gazil e Karebah.

“Ora — pensava o Grande Gazil —, não podemos levá-lo a sério e vamos, mesmo assim, cumprir o nosso plano.”

Não há dúvidas de que o Eunuco encerrou a sua existência ali, com o seu completo silêncio. A circunstância suspeita em torno da morte dele poderia vir a causar escândalos. As pessoas costumam falar de coisas que nem conhecem bem.

– E se outros Curadores começassem a fantasiar em boatos a respeito do desaparecimento do Eunuco? Quando o assunto se transformar em boato, nós nos assombraremos, pois, afinal, somos médicos — assim Gazil dizia a Karebah.

– Você tem toda a razão. Mesmo como médicos, não estaríamos isentos das explicações que exigiria de nós o Conselho dos Cento e Onze. Apesar da desordem reinante no Egito, temos que estar atentos, pois já se passaram quatro

ciclos de *Nut* (meses) da vinda de Argih para cá – respondeu Karebah, o seu Assistente.

Gazil lembrou-se de amigos que tinha em Denderah e para lá partiu, sem demora. O Templo de Denderah fica bem distante e parecia bastante seguro para a vida de Argih. Acabou o médico acertando, previamente, a permanência do Eunuco nas dependências da cozinha daquele Templo.

Dias mais tarde, zeloso na causa de Argih, o Assistente Karebah saiu, levando o Eunuco consigo, nas trevas de uma noite escura. Vestidos iguais com a capa de Curador, passaram sem problemas e chegaram ao destino, numa manhã que mal raiava, quente e abafada. Foram por terra, montados em cavalos.

Sem nenhuma manifestação de boas-vindas ou de alegria, Argih foi recebido por pessoas despreziosas. Só com o passar do tempo foi que ele se sentiu querido e útil. O seu trabalho de auxiliar de cozinha passou a ser muito bem apreciado por aquele batalhão de gente.

O Eunuco representava toda a ruína de um conjunto de princípios que, até então, constituíam o arcabouço da vida social egípcia. Argih admitia que sua vida era produto da morte de que havia escapado e, sendo esse o caso, manter-se-ia silencioso, como se morto estivesse.

Karebah tomava grande precaução ao falar, para não denunciar o segredo do seu companheiro Gazil; ninguém poderia supor nada sobre Argih. Para todos os efeitos, ele havia morrido.

O Assistente de Gazil viu-se subitamente na presença do Eunuco resgatado, quando estava de despedida: a fisionomia alienada, as vestes brancas e soltas, o silêncio mantido com uma expressão curiosa no rosto – expressão de feroz determinação e estranha indecisão; o corpo curvado sob o peso do seu problema angustiante. Karebah voltou de Denderah com os sentimentos não resolvidos e, por isso, cheio de ressentimentos emocionais diante daquela visão.

Foi então que Karebah, sem nenhuma hesitação, com os pensamentos chocando-se com as imagens presenciadas, deu-se conta do ódio surdo e duradouro instalando-se no seu jovem coração, contra um Conselheiro chamado Rabir. Ele conhecia Rabir somente através dos fatos narrados por seu amigo Gazil. Passou a trazer em si as emoções do Grande Curador, como se fossem suas próprias.

Gazil ganhou, para o seu combate encarniçado contra o Grande Rabir, um aliado tão capaz quanto ele mesmo, compreendemos, RAMIS e eu.

OS DOIS COBRADORES ESTRANGEIROS

Deixando o Templo de Denderah, RAMIS e eu retornamos a Mênfis, para acompanhar os dois cobradores enganados por Dhiram.

Tão logo chegamos, tratamos de encontrar a direção onde se encontrava o Digno Faraó AKRON. Avançando sempre, percebemos, afinal, uma luz ofuscante, que enchia de claridade o escritório onde estavam AKRON e Menhenúfis. Não sabemos quanto tempo levou, só sei que vi surgir, daquele coração de luz, a forma de MENHENÉS. Fiquei presa no seu rosto, profundamente expressivo, e nos seus olhos negros, marcados por intensas reflexões interiores.

RAMIS disse:

— A cena que vemos, de AKRON conversando com seu antecessor MENHENÉS, não causa estranheza. Repare que Menhenúfis toma conhecimento do que se desenrola à sua frente, sem perturbação alguma. Aí está um fenômeno natural que acontece em qualquer tempo, mas, com o passar das épocas, perdeu-se a visão deles. Os sentidos dos seres humanos foram se embrutecendo com o passar do tempo. AKRON está terminando os seus deveres do dia e Menhenúfis — sua Sombra — o auxilia.

— Noto que o Faraó está triste e preocupado — observei para o meu companheiro RAMIS — e Menhenúfis também está ansioso.

— AKRON não está preocupado; está triste por saber das ideias de destruição que arrastam todo o Egito. MENHENÉS,

com a visão englobada, onde não existe passado nem futuro, apercebe-se dos acontecimentos de um modo diferente. O que vai acontecer nada tem de desconhecido para Ele. O Grande Hierofante e Faraó AKRON cumpre o seu desígnio, e MENHENÉS haverá de ampará-lo. Já Menhenúfis tem na alma a dúvida sobre certas decisões que ele sabe estarem sendo tramadas por pessoas ligadas a ele. Por quê? Este porquê é a dúvida de Menhenúfis.

Cada um, por seu lado, mantinha-se calado, evitando qualquer manifestação dos seus corações sobre a verdade política e social recente.

O dia finalizava. Era o dia seguinte à morte de Dhiram. Então, um chefe da Guarda de Honra do Faraó AKRON, de menor categoria, apresentou-se àquela hora tardia, solicitando, com urgência, um encontro com o Rei.

A despeito da surpresa, AKRON solicitou a Menhenúfis o atendimento daquele pedido. Menhenúfis — Sombra de AKRON — recebeu o guarda e transmitiu ao Faraó o recado que lhe mandava o Chefe dos Exércitos — o Grande Subahajah. Todos se admiravam de não estar ali o próprio Chefe Subahajah.

O recado foi assim: “Subahajah encarregou-me de vir comunicar ao nosso Rei que dois estrangeiros rondam os muros do Templo, alegando necessidade de receber o pagamento, em peso de ouro, de uma grande quantidade de madeira que já entregaram na Ala dos Artesãos. Pediu-me ainda que comunicasse a Sua Majestade que um outro carregamento de madeira espera ordens do Escriba Dhiram para pôr-se a caminho.”

As recordações e a percepção de AKRON fizeram-se mais precisas: distinguiu em que passo estava a história daquela Família Espiritual.

Sem se importar com o adiantado da hora, com o mais profundo interesse, AKRON começou a agir. Esquecendo-se de si mesmo, reagiria para garantir o seu pleito em favor de pessoas e do seu querido Egito.

Menhenúfis começou por transmitir ao guarda a ordem do Faraó, para que os cobradores fossem trazidos, de imediato, até ali. Assim, esse Chefe cumpriu a ordem real.

Nesse instante, RAMIS e eu vimos os dois forasteiros, sentados nas almofadas da entrada, à espera das ordens superiores. Nada disseram e também nada lhes foi perguntado. Estavam muito assustados e cheios de esperanças.

A pedido de AKRON, Menhenúfis foi em busca de Épil — o Grande Chefe Escriba. “Só assim nos livraremos dos problemas dessas dívidas”, pensava o Faraó.

AKRON pediu também que ele fosse até a Casa do Tesouro Real, para saber o valor total do ouro referente à encomenda da madeira, dividida em duas etapas. Pediu, ainda, que fosse calculado um acréscimo de porcentagem, de acordo com o desejo do Rei.

Que assombro! Asseguraram-se da validade do Selo do Palácio Real, para evitarem enganos. Tinham em suas mentes os fatos recentes ocorridos com a Sacerdotisa Luan e o Eunuco Argih.

Além de qualquer regra precisa, o Faraó estava trabalhando durante a noite! Os encarregados procuravam uma explicação, mas toda aquela movimentação era um paradoxo. Deixaram as perguntas acumulando-se e, sem mais confusões, foram tratando de preparar a “papelada” e pesar o ouro solicitado. Mais ainda, a manhã chegando, o ouro já estava no escritório de AKRON, perfeitamente de acordo com a vontade Dele.

RAMIS e eu estávamos nos aposentos de Épil, quando ele foi acordado por um guarda, a mando de Menhenúfis.

A noite não estava nem na sua metade. A alma de Épil flutuava, tentando acordar.

“Não quero ser incomodado”, pensava, até que se viu de volta e compreendeu a situação. Foi um momento demorado e difícil. Disse, finalmente:

– O que deseja o Grande Faraó?

– Não sei. Sei apenas que todos trabalham à luz de NUT (a Lua).

Vários minutos depois, Épil partiu ao encontro do seu Rei.

O Grande Escriba há muito não se lembrava da Obra da História Infantil. Curiosamente, naquele momento, Épil a ignorava e não se dava conta de nada a respeito daquela convocação. Assim, desorientado, ele apresentou-se e foi encaminhado, por Menhenúfis, à presença Real:

– Majestade, ninguém é mais generoso do que o Faraó em todos os tempos – disse Épil, a fim de se proteger de qualquer mal-entendido.

– O que aconteceu com a Cartilha Infantil?

Assim dizendo, AKRON – o Grande Faraó – aproximou-se de Épil e fitou-o intensamente:

– Estou esperando uma resposta.

Épil fitou o Rei com uma súbita hesitação. Respondeu:

— Censurei-me, muitas vezes, por não ter buscado notícias da grandiosa obra. Tinha tudo acertado com Dhiram e fiquei confiante à sua espera.

AKRON sussurrou:

— Esperáveis por um morto!

— Como?

— Continuai — prosseguiu AKRON.

Épil empalideceu; gotas de suor surgiram em seu rosto. Após um momento de silêncio, acrescentou:

— Perdoai-me, meu Rei; se entendi, sinto repulsa. Mas, garanto-Vos que conheço os meus deveres. Não vou esquecer-me de quanto fui estúpido. Sinto um peso terrível ao pensar em quanto fui indeciso.

Notamos — RAMIS e eu — que Épil não conseguiu, jamais, desculpas suficientes para se justificar perante AKRON.

AKRON fitou Épil com altivez e uma lágrima correu dos seus olhos:

— Esqueçamos isso. De agora em diante, quero que as Minhas ordens sejam cumpridas com rigor e com urgência. Exijo obediência.

Menhenúfis fazia tudo o que estava ao seu alcance para cumprir as determinações do Faraó e também para agradá-Lo. Os seus pensamentos eram sombrios.

RAMIS e eu acompanhamos todo o desenrolar dos fatos. Na manhã seguinte, aos primeiros raios de RÁ, aconteceu o que vamos contar.

Os dois Cobradores estavam satisfeitos; foram informados de que partiriam com uma caravana egípcia, levando o ouro para o seu país. Findava-se aquela aventura, agora repudiada por eles.

Para que o ouro não fosse descoberto e para frustrarem emboscadas, os seis homens egípcios repartiram-no em seis partes: uma para cada um deles. Eram eles: o próprio Chefe Escriba – o Grande Épil; o cunhado de Menhenúfis – Menkatóthis, – o Artesão; quatro guardas do Palácio Real e os dois cobradores estrangeiros, que nada sabiam sobre a disposição do metal precioso. Tudo foi feito com precaução e sob a rigorosa vigilância de Menhenúfis – Sombra de AKRON.

Menhenúfis, como o próprio AKRON, viveram, depois desses fatos, num estado de profunda tristeza.

Segundo os cálculos de RAMIS, a viagem duraria mais ou menos dois meses, entre a ida e a volta.

A VOLTA DA CARAVANA EGÍPCIA

Quase dois meses após sua partida, a caravana chegou de volta e, graças a AMON, foram todos aprovados por Menhenúfis.

A atenção minha e a de RAMIS ficaram presas na figura de Épil. A sua atitude era contraditória. Entregava-se à felicidade, saboreando as iguarias que lhe serviam, bebendo e comendo como um glutão. Justo quando predominava na corte o clima de divergências dissimuladas, silêncios súbitos e mesquinhasias políticas.

— É um direito dele — disse-me RAMIS.

No pátio da entrada do Castelo Real, estavam sentados nas almofadas, conversando, os seis integrantes da caravana. Esperavam para receber a ordem de retirada, com o dever cumprido.

Levantando-se, Épil convidou o artesão Menkatóthis para ouvi-lo, a uma boa distância dos outros. Confabulavam: o Chefe Escriba falando e o Artesão escutando.

Menhenúfis avaliou, com desdém, o Escriba que contemplava. Épil falava como um bruto e perturbava a intimidade dos companheiros. “O que estaria dizendo?”, pensou Menhenúfis, deixando-se ficar próximo e atento para ouvir o que o Escriba comentava com tanta euforia.

ÉPIL E MENHENÚFIS

Atento, Menhenúfis ouviu. Atentos, nós também ouvimos e divisamos no olhar de Épil um impulso de fúria e desrespeito.

– Menkatóthis, você não pode imaginar como estou feliz por ter destruído qualquer propósito de se pagar pela madeira que ainda não tenha vindo. Suspendi o pedido e paguei só o valor daquela que está aqui.

– O assunto pagamento foi tratado entre você e o nosso fornecedor. Nem ouvi o que disseram. Fui deixado de lado – queixou-se Menkatóthis.

– É verdade, Artesão. Tem mais: não aceitei a cobrança dos juros. Achei injusta.

Audacioso e empolgado, ele descrevia as suas aventuras.

RAMIS e eu participamos de toda aquela transação comercial feita lá pelas bandas do atual Líbano, inclusive quando Épil prosseguiu:

– Usei a palavra clara e prática. Não ultrajei a mensagem enviada pelo Rei AKRON. Longe de mim contrariar as ordens do Faraó. Considerei aquele povo inferior. Os seus deuses não têm valor. De minha parte, zombo e escarneço das divindades deles. Surpreenderei o meu Rei. Ele sentir-se-á reconhecido pela economia em ouro que lhe trago. Assim, espero ter de volta a Sua confiança, pois vou mostrar-Lhe que pode acreditar no meu interesse pela sua obra – a Cartilha.

Durante todo o tempo em que permaneceu ali, Menkatóthis, mudo, manteve-se num profundo descontentamento, tentando afastar-se da presença de Épil. O homem percebeu que havia

alguma coisa estranha no Escriba, especialmente nos gestos. Isso o fez pensar ter perdido, assim, o amigo. Os dois tiveram juntos tempos felizes, na juventude. Mas a presença de Épil, agora, era como um insulto à sua lembrança, e isso ele não podia entender.

Menhenúfis aproximou-se e, com uma expressão pensativa, contemplou Épil em silêncio, para depois dizer:

– Se qualquer um me dissesse isso que você falou, mandaria matá-lo por traição. Suas palavras são terríveis e são frutos da sua maldita língua.

“Pensei que encontraria agora a oportunidade para distinguir-me. Vejo todos os meus sonhos de glória se desvanecerem”, raciocinava o Grande Chefe Escriba, contendo a sua raiva e vergonha.

Furioso, impiedoso, Menhenúfis ordenou de imediato a prisão de Épil, que foi levado dali pelos guardas reais. Épil teve a língua cortada, por ordem de Menhenúfis.

“Nunca mais usaria apelos frívolos e presunçosos contra as decisões reais.” Assim pensando, Menhenúfis disse:

– Meu amado Rei, ordenei que a língua de Épil fosse cortada. Antes disso, acertamos todas as contas com o Tesouro Real e parece-me que o assunto do pagamento está encerrado.

– AKRON respeita a vossa decisão, meu dileto Menhenúfis. Essa experiência possuirá uma realidade no futuro. Agora, que importância teria a palavra de AKRON contra o desejo de tantos?

AKRON divagava, notamos RAMIS e eu.

Para Menhenúfis, nada estava claro. Um conjunto de fatos o deixava em estado meditativo. E concluía, para si mesmo: “Estarei vigilante. Os fatos são estranhos e terrivelmente perturbadores.”

Um movimento importante tomava impulso. Vamos, por meio de RAMIS, alcançar a visão dessa realidade.

O CONVITE DO FARAÓ AKRON

Existiu, há 5.000 anos, um despontar de tempos violentos. Uma plêiade de pessoas de vários círculos daquela sociedade se dividia sobre a teoria de que o Faraó e Hierofante AKRON era um logro na mística religiosa, no progresso social e econômico.

Metade decidia-se por uma corrida do Egito para o abismo. A outra amava o Egito com grande ardor e defendia o seu Faraó, a despeito da desconfiança reinante nos espíritos em geral.

— É lógico que devemos pensar que, por detrás desses acontecimentos, escondem-se realidades extraordinárias — explicou o meu querido RAMIS.

Cortesãos, altos dignitários políticos e religiosos, toda a cúpula do Reino recebeu o convite para um Banquete nas dependências reais do Templo de Denderah. O convite trazia o Selo com o nome do Grande Faraó AKRON.

Apesar das divergências, todos compareceram ao Templo de Denderah. Perguntavam-se qual o motivo daquela festividade. Nem mesmo Menhenúfis soube responder. Mas, no texto do convite estava escrito: “O Meu tempo vai findar-se e o Banquete será para as nossas despedidas.”

O BANQUETE REAL

Chegavam aos grupos. Exibiam o melhor de suas roupas e joias. Outros chegavam sozinhos. Um deles foi Gazil, o Curador, que fazia parte do Corpo Médico, junto ao Faraó.

O Chefe-de-Cerimônia a todos anunciava e orientava. As dançarinas do Templo de Denderah realizavam evoluções de danças apropriadas para a cerimônia, ao som das flautas.

A tarde está encalorada, linda e alegre pelos cantos dos pássaros. Nesta hora, parece que tudo se tranquiliza, o corpo relaxado fica satisfeito com as iguarias apresentadas e o espírito vagueia indolente, ainda atordoado pelo calor. Cada qual se deixa dominar pelo prazer das bebidas servidas. Esquecem, na trégua tão agradável, as divergências, ódios, ciúmes, rancores e conspirações que constituem o cotidiano da Corte egípcia, naquela época. É o dia do Banquete Real.

Ao som dos cantos da terra, o Digno Faraó AKRON — parecendo mais alto, espetacularmente elegante e, na aparência, até o último detalhe, mostrando que é verdadeiramente o Rei — entrou no grande salão de recepção, com sua Mãe pelo braço. Ela, igualmente, aturdiu a todos com a magnificência dos seus trajes de pura seda branca, ornamentados por fios de ouro. A cabeça, encimada por uma tiara incrustada de esmeraldas e pedras preciosas diversas.

Fez-se silêncio e, a um gesto do Soberano, o Banquete começou.

RAMIS chamou minha atenção para a ausência de Karnak — o primo de AKRON. Vimos Subahajah — o Chefe dos Exércitos — apresentar-se acompanhado por Menherteth — o Guardião da Câmara das Imagens Polidas.

RAMIS e eu ficamos ao lado do Faraó e da sua comitiva, formada por Menhenúfis – sua Sombra; por Gazil – o Curador Real; por alguns membros do Conselho dos Vinte e Um; e, logicamente, por sua Mãe.

As iguarias desfilavam como numa procissão de pratos apetitosos: caça, aves de longas plumagens; assados diversos mostravam a arte dos cozinheiros, que mergulhavam as carnes em molhos muito bem temperados.

AKRON servia-se de bolos de trigo e mel ornamentados com flores doces, confeccionadas pelos serviçais habilidosos. Mas, quando um assado semelhante a um gamo foi apresentado, o Faraó solicitou um bom pedaço, que comeu com grande satisfação.

Os que notaram esse gesto do Rei ficaram muito admirados, pois AKRON não comia carnes de animais. Para Ele, havia peixes, enguias, salmões com molhos extravagantes e escuros. Tudo era acompanhado por vinho de palmeira aromatizado com mel, servido em cálices de ouro, que aos poucos subia às cabeças.

Quando já reinava uma alegre desordem, com os serviçais correndo em todas as direções para atender às exigências, o Faraó levantou-se e convidou Gazil – o Curador – para acompanhá-lo.

Misturou-se no meio da multidão que batia palmas, aplaudindo-O. Ofereciam-Lhe congratulações pela beleza do salão, todo decorado em tons suaves de amarelo, para contrastar com o vivo da matiz das flores em profusão – todas elas importadas e muito viçosas, formando uma rede de cores e aromas. Qualquer pessoa, ao entrar naquela dependência do Palácio, sentia-se um tanto aturdida pela riqueza extraordinária da sua ornamentação.

RAMIS ponderou, em minha direção:

– A aparência do Faraó está melhor do que nunca. Entretanto, com um exame mais rigoroso, noto que AKRON se trai num olhar cheio de amargura.

— O olhar do Rei perdeu aquela vivacidade tão habitual e conhecida — disse eu.

RAMIS continuou:

— Os olhos de AKRON estão envelhecidos.

— Oh! Meu querido RAMIS! — dizendo assim, recebi um apertado abraço e descansei minha cabeça em seu peito. — Oh! Meu Grande Conselheiro dos Vinte e Um! Como é maravilhoso ter agora como descansar a cabeça.

AKRON retornou ao Seu lugar de honra na mesa do Banquete e pediu a atenção de todos. Com alguma dificuldade, fez-se silêncio e o Faraó disse:

— Não teremos discursos nesta noite. Vamos beber, comer e nos divertir com as danças e a música. O vosso Rei deseja que todos se sintam alegres e felizes. Daqui em diante, todos juntos, marcharemos para o futuro.

Sua voz era bastante suave quando disse, como numa visão premonitória:

— Minha vida agora queima como a chama de um círio, que não dura mais que uma noite toda. A chama queima numa Luz bela e fascinante. Eis a chama de AKRON que irá vos guiar, que irá vos proteger.

AKRON — o Sacerdote — pareceu-nos estar numa glória de Luz. Ele tinha se transfigurado.

Ao mesmo tempo, Menhenúfis teve a memória despertada e percebeu qual seria o seu destino. A percepção passou por sua mente como um raio longínquo e logo a forma já estava diferente. Mesmo assim, a trama ficou, ali tecida, por muito tempo. Depois dessa visão fugaz, o Acólito Permanente de AKRON ouviu o Faraó dizer-lhe:

— Menhenúfis, meu dileto, assumo o meu lugar à mesa, pois vou retirar-me por alguns instantes.

— Meu Rei acaba de dizer-me para eu assumir o seu lugar no Banquete. Para mim, é um prazer estar aqui e envidarei os melhores esforços para servir a todos os Senhores Dignitários. Vamos continuar.

Então, eu me lembrei da ausência de Karnak e comentei isso com RAMIS, que disse:

— Karnak já está traindo o Faraó. Ele nega o Poder de AKRON.

Foi aí que notamos a animação festiva de todos, ao retornar a movimentação das iguarias pospastos, leves e delicadas: tortas múltiplas, compotas, cremes e outras; frutas em profusão, tanto os frutos cristalizados quanto os naturais. Vimos muitas uvas, que eram importadas.

Concluímos, RAMIS e eu, que a quantidade de petiscos era tanta, de uma variedade sem conta, que nos deixava admirados.

○ FARAÓ AKRON E ○ EUNUCO ARGIH

Voltamo-nos, RAMIS e eu, para a direção de Gazil – o Curador – e para lá também se encaminhava o Faraó.

Rimos, quando percebemos que Gazil estava possuído por um pânico que o fazia esforçar-se para que o seu corpo não se sacudisse todo. Em pensamento, o médico real proferia frases que só ele podia entender: “Devo estar tendo um pesadelo! É certo que os Poderes de AKRON sobre as coisas desvendaram o meu segredo. E agora? Quais serão as minhas explicações e desculpas? Direi a verdade, já que nada é repugnante quando não se mente. Que dia infeliz! Eu sabia, logo aqui em Denderah.”

Tudo isso nos pareceu bastante divertido. Mas, para Gazil, não era. O Faraó chegou até ele, com um sorriso fatigado, dizendo:

– Por favor, segui-me, meu dileto Gazil. Caminhei à frente, a fim de mostrar-me a direção da Ala da Cozinha, onde deverá estar o Eunuco Argih.

Caminhando, Gazil ainda pensava: “Por AMON! Agora é tarde demais!”

Tomei a dianteira do Faraó e de Gazil e fui examinar a Ala da Cozinha. Lá existe um número sem conta de salas ou repartições, todas enfileiradas, viradas num mesmo sentido e, em seguida, uma após a outra. São divididas por blocos de pedra de razoável altura e bastante largos, dando uma boa extensão de profundidade. Os blocos ficam bem distantes um do outro, dando um bom espaço de comprimento para cada

sala. Na parte da frente, o vão é livre, totalmente aberto, de onde se contempla um mar de areia a perder de vista — é o deserto. Os blocos (paredes) têm uma leve inclinação para frente, onde são colocadas as esteiras trançadas com fibras de palmeira, para servir de teto. O teto só é usado quando chove ou, mais raramente, quando precisam de se abrigar do calor do Sol. Assim, as salas da cozinha ficam a céu aberto.

A maior parte das repartições tem um ou mais de um “fogão” grosseiro, mas muito prático, armado de pedras uma do lado da outra, cujo fundo fica na areia da sala, que não tem piso. O piso de tudo ali é a própria areia do deserto. A importância dessa areia, no fundo e dentro do “fogão”, é para conservar as pedras que alimentam o fogo para cozinhar. São pedras cortadas de tamanho pequeno e, se forem porosas, ficam excelentes para o uso. A quantidade delas é muito grande.

Essas pedras ficam dentro de uma espécie de tanque que existe em todas as salas que têm “fogão”. São mergulhadas em tanques cheios de “betume” semissólido, produto de uma mistura de óleo inflamável, extraído de palmeira, com solventes orgânicos naturais. Assim encharcadas, elas produzem labaredas de fogo e, quando apagadas, ardem como brasas por muito tempo — isso porque ficam amontoadas com a areia do chão, que também esquentam e conserva o calor necessário para a preparação dos alimentos. Depois, as pedras são devolvidas para o “betume” nos tanques e reutilizadas. São ótimas para cozer e também para assar os alimentos.

As duas pedras que armam o “fogão” são encimadas por uma trempe de ferro, na qual são colocados os recipientes (panelas) feitos de barro do rio. O “fogão” é também muito utilizado para o cozimento, em folhas, de diversos tipos de vegetais.

Existem salas com tanques unicamente para conservar alimentos, que ficam numa salmoura, misturados com ervas variadas. Outras têm tanques para lavar as peças — geralmente

de vidro — usadas nas refeições. Existem ainda salas com água corrente, puxada de tanques artificiais, próximos ao Templo.

O caminho do salão de banquete para a Ala da Cozinha se faz ou por fora, ou por um corredor comprido e estreito no interior, construído só para essa finalidade. É por esse corredor que caminham o Rei e o Curador Real. RAMIS chegou com eles, e eu já os esperava na sala onde se encontra o Eunuco Argih.

Para se chegar a essa sala, tinha-se que percorrer umas cinco delas, onde a multidão de serviçais acotovelava-se na imensidão daquela Ala. Essa multidão saiu desembestada pelo deserto afora, quando se aproximou o Faraó AKRON, todos de rostos virados ou encobertos, envergonhados e temerosos, sem olhar para trás.

É a Lei egípcia: ninguém se aproxima do Rei, mesmo que ele procure a aproximação. Por isso mesmo, AKRON dispensou a Guarda particular que, perfilada, aguardava na entrada do corredor, sem interferir nos atos do Faraó. Gazil, por sua vez, não ousaria manifestar-se por palavras nem por gestos.

Assim, o Grande Faraó AKRON seguia o Seu rumo, sem que nada O fizesse perder a altivez. Ele sabia onde encontrar Argih e o encontrou, por fim. Contudo, Argih é o elo vital de uma cadeia surpreendente, que o liga ao Glorioso Mestre AKRON, agora Faraó.

Algo dentro do Eunuco vibrava de uma maneira muito intensa, cada vez mais intensa. Súbito, Argih ouviu, vindo do profundo do seu Ser, o som da melodia entoada nos campos de batalha. Esse apelo sonoro levou o homem a um tempo muito remoto, o tempo de Argih — o Guerreiro. Hoje, ele é Argih — o Eunuco. Retornando desse sentimento, compreendeu que, mesmo não tendo previsto, lá estava ele diante de AKRON — o Faraó. Somente ele e AKRON.

Gazil acolitava o Rei, de longe, escondido num recanto escuro daquela sala de cozinha. Escondido, mas bastante atento.

RAMIS e eu, invisíveis, estamos também com toda a atenção voltada para o quadro à nossa frente. Os poucos metros de areia formam um círculo. No centro do círculo, frente a frente, estão os dois homens: o Mestre e o discípulo; o Faraó e o súdito; o Pai e o Filho.

O Sol, filtrando-se através da abertura da entrada, estendia um véu cintilante no círculo daquele ritual – o ritual da libertação do espírito de Argih.

O Eunuco Argih, com sua mão sadia cobrindo os olhos, sentia o coração oprimido por uma infinita tristeza, como se a sua existência inteira, na época, tivesse desvanecido para sempre.

– Meu filho, nada temais. AKRON vos ama e vos aceita como sois. Ainda o vejo como o guerreiro jovem, valente, sob os resplandecentes raios do Sol. Sois o herdeiro da tradição misteriosa de AKRON. É chegado o momento do retorno sobre a realidade de si próprio. Vosso espírito elevou-se e desenrolou o fio de vossa vida tão curta!

Primeiro, AKRON ajoelhou-se e osculou os pés descalços do Eunuco. Depois, levantou-se e o apertou entre Seus braços, dizendo:

– Vinde, agora mesmo, para AKRON.

Assim, Argih morreu, ali, nos braços do Santo Homem – o seu Pai. Seu espírito, eterno e indestrutível, elevou-se para onde AKRON o recebeu. Ele caiu num vácuo profundamente rico em sensações e vibrações. Inundou-o uma sensação de paz, acompanhada de um imenso sentimento de alegria. Descobriu a plenitude de liberdade, só experimentada em sonhos.

Despertando do mundo dos mortos, Argih, com sua alma, experimentou a sensação desagradável de estar precipitando num espaço inóspito, onde viveu até o dia da morte do Faraó – espaço não muito distante, depois desse encontro.

O Faraó despediu-se, dizendo:

— AKRON deliciou-se com o assado e está muito grato.

Argih disse, para nunca mais pronunciar qualquer palavra:

— Eu daria a minha vida por Vós, meu Senhor e Pai.

O Eunuco Argih — o estrangeiro —, usado por AKRON num ritual sem precedentes, foi levado do Templo de Denderah por Gazil — seu amigo e protetor.

Em Mênfis, ele fez companhia ao Curador, morando em seus aposentos, até a sua alma buscar o espírito que já havia partido. Foi tratado com muito carinho e tomava os sedativos necessários às suas mazelas físicas. Seu corpo recebeu sepultura digna e, por forte intuição, Gazil não deixou que fosse embalsamado; além do mais, o Eunuco, sendo estrangeiro, não tinha esse direito. Argih voou novamente. AKRON o esperava...

O Curador Gazil, junto a Argih, dizia:

— É estranho! Uma nova compreensão vem à luz. Eu nunca havia participado de um cerimonial semelhante. Pretendo revê-lo e gravar na pedra, para que seja transmitido de geração a geração. É o segredo mais oculto e misterioso que guardarei comigo.

AKRON deixou Gazil providenciando a remoção do Eunuco naquele mesmo dia que se findava, e retornou pelo mesmo corredor de onde tinha vindo. Seu primeiro impulso foi de recusar a Guarda pessoal, que se perfilou à sua chegada. Entretanto, conformado, indicou com a mão a direção da saída e retirou-se rápido para junto da Sua Genitora, à Sua espera, e assim partiram para o Templo de AMON, em Mênfis. AKRON sentia a falta de sua Sombra — o Acólito Menhenúfis.

Sem Menhenúfis, AKRON teve as sandálias retiradas por outro Sacerdote, ali ao lado do Palácio Real. Transpôs o Lago Sagrado para encontrar, na entrada do Templo, o fiel Akhepertiti, que o saudou:

— Bem-vindo, meu amado Hierofante. Que NEITH, a Virgem dos Sete Braços, Vos proteja!

Neste momento, o Sacerdote Hierofante foi tomado por uma onda de amor, e o passado, o presente e o futuro confundiram-se numa trama harmoniosa, em que a personalidade do Sacerdote Maior Akhepertiti apareceu, com AKRON, num grupo de quatro companheiros caminhando juntos, a fim de cumprirem mais uma de suas tantas Missões. A visão situava-se num futuro distante.

AKRON, emocionado, osculou o Sacerdote no seu Terceiro Olho. Para Akhepertiti, o Grande Hierofante sempre foi e seria o exemplo de sentimentos, hábitos e crenças. Sua multidão de vidas coexistiu para a unidade vital do Santo Homem — o Hierofante AKRON.

RAMIS e eu, naquele trabalho de expansão temporal da mente de AKRON, participamos, com Ele, de todos aqueles eventos; e participamos também daquela noite de merecido repouso.

No salão do Banquete, era de se admirar a resistência e a alegria desenfreada com que acalmavam os espíritos e expulsavam os demônios, despachando-os para o reino das Trevas. Mesmo saciada, a Corte continuaria com a bebedeira, os cantos e as danças por mais dois dias. A festa teria a duração de três dias.

Menhenúfis não podia abandonar o seu posto de anfitrião. Mesmo assim, notamos que, de vez em quando, ele recolhia-se para breves descansos, na Ala que ali existia com essa finalidade.

A REUNIÃO DO CONSELHO TEMPORAL

AKRON sentia uma violenta emoção toda vez que oficiava uma reunião como aquela. MENHENÉS não se manifestaria fisicamente, mas Sua presença enchia os espaços de toda parte, impalpável, mas pressentido até no ar que se respirava. Não teria, desta vez, a forma humana; no entanto, jamais esteve inacessível. A multiplicidade de AKRON é encontrada na unidade do Divino MENHENÉS.

Pela atitude de um pequeno grupo de Conselheiros dos Cento e Onze, AKRON compreendeu que Seus filhos e antigos companheiros ali estavam para render-Lhe homenagem. Vieram testemunhar o reconhecimento Àquele que lhes servira como Hierofante — o Chefe Supremo —, que os instruíra e protegera.

Na cerimônia daquela Reunião, iriam comungar com AKRON e estabelecer um contato de despedida com o Grande Sacerdote. Seria um Cerimonial de Família.

Para RAMIS e para mim, foi como se AKRON já estivesse morto. Uma luz ofuscante marcava a transição de AKRON para a nave do Templo, onde estávamos.

O Santo Homem conhecia bem essa disposição e assim foi armando o círculo do Cerimonial, tocando um a um, falando com cada um deles, para logo se formar uma longa cadeia ininterrupta de ensinamentos e de conhecimentos, partindo deles para o alto, como uma coluna de fogo vivo.

O Hierofante recolhia e guardava a história daquela coluna, iluminada pela participação deles. Este é o Grande Segredo

do Cerimonial de Família: as experiências abarcam todos os períodos; basta que juntemos os seus pedaços.

Na Sua ronda, AKRON chegou ao Conselheiro Rabir. Percebemos os pensamentos de Rabir: “Não estou passando bem. Não estou nada bem.”

– AKRON, filho de Astrakron, vos saúda, Grande Rabir.

Dizendo isso, fez os sinais dos cumprimentos.

– Eu também Vos saúdo, Grande Sacerdote.

Rabir, sem desejar, fazia desfilarem pela sua mente todos os terríveis acontecimentos. AKRON ouvia e via, em profundo silêncio.

– AKRON se volta ao que estais vivenciando e esse conhecimento baixa o nível da consciência de AKRON. Parece-me que estou perdido, através dos tempos. Os olhos de HÓRUS enxergam a balança de ANÚBIS. O peso da vossa iniquidade pesa mais do que a infidelidade de Dhiram. Dhiram não morreu. O Grande Escriba está à vossa espera.

– Onde, Venerável Hierofante?

– Na Barca de OSÍRIS. Entretanto, muito antes do vosso encontro, Dhiram estará com AKRON nessa mesma Barca.

Rabir, de cabeça baixa, não se importava em entender o que ouvia. Não lhe interessava. A sua preocupação era apenas se o Faraó AKRON o denunciaria e se haveria alguma prova contra ele. “Ah! Este Faraó, tão terrivelmente sincero! Ah! Não confio nele nem em ninguém.” Assim pensando, Rabir partiu dali em busca de Iacih, sorrindo do que ouvira da Sacerdotisa: “Sou uma mulher muito primitiva.”

Rabir – o Conselheiro dos Cento e Onze – ouviu, e nós também ouvimos:

– Pela vossa ignorância, AKRON voz perdoa. AKRON aguarda um próximo encontro e espera que até lá estejais liberto das amarras desta existência.

AKRON despediu-se, proclamando o Seu Amor Paternal por todos, e os abençoou em nome de OSÍRIS, de HÓRUS e da Divina ÍSIS. Encerrou a Reunião pedindo a proteção do Senhor OSORÁPIS.

A nossa dupla partiu à procura de um local sossegado, para uma longa conversa sobre Harusah – a Sacerdotisa Escriba.

Ouvi de RAMIS, depois de acomodados e encostados na coluna do pátio externo do Templo, aquela mesma onde Harusah tinha por hábito estar todas as noites meditando:

“A Ala das Sacerdotisas solteiras era uma imponente construção de pedra. A maioria dos amigos de Harusah desejavam ser convidados para as famosas festas que sempre as Sacerdotisas ali realizavam – algumas agitadas com muito vinho, outras discretas e até melancólicas.

“Os escravos núbios, acordados desde cedo, armavam as mesas para jogos diversos, inclusive um jogo bem semelhante ao xadrez; preparavam as roupas para a nataçãõ em lagos artificiais, apesar de a maioria nadar sem roupa alguma.

“Um caminho partindo da Ala estendia-se até a beira do rio Nilo, onde elas assistiam às competições de barcos e cantavam com os remadores as canções deles, que embalavam as jovens crianças. A Ala das solteiras é um lugar tranquilo, pelo menos aparentemente, aquecida não só pelo Sol, mas também pelas cores suaves de toda a sua arrumaçãõ. É uma Ala alegre e cheia de ideias.

“Harusah vive ali, luxuosamente instalada, mas faz questãõ de viver como anacoreta. Apesar disso, ela tem uma vida ativa e produtiva.

“Harusah – a Sacerdotisa de ÍSIS do 3º Grau Iniciático – é erudita e poliglota. Deve a sua primorosa educaçãõ e instruçãõ à dedicaçãõ fanática de seus pais – Sacerdotes e Escribas. Por isso mesmo, Harusah é iniciada na arte de escrever, ler e interpretar os hieróglifos. Quem tinha esse conhecimento estaria

à altura de entender qualquer assunto histórico, mitológico, religioso e político da época de 5.000 anos atrás. Em última análise, Harusah é uma participante ativa em todos os setores da comunidade.”

RAMIS explicou que a Sacerdotisa Escriba não quis residir na Ala dos Escribas, por ser solteira e por não querer casar-se. Isso não importa, pois o seu trabalho é ao lado dos Grandes Sábios Sacerdotes ou Sacerdotisas Maiores, que tinham nela a companheira para os seus trabalhos escritos em papiros. Ela os confeccionava, no caso do interessado não conhecer a escrita; aperfeiçoava-os, corrigindo os erros e as posições dos hieróglifos. Harusah detinha todos os segredos das posições dos hieróglifos, que possuem uma infinidade de interpretações. Ela é considerada uma erudita e leva uma vida solitária, apesar de tudo. É uma mulher difícil de se entender.

Harusah tem estatura alta, mantém a postura ereta de quem conhece perfeitamente a ioga egípcia. Tem olhos escandalosamente grandes e amendoados, cujo negrume lhes dá a expressão audaciosa e, ao mesmo tempo, confiante. Sorri com os seus lindos olhos, que a todos encantam.

Quando fala, suas palavras são claras e as respostas ultrapassam a pergunta formulada, exibindo assim os seus conhecimentos em geral.

Com referência aos estudos da Sabedoria dos Maiores, Harusah sempre soube ouvir a palavra da Verdade e os ensinamentos do Mestre. Ela tem o poder de ficar em contemplação durante longo tempo. Já transcendeu a sua mente, pois não aceita a dependência dela. Respeita os símbolos religiosos e crê neles, porque conhece as suas representações.

Por isso, em seus aposentos, num recanto apropriado ao norte, Harusah entronizou uma pequena estátua em ouro, de HÓRUS-ARAKITI — que significa o Deus-menino, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Uma pira permanentemente acesa fica em frente à Ara, onde as essências são queimadas.

Harusah recebeu oralmente uma soma enorme de conhecimentos e informações sobre a utilização e o poder das essências. Ela as utiliza sempre de acordo com as fases lunares, com as datas corretas para as ocasiões específicas. Esses conhecimentos – que vieram de seus pais e também dos homens e mulheres sábios, dos santos, dos iniciados –, a Sacerdotisa não cessa de ver confirmados pelas suas experiências pessoais, que pouco têm a ver com misticismo. Harusah sabe que existem, entre o Universo e o Ser Humano, muitas outras relações, além das instituídas pelos sentidos externos.

A ideia de que ela saía ao cair da noite para meditar, encostada numa coluna, por ser mais refrescante, leva-nos à conclusão de que, inconscientemente, Harusah caminha para o destino traçado para ela: a missão da Família Espiritual a que pertence.

Naquele pátio imenso, parece que RAMIS e eu estamos sozinhos. Os sons reduzidos misturam-se com o murmurinho do tormento das águas caudalosas do Nilo – água de sangue dos mortos, água vital dos vivos. Penso que o rio deseja ardentemente se revelar, trazendo de volta os mortos que traz sepultados. O Nilo cala-se com os seus segredos. Dhiram também foi calado.

A noite... Ah! A noite egípcia!

Depois dos dias escaldantes, com a ferocidade abrasante do Sol, chega a noite, estrangulando tudo o que de selvagem ficou para trás.

Os chacais e também as consciências humanas erguem os seus alaridos, como se fossem risos ou soluços. Riem para calar os seus pensamentos tenebrosos e concentram-se no repouso. Já os chacais festejam a noite, banquetecendo-se com a podridão da morte.

Existem ainda pessoas que lutam com suas dores, que teimam em não se calar. Outras fundem os seus sentimentos

num sentido único, não importando se são puros ou impuros. Outras ainda acreditam que podem matar os seus erros e faltas, deixando-os, para sempre, mudos. Para essas pessoas, a noite é longa e fatigante. São escravas das suas almas, através dos corpos devedores.

Para RAMIS e para mim, o resto daquela noite foi silencioso, em paz. Logo, estaríamos com Harusah, acompanhando sua investigação sobre a morte de Dhiram – o Escriba.

A INVESTIGAÇÃO DE HARUSAH

Harusah está no limite máximo de tensão. Apesar da pressão intensa do trabalho de atender os pedidos que aumentavam muito ultimamente, ela manteve o programa para desmascarar o assassino do seu companheiro – o Escriba Dhiram. Havia levado horas dos dias e das noites para se organizar e haveria de se manter fiel à sua tarefa de proporções tão brutais!

Harusah não podia permitir que alguém descobrisse algo sobre a sua missão. Seguiria as pistas, por menores que fossem.

Harusah conjecturou mentalmente o motivo pelo qual Dhiram foi morto. Quando terminou sua meditação, fechou os olhos e encostou a cabeça na borda da Ara à sua frente. Num sono inquieto, sonhou com os desenhos da Cartilha Infantil e com o depósito – o esconderijo de Dhiram, na Ala dos Escribas.

A Sacerdotisa abriu os olhos e agora sentia que o Egito dos MENHENÉS constituía-se, essencialmente, pela fé e por ter sido a Fonte da Sabedoria Primordial. Seus princípios cultuados diligentemente dentro dos Templos, e além dos muros, manifestavam-se na economia do seu Povo. Povo esse desenvolvido e dividido em 12 Nomos (cidades) com paz e prosperidade, que causavam admiração ao resto do mundo. Entretanto, o Grande Reino, fundado e defendido pelos Atlantes, começava a mostrar, naquele tempo de 5.000 anos atrás, a decadência da Era das Trevas se repetindo.

Harusah – a sábia Sacerdotisa – entendia esses tempos, reforçando assim a intenção de se proteger, a fim de evitar

qualquer perseguição. Deixou de sair à noite e passou a perambular durante o dia, demonstrando interesse verdadeiro por tudo o que se comentava. Nas suas andanças, a mulher constatou que as pessoas estavam desestruturadas. Estava sendo difícil definir o que fazem ou o que pensam. Mesmo dizendo ou pensando a mesma coisa, os motivos se diferenciavam de pessoa para pessoa. E Harusah sabia que o melhor era fazer o menor número de perguntas possível.

Entretanto, quando se falava sobre Luan ou o Eunuco Argih, sob qualquer ângulo, o nome do Conselheiro Rabir – do Tribunal Temporal dos Cento e Onze – era infalivelmente citado. Harusah chegou à conclusão lógica de que Dhiram possuía o que Rabir ambicionava: o ouro vindo da Casa do Tesouro Real. Ela mesma vira a sacola do ouro na noite fatídica da morte do Escriba.

Antes de terminar o dia, inevitavelmente, a Sacerdotisa Escriba se punha a caminho da Ala dos Escribas. Desde a sua visão do conteúdo do esconderijo do Sacerdote-Chefe, ela teve o firme propósito de resgatar os papiros da Cartilha Infantil, o que não estava sendo nada fácil. Harusah sabia que o esconderijo permanecia secreto, pois Dhiram lhe havia dito que somente ela tinha conhecimento desse segredo. Como chegar até ele sem denunciá-lo e também sem revelar as suas intenções?

Toda vez que a Sacerdotisa Escriba se aproximava dos aposentos de Dhiram, lá estava aquele Artesão parecendo uma estátua de ANÚBIS, guardando o seu amo e senhor. Harusah sabia quem era ele, por ser Zoah-Rá o preferido do Chefe Menor Dhiram. Ela não afirmava, mas chegava a pensar ser o Artesão filho ilegítimo do Escriba morto. Numa dessas oportunidades, Harusah dirigiu-lhe a palavra:

– Por AMON, como está quente hoje!

E ficou olhando para o jovem, para ver a sua reação. Ficou também admirando a juventude do homem. Teria, quando muito, seus 12 a 15 anos de idade; era uma criança.

Zoah-Rá tinha, ali entre os seus iguais, o cargo de “supervisor” da Ala dos Artesãos, indicação essa feita por Dhiram – seu Mestre Escriba. Harusah pensou: “Zoah-Rá foi talhado da mesma pedra que meu amigo – o querido Dhiram.”

Na sua ternura, o Artesão disse:

– Grande Sacerdotisa e Escriba Harusah, venha para perto de mim para, assim, o teto que me protege dos raios solares ficar sobre a sua cabeça.

– Pobre criança! Que desordem fizeram no seu coração!

– Oh! Sim. Sei, sem que ninguém tenha me provado, que o meu Chefe está morto. Não sei se devo acreditar nisso...

– Penso também que seja verdade e que você deve acreditar que nós perdemos o nosso dileto companheiro. E o que mais você sabe? – arriscou Harusah.

Zoah-Rá pôs-se a andar de um lado para outro, como um leão enjaulado. Seu rosto transformou-se como se ele estivesse entediado e plácido, mas com insolência, disse:

– Não sei e nunca vi nada mais sobre o Escriba Dhiram.

Ele pensava que estava, assim, sendo fiel ao seu protetor.

Próximo a eles estava um monte de madeiras jogadas desordenadamente, que não passou despercebido pela Sacerdotisa. Notou também que, além de Zoah-Rá, ninguém ficava naquele aposento que pertencera ao Escriba Dhiram. O esconderijo ficava logo ali, mas o Artesão não sabia disso.

A Sacerdotisa saiu apressada, mas ainda disse:

– Peça a sua permissão para voltar quando eu tiver mais informações sobre o nosso amigo comum, o falecido Dhiram.

– Acho uma boa ideia. Espero que isso nos leve a alguma coisa – respondeu o Artesão com muita ternura, uma característica dele.

O tempo estava bom, com um sopro de vento muito leve. No céu havia pinceladas de rosa pelo sol poente, e o Egito estava cheio de vida. Súbito, o encanto se quebrou. O caso Dhiram estava outra vez nos seus pensamentos. Na verdade, não tinha saído. Tinha apenas conseguido empurrá-lo um pouquinho para longe.

Pensou no seu plano enquanto andava, com tempo suficiente para chegar aos seus aposentos antes do pôr do sol. Percebendo que Zoah-Rá havia se fechado em si mesmo sobre o trabalho da Cartilha Infantil, Harusah decidiu que urgia fazê-lo adormecer para ela poder chegar ao esconderijo. Na próxima visita, levaria consigo um entorpecente colocado previamente em algum suco refrescante, levado também por ela. Harusah havia encontrado um raio de esperança. Não haveria assim fonte alguma de vazamento de informações. O fato de ela se animar com esse tipo de lógica prova claramente a natureza árdua do caso até então.

RAMIS disse:

“A existência de Zoah-Rá, naquela época de 5.000 anos atrás, envolve-o como um manto de sofrimento. Abandonado pela mãe, que não conheceu, sua educação até os sete anos de idade ficou por conta da comunidade sacerdotal do Templo de AMON.

“Aconteceu numa hora noturna, em que o frio tomava conta do deserto, sob um céu negro aveludado. O curumim, recém-nascido, foi entregue aos cuidados de Dhiram – o Sacerdote Escriba. Dhiram terminava os seus estudos naquele Templo de Mênfis. O incidente não foi amaldiçoado nem abençoado por Dhiram. Os mais próximos, principalmente as Sacerdotisas, usavam de toda a habilidade com aquela criança franzina, que desabrochava, sem que ninguém quisesse tomar conhecimento da sua verdadeira origem. Os mexericos eram sobre a conduta do Escriba com mulheres além dos muros do Templo, como já sabemos.

“Dhiram sentia-se, às vezes, desapontado por ter-se ligado a um menino sem mãe.

“Zoah-Rá cresceu em uma combinação de mente bem afiada com o saber dos conhecimentos sagrados dos deuses; da combinação contida nos hieróglifos; dos costumes e da linguagem oculta e profana de todos que o rodeavam. Terno, taciturno, entre ele e Dhiram só existia uma diferença: um é o artista, o outro, o artesão; um materializava o que o outro havia criado.

“À sua própria maneira, o protetor de Zoah-Rá demonstrava o seu amor pela criança. Por causa desse amor, que chegou aos poucos, Dhiram não teve dúvidas ao carregá-lo consigo para a Ala dos Artesãos, que ficava unida à Ala dos Escribas. Isso aconteceu porque Dhiram foi indicado Chefe-Menor daquelas Alas, e não quis separar-se do menino.

“Zoah-Rá foi uma criança abandonada por causa da indiferença dos adultos. Isso lhe trouxe um sofrimento muito intenso – sofrimento só sentido e compreendido por Seres predestinados.

“Zoah-Rá é um homem predestinado, mas está longe dessa compreensão. Está longe também de alcançar o autocontrole para interromper esse seu vaguear sem propósito. Por muitas épocas, viverá dessas experiências passadas, aumentando sempre a tristeza e o sofrimento de suas muitas vidas. Queira AMON que ele saia das ilusões passadas, para o tempo presente na eternidade. Assim, não haverá mais tempo. Haverá somente ele, o Pai de uma Família Espiritual.

“Agora mesmo, o Artesão se vê como um estranho e incompreendido nas suas infundas complicações: não perdoa o mundo, e o único desejo que permanece em seu coração é o de receber o pagamento em ouro, a que teria direito, pelo trabalho da Cartilha Infantil do Venerável AKRON. Considera-se traído por todos e até por Dhiram, mesmo sabendo que ele foi assassinado.

“Querida companheira, no nosso silêncio, fechemos os olhos para aguardar até que, em algum tempo, o coração de Zoah-Rá se encha de um amor imenso, de devoção e de gratidão. Este é o Grande Plano do Altíssimo.

“Enquanto isso, deixemos Zoah-Rá entregue ao excelso Farol, cujos raios apontar-lhe-ão o caminho seguro para si e para seus filhos, que o aguardam para receber a Sabedoria das suas experiências. Essa luz está diante dele e se chama Rá-a-Nah. Ela

vive a verdadeira vida num presente eterno, à espera de que ambos se saciem da mesma e Única Fonte.”

Assim, RAMIS encerrou sua fala sobre Zoah-Rá.

Continuamos a tecer mais alguns comentários sobre esse Grande Artesão: Zoah-Rá. O Sacerdote Maior e Escriba de nome Amenhotep foi designado para substituir Dhiram, como Chefe-Menor. Foi um ilustre e renomado Escriba e chegou a ocupar o cargo de Chefe-Maior – o lugar de Épil.

Quando o Escriba Amenhotep tomou para si os encargos daquela importantíssima Ala, admirou-se da presteza do jovem Zoah-Rá, de como havia conduzido os seus companheiros e era respeitado pelos seus iguais. O Artesão havia conseguido manter a ordem e a continuidade dos trabalhos na ausência de Dhiram.

Por isso, nasceu, de imediato, uma grande amizade entre Amenhotep e Zoah-Rá. Na sua experiência profissional, Amenhotep conduziu a vida do seu novo amigo até ele partir para ANÚBIS. Deu-lhe amparo, amor fraterno, e tinha sempre os braços abertos para o abraço e uma palavra para dizer o quanto se orgulhava dele.

Quando pensei que partiríamos, RAMIS e eu, ao encontro de Harusah, ouvi ainda:

– Zoah-Rá e Dhiram traíram a Cartilha Infantil, e a traição deles alcançou, dessa maneira, o Venerabilíssimo Hierofante e o Santo Homem – o Faraó –, por um punhado de ouro. A ação de Dhiram é manifestada pelos seus atos; já a ação de Zoah-Rá se manifesta através dos seus pensamentos e das suas palavras.

Como nada acontece sem uma finalidade, a luz do nosso Pai Maior AKRON mostrar-lhes-á os degraus seguintes da subida. Os dois homens perderam-se em si mesmos, no caráter ilusório de suas personalidades ou de suas mentes.

Zoah-Rá morreu bastante tempo depois do Ilustre Faraó AKRON. Levou consigo a ideia de que o ouro da Cartilha de AKRON lhe teria dado a independência financeira.

Nenhum ruído, nenhuma voz se percebe na estrada que circunda o prédio da Ala dos Artesãos. Tudo é silêncio e paz. Sopra uma brisa encalorada no Egito.

HARUSAH E A CARTILHA INFANTIL

RAMIS e eu continuamos a seguir Harusah.

Rapidamente, a Sacerdotisa, depois de alcançar o seu intento, saiu dali com os papiros da Cartilha, deixando para trás o corpo de Zoah-Rá, deitado de bruços, dormindo.

Desta vez, ela tomou uma condução e pediu ao condutor para tocar o cavalo o mais rápido possível. O menor descuido poderia fazer com que ela fosse apanhada e julgada.

A mulher não podia evitar a inquietação ante a expectativa de chegar aos seus aposentos. Sua vida, até então, tinha estrutura e rotina. Enfim, fora ela mesma que voluntariamente decidira trabalhar como investigadora. Sentia-se desesperadamente só. Há dez dias estava isolada de tudo e de todos. Estava curiosa sobre o conteúdo da escrita que levava naqueles papiros. Como seria bom se alguém compartilhasse aquela leitura ao seu lado!

Seguiu a pé o final do caminho de areia, em direção às colunas. Além delas, bem próximo, viu a construção de pedras onde morava. A última luz do dia tinha desaparecido e o céu era um tapete de estrelas. Um guarda passou em direção contrária. Uma cena comum.

Harusah, ágil, com os olhos brilhando, facilmente entrou em casa sem incidentes. No aposento completamente escuro – a única luminosidade vinha da pira acesa em frente à Ara de HÓRUS-ARAKITI –, deixando os papiros ali em cima da Ara, Harusah foi preparar-se, num cerimonial de banho, com água e

essências; e aquela noite foi varada com a leitura dos assuntos que constituíam aquela Cartilha, tão cheia de extraordinária Sabedoria, apesar de ser chamada de Infantil.

Enlevados, ficamos os três com a leitura que Harusah fazia para nós. Notei que a Sacerdotisa permanecia, desde o dia anterior, sem alimentos e sem água. Ela pressentia um impulso empurrando os acontecimentos. RAMIS e eu tínhamos a visão direta de uma realidade que se aproximava. Harusah estendeu-se no chão para um merecido repouso.

Naquela manhã, as aberturas no lugar de janelas estavam sem as cortinas pesadas de fibras trançadas, esperando a brisa que jamais viria. O Sol escaldante pairava lá fora, sobre a areia. O ar estava áspero e pesado.

Então, a luz agressiva do Sol inundou o aposento. Harusah se moveu no chão, acordando e, pondo-se de pé, vestiu uma túnica curta, de linho branco, amarrada na cintura por uma faixa azul.

Confundindo com a luz do Sol, vimos, os três, uma luminosidade emergir do nada, como uma bola sem peso. Harusah apressou-se em reanimar o fogo da pira de HÓRUS, colocando ali um punhado de ervas aromatizantes.

Nesse momento, quase instantaneamente, a bola luminosa revelou-se como uma forma humana de rosto jovial, os olhos levemente rasgados, transmitindo-nos uma alegre e grande Bondade.

Então, RAMIS e eu ouvimos:

– Eu, MENHENÉS, o vosso Faraó e Pai, vos saúdo e vos abençoo, Grande Sacerdotisa Harusah.

– Eu, humildemente, também Vos saúdo, meu Senhor.

– Escutai, Harusah. Quando o tempo daqui a 21 dias se completar, fazei simbolicamente o cerimonial dos desligamentos dos corpos de Dhiram. Antes, queimai os papiros da Obra de

AKRON, colocando as suas cinzas num recipiente de cristal. Quero que sejam preparados três recipientes, com a essência de sândalo para o primeiro; a essência de mirra para o segundo; e, para o terceiro, a essência de incenso. O sândalo será para colocardes na cabeça do Nosso Venerável Hierofante AKRON; a mirra será colocada no peito, na altura do coração; e o incenso será colocado nos pés. O Faraó vai mandar chamá-la, quando chegar a ocasião de prepararmos o corpo do Santo Homem para o Seu Sacrifício. Na oportunidade, levareis também o recipiente com as cinzas da Cartilha.

Caindo de joelhos, a Sacerdotisa disse:

— Não sou digna nem de chegar próxima de Sua Santidade AKRON, quanto mais de tocá-Lo. A pena para esse gesto é o apedrejamento.

— Quem se julgar digno, que atire a primeira pedra. Recomendo que ignoreis o Conselheiro Rabir. Para o vosso próprio bem, deixai-o em paz com os seus erros, e guardai, sobre tudo isso, o mais absoluto segredo.

Pensei comigo: “Quanto Amor existe em MENHENÉS!”

A projeção materializada Dele foi-se desvanecendo, rumo a nenhum lugar.

— RAMIS, meu querido companheiro, MENHENÉS nem olhou em nossa direção.

— Nós não estamos aqui, minha diletta. Estamos apenas rolando nas ondas do tempo.

Os grande olhos negros de Harusah estavam cheios de uma enorme tristeza.

AKRON CHAMA HARUSAH

Lá estávamos nós — RAMIS e eu — silenciosos, na quietude da Câmara de Repouso do nosso querido Faraó AKRON, observando-O na cadência dos pingos do relógio d’água.

AKRON está deitado na esteira estendida no Seu quarto de repouso, com a finalidade de descansar. Ali ficou num torpor que não é sono nem vigília, mas uma espécie de estado cataléptico, que O mantém rígido, incapaz de se mover, porém com o cérebro a trabalhar obsessivamente na sua Obra — a CARTILHA INFANTIL.

Só despertou por completo quando a imagem da Sacerdotisa Harusah apareceu em sua mente, como uma luz que se acendia.

Pôs-se de pé e viu Menhenúfis junto da abertura do cômodo, com os olhos inchados, como se tivesse chorado muito. Compadecido pelos desvelos de sua Sombra, o Faraó aproximou-se dele, consolando-o:

— Nada aconteceu, eu vos garanto. Apenas quero pedir-vos para irdes ver Harusah e implorar que ela marque a hora que lhe convier para estar aqui no salão de audiências.

“Ah! Por AMON! Como poderei dizer a uma simples Sacerdotisa de ÍSIS o que acabo de ouvir? Implorar... quando lhe convier... como? Por AMON, como???” Assim pensava Menhenúfis.

AKRON, de costas para ele, recomendou:

– Vós mesmo ireis levar o recado do seu Faraó e não distorçais as Minhas palavras.

Prestativo, Menhenúfis exclamou:

– Oh! Grande Sacerdote! Estou indo.

Caminhava, procurando lembrar-se da fisionomia da mulher. “Quem será? Elas são tantas!” Chegou a pensar que o Grande AKRON apenas desejava ter-se com uma mulher... Será?! Entretanto, intimamente, Menhenúfis não acreditava que o Santo Hierofante viesse a quebrar os votos de castidade. “Estaria eu louco por ter pensado assim!”

Ainda teve tempo para raciocinar, pois o caminho a percorrer era longo. “Com tudo isso, sei e prevejo uma história bem tenebrosa. Por que o Faraó se encarrega de tudo? Agora mais esta – o detalhe sobre Harusah. Fui excluído do caso de Épil; do ouro da Casa Real; dos rolos de Papiros com o Escriba Dhiram...”

Lá se foi Menhenúfis perdido em suas deduções, que não chegaram a conclusão alguma; por mais que se esforçasse, só colhia pedaços de histórias, que não se encaixavam. Enfim, chegou.

No portal de Harusah, o homem aproximou-se e encarou a Sacerdotisa. Ficou sem fala.

RAMIS sorriu para mim, achando graça no espanto de Menhenúfis.

Menhenúfis via uma mulher de idade indefinida, magra, alta, de tamanha beleza! Prestando mais atenção, ele – Sombra do Faraó – notou que as faces da mulher estavam pálidas e os olhos pisados, como se estivesse muito doente.

Então, Menhenúfis recobrou a voz:

– O que está sentindo, digna Sacerdotisa? Seria melhor que você se acomodasse. Eu não quero incomodá-la.

Diante dessa saraivada de palavras, Harusah indagou:

— Quem é você e o que quer de mim? Sou agradecida pelo seu interesse, mas, a que veio?

Menhenúfis não foi convidado a entrar, e isso o deixou bem espantado. Sem outra maneira, ali perfilado à porta da mulher, disse:

— Sou Menhenúfis, Sombra do Faraó AKRON.

Falando assim, esperou a reação da Sacerdotisa de ÍSIS. Nem um movimento a traiu. Harusah continuou impávida.

Menhenúfis foi obrigado a continuar:

— Trago-lhe um apelo do nosso Rei: Ele implora... (Aí gaguejou, custou a pronunciar a palavra.)

Prosseguiu:

— O Faraó quer vê-la, quando você puder. (Não disse a palavra “desejar”.)

Menhenúfis — Sombra do Venerável — é bastante teimoso e AKRON sabe disso.

Harusah não mostrou espanto algum. Ela aguardava aquele chamado. Entrou e voltou rapidamente, dizendo:

— Agora mesmo, meu Digno Sacerdote.

Baixou a cortina do portal, saiu e quase ordenou:

— Vamos!

Caminhando mais rápida que ele, chegaram, com a Sacerdotisa na dianteira.

AKRON aguardava a sua chegada na saleta de audiências para os mais íntimos. Estava vestido com a sua túnica de Hierofante — belo e radiante, como sempre.

Assim, Harusah ajoelhou-se perante Sua Santidade, beijou-lhe o anel com o Escaravelho, pedindo a sua bênção. Depois, acomodou-se onde Menhenúfis lhe indicou.

RAMIS E A SACERDOTISA-CHEFE

RAMIS descreve Nefáris:

“Junto com o Faraó e Harusah está Nefáris, com o seu corpo semidenso, colocando-se em sintonia vibratória com a Força que emana do Divino AKRON. O seu coração, visível através do corpo, pulsa como sob o efeito de uma luz interna. Assim iluminado, parece feito de rocha de cristal e o seu pulsar é radiante – sem que haja possibilidade de se descrever, por falta de palavras que traduzam a realidade. Ela está no lugar a que pertence.

“Nefáris – como Sacerdotisa-Chefe – já caminhava com a certeza de ter estimado o momento correto do seu sacrifício. Soara, finalmente, a hora do seu encontro com as águas profundas do lago artificial. Cumpria ela o seu papel para um fim comum de grande importância – o rito que antecede sempre a parte suprema da Missão Avatárica de um Grande Mestre. A parte feminina de AKRON, com seu corpo imortal, viajara até ali, para aquela última etapa – o Ritual da preparação do corpo do Venerável Hierofante AKRON.

“Apenas Menhenúfis e uns poucos, que tramavam a queda e a morte do Faraó, sabiam do sumiço da Sacerdotisa-Chefe Nefáris.

“Menhenúfis refugia-se na sua grande indecisão, como sempre acontece quando tem que se resolver. Sempre dividido, ele não sabe discernir. Indeciso, ele só tem a certeza viva dos acontecimentos, quando eles já estão consumados.

“AKRON, na sua parte feminina, na ocasião de 5.000 anos atrás, tem o nome de Nefáris. Na atualidade (década de 60), o nome de Nefáris foi dado à minha parte feminina, em homenagem a mim – RAMIS, pelo meu amantíssimo Pai e Mestre AKRON, a quem devo todas as minhas existências.

“O aspecto feminino de AKRON não tem nome e contém em si todas as mulheres e todos os homens. Quando ela inspira, leva consigo todas as mulheres; e quando expira, traz consigo todos os homens. AKRON feminino é ESCETH – o mais alto Poder da Divindade. Saudemos, pois, com veneração, a Deusa que caminha de maneira sagrada no mundo.

“Estas são as minhas palavras de louvor à minha Amantíssima Mãe, que tem hoje o nome de Zornay.”

RAMIS explicou que a presença da Sacerdotisa-Chefe foi para provar a ressurreição. Estamos eternamente presentes, enquanto tivermos a presença de alguém, como a nossa Alma Irmã.

A CONVOCAÇÃO DOS CINCO PARTICIPANTES

Respirei fundo para voltar à minha condição de continuar a reviver a nossa história de 5.000 anos atrás.

Continuando:

“Eu, RAMIS, vou participar do cerimonial por mim próprio e por Menhenúfis, pois ele — Sombra do Faraó — tem a mente conturbada e cheia de dúvidas. Menhenúfis não tem permissão para participar de tão glorioso evento!

“Veja agora a figura de Zoah-Rá. Ele, como Menhenúfis, não tem condições de participar, mas a sua presença é necessária para o final da cerimônia que vamos acompanhar. Por isso, está aqui, com o seu corpo etéreo. Sua alma daquele tempo não vai recordar, tão cedo, o que está presenciando. Ele vai permanecer isolado a um canto, por uma corrente que radicalmente vai mudar o estado vibratório da sua presença.

“Veja a presença de Rá-a-Nah, que veio com o seu próprio corpo atual. Ela o desmaterializou lá no Templo e veio até aqui, através do éter. Ela vai fazer seu papel e representar a Força de Zoah-Rá — seu amado companheiro.”

RAMIS, que estava do meu lado, continuou descrevendo:

“Temos cinco presenças e nós vamos desenrolar o fio da participação de cada uma delas, que são: RAMIS, Nefáris, Zoah-Rá, Rá-a-Nah e Harusah. Para o nosso Ritual, seriam cinco presenças e mais duas, que são: o próprio AKRON, na sua forma Masculina; e o divino MENCHENÉS, sem forma, que tomou a configuração de um corpo de luz.”

Estamos ali, invisíveis ainda, RAMIS e eu.

O RITUAL EM MEMÓRIA DO CORPO DE AKRON

No mesmo instante em que AKRON se recolhia com os seus filhos, sob os propósitos altamente ocultos da fogueira destinada a Ele, tivemos uma visão fulgurante, que transpassou todos nós.

As pessoas, metamorfoseando-se, alcançam recordações escondidas e de distâncias enormemente afastadas de suas mentes, como se o próprio Sol tivesse saltado para aquele lugar ilusório, mas, ao mesmo tempo, de uma realidade inimaginável. Percebemos, pela nossa audição, as entoações sonoras, com sons guturais, parecendo pular das gargantas com grande esforço. RAMIS e eu vimos que estávamos sendo transportados para dentro de um Templo situado no oco de uma rocha de cristal, sustentado por quatro colunas.

Ao se efetuar a anulação daquela cena, agora de volta ali, na simplicidade da saleta de audiência particular do Palácio Real, o Ritual deixa de lado toda a suntuosidade, por causa de AKRON — o Rei da Humildade. A única mesa de pedra serve como Ara, sem atrativos, e foi armada despreziosamente.

Somente um pano branco de linho cobre a pedra da mesa, como se fosse uma toalha. Em cima dela estão colocados os três frascos de essências e também o frasco com as cinzas da Cartilha Infantil, que Harusah trouxe envolvidos nela. Todos os frascos são de cristal.

No instante do cerimonial, AKRON representa, como Hierofante, a Autoridade Máxima Religiosa — o Grande Ser Solar — e não o Faraó.

Estão todos desnudos, com as cabeças descobertas e raspadas, entoando mantras suaves e de uma sonoridade angelical. Todos, de pé, estão postados na frente de AKRON e de MENHENÉS, que permanecem sentados nos dois únicos bancos existentes.

Logo, Harusah, com o recipiente com os óleos, contendo a essência de sândalo, estendeu suas mãos e lavou a cabeça de AKRON com eles.

Somente RAMIS e eu vimos uma legião de Querubins volteando em torno de AKRON, oferecendo o bálsamo para o seu coração ultrajado e desconsolado.

Estava chegando a hora de AKRON deixar este mundo e partir para junto do seu Pai MENHENÉS. Ele amou seus filhos até o fim. Em homenagem à chama desse amor, RAMIS enquadrou-se no seu raio amoroso e, com as mãos, passou no peito de AKRON, à altura do coração, os óleos com a essência de mirra.

Os Querubins entoavam cânticos de Glória em memória de AKRON.

Com todos ali testemunhando, a pitonisa Rá-a-Nah jogou-se aos pés do Santo Homem, em decúbito ventral, e passou nas plantas os óleos com a essência de incenso.

Enquanto a mirra em forma de pedra queimava nas piras dos quatro cantos, enchendo o ambiente de volutas, muitas volutas da essência, AKRON recolheu o pano de linho de cima da mesa, tomou um recipiente de bronze cheio de água virgem do Nilo — que sempre existiu naquela sala — e se encaminhou para cada um dos presentes, que estavam de pé. Ajoelhou-se em frente deles, um de cada vez, cobriu sua cabeça com o pano e lavou os pés de cada um dos presentes, inclusive os de Nefáris. Ouvimos o Sacerdote dizer:

“Lavo apenas as vossas plantas, porque o corpo restante está limpo”.

Aproximou-se então de Nefáris e, num amplexo, os dois se fundiram em um só, ali, às nossas vistas. Quando o Hierofante olhou em nossa direção, tinha o rosto inundado de lágrimas, que caíam como gotas de sangue.

A voz de RAMIS – maravilhosa e encantadoramente divinal – entoou um mantra dedicado ao corpo e ao sangue de AKRON e, com a mesma toalha que agora estava jogada no chão, perto dele, o Grande Conselheiro dos Vinte e Um – RAMIS – enxugou o rosto muito amado do nosso Mestre – o Digno Hierofante do Templo de AMON. Existe, para todo o sempre, em Duat, o pano branco de linho com a face estampada de AKRON – nosso Pai –, com as vibrações sinceras dos nossos pés, ali depositadas.

De uma das dobras das nossas mentes, surge agora a cena atemporal de um homem sentado num trono tosco e mal-acabado, envolto por sua capa de Rei, de pele de carneiro, e coroado por uma mitra ladeada pelos cornos do mesmo animal. Desdobrando-nos de volta, estamos na presença do nosso Rei, com seu rosto austero de olhar penetrante e inquiridor, todo inundado pela luminosidade que parte do Divino MENHENÉS. Os mesmos cornos do carneiro ladeiam a sua mitra atual.

Ouve-se a voz de Rá-a-Nah, profetizando:

– Talvez, algum dia, quando pudermos desenterrar, com as próprias mãos, os restos em cinzas das nossas origens no reino animal, haveremos de entender a preparação do Corpo e do Sangue (Alma) de AKRON, feita, neste momento, com a força e as características do Carneiro Real. Então, a nossa origem será provada com a autenticidade importante e irrefutável, que está bem à nossa frente, acessível em nossas mentes.

RAMIS disse:

– Desde eras remotas, o Ser Humano adorou determinados aspectos da Natureza: a lua, o sol, o carneiro, a serpente, o cristal, a oliveira e outros. Esses aspectos possuem também uma realidade presente nas nossas vidas. O Mestre AKRON já

dizia: “Vós já passastes por muitas vidas. Já fostes indígenas, africanos, hindus e muitas outras. Vós fostes *um mineral*. Vós fostes *um vegetal*. Vós fostes *um animal*. Vossas submentes contêm experiências sem conta, e o vosso *karma* junto daria para resgatar o *karma* da Humanidade, em consequência de vossas vidas passadas.” (Ler: *Os Papiros Sagrados de Hermes*, 5ª ed. p. 186).

O momento de se retirarem era chegado. MENHENÉS já não era mais notado no nosso plano físico.

AKRON tinha consciência plena daquele seu encontro com o passado e do conhecimento perdido reativado nessa ocasião, no Egito. Todos os membros do grupo estavam inundados de sensações e vibrações. A bênção que recebiam do Sacerdote dava-lhes um imenso sentimento de paz.

Para RAMIS, Rá-a-Nah, a Pitonisa, e para Zoah-Rá, AKRON pediu que permanecessem por mais tempo. Assim, os três companheiros, filhos de AKRON, ouviram:

“Levai, de imediato, dentro da Força do triângulo que formais, este recipiente com as cinzas da Cartilha, para a Arca Sagrada da Segunda Pirâmide. Antes de deixá-lo, deveis abri-lo e colocá-lo por cima das cinzas de um Escaravelho — que foi retirado dentre os muitos que se encontram nos pés da Esfinge. Tornai a cerrar o recipiente, para que lá permaneça até a hora da sua ressurreição. Sabeis, meus diletos filhos, que o Escaravelho nunca morre.”

Em uma fração de tempo, já estavam eles no local da Arca — dentro da pirâmide de Kéfren —, cumprindo as ordens do nosso Pai Espiritual — o Venerável AKRON. Eu também estava lá e me lembrei das palavras do Sacerdote, pronunciadas no ano de 1959 do nosso tempo:

“Absorvei isto com toda a intensidade de vossas mentes, de vossas mentes fabulosas de conhecimentos passados, do pequeno livro onde se iniciam as primeiras letras. É a Cartilha

Infantil dos conhecimentos, que AKRON quer colocar em vossas mãos. Vós todos caminhais para a Luz, que já se faz sentir. Quando ela vos cobrir de todo, não tereis mais perguntas a fazer.”

Harusah, depois de bastante tempo após a morte de AKRON – sacrificado e perseguido por causa das incompreensões humanas –, caminha em silêncio ao lado de Rá-a-Nah. As duas amigas, aproximadas pela participação na gloriosa e memorável reunião com o falecido Faraó, costumam, com certa constância, deitarem-se às margens do Nilo, para verem um bando de aves aquáticas balançando-se na corrente do rio. De certa forma, Harusah continua bela, ereta, elegante, apesar dos poucos quilos a mais. Já Rá-a-Nah tinha o rosto levemente encovado e seu sorriso, agora muito raro, não chega aos olhos. Havia nela uma tristeza grande, como se a morte do Mestre tivesse levado junto a sua alma. A vida das duas, apesar do prazer da companhia entre elas, acabaria, naquela época de 5.000 anos atrás, num embaraçoso silêncio. As duas, por natureza e por formação, eram dedicadas à busca da verdade. “Será que gostaríamos de saber toda a verdade?!” Era o pensamento de ambas.

Essa verdade seria o elo das duas com o passado, e o olhar delas para o futuro.

RABIR E IACIH

Naquela noite, apagamos dos nossos planos a história de Harusah, para prosseguirmos – RAMIS e eu – pelos caminhos de nossa Missão: Rabir e Iacih.

Chegamos na hora em que o casal, sentado ainda à mesa depois da refeição da noite, brindava, com a bebida nas mãos, a felicidade daquele casamento. As manifestações que vimos, na privacidade do lar, pareciam, à primeira vista, serem de alegria. Mas, os nossos olhos deram com a figura de um jovem: um homem belo, do gênero cínico desenvolvido. Nos olhos, trazia a vontade de viver e as maneiras eram de total confiança. Um jovem mundano, mas, pelas suas vestes, notava-se a sua preparação para o sacerdócio.

Disse RAMIS:

– Ele é Hanet, o sobrinho de Iacih, filho de sua única irmã de sangue. A Sacerdotisa o adotou porque sabe que entre Rabir e ela não haverá possibilidade de filhos.

Iacih, continuando a beber o vinho, encenava ao seu estilo, na direção de Rabir:

– Rabir, meu adorado... Eu o quero de qualquer forma. Irei até as esferas de *Basth* (o inferno) por você. Saiba, você, que o Egito todo ficará boquiaberto pelo que eu farei por nós dois. Sou sua para sempre.

Esse cenário seria a receita da felicidade se, evidentemente, Iacih estivesse dirigindo o seu discurso a Rabir. O Conselheiro mostrava visivelmente a impressão de completa desconfiança na mulher. O seu tempo com Iacih tinha sido curto, mas foram

dias dolorosos e solitários. Mesmo assim, ele ousava acreditar que veria o dia do fim do seu sofrimento.

Antes, porém, sabíamos – RAMIS e eu – que Iacih iria obrigá-lo a fazer de Hanet o seu substituto no Conselho dos Cento e Onze, como se fosse filho deles.

Rabir disse:

– Minha querida Iacih, eu quero dizer-lhe, do modo mais delicado possível, que você não pode e não vai saber sobre o meu ouro. Sei que você persegue esse desejo. Acho que você não precisa saber, por causa de um fato muito simples: você é a minha única herdeira.

Essas palavras provocaram dor física em Iacih. A companheira de Rabir tinha comido muito bem, tomado muito vinho e estava com as palavras de Rabir soando nos ouvidos. Ela tinha arriscado muita coisa para chegar até ali e não cometeria qualquer erro tolo para destruir tudo o que tinha conquistado.

Rabir disse:

– Existe ainda a questão da minha saúde. Penso que não precisava lhe contar, mas o meu tempo é limitado. Se, para o alívio da minha velhice, não houver nenhum progresso, teremos que pensar no seu futuro. Você está me compreendendo?

– Isso me surpreende, meu amor. Amanhã mesmo vou providenciar alguém, ou alguma coisa, para socorrê-lo.

Assim foi encerrada a reunião familiar naquela noite, com Rabir desaparecendo em direção ao seu cômodo de dormir.

Hanet, sem palavra alguma, sentia-se bem naquele falso cenário. Ele havia compreendido a mensagem do discurso feito pela mulher.

Iacih olhou para ele, e Hanet disse:

– Pensei em você o dia todo. Rabir nos matará se descobrir...

A mulher, levantando-se, tomou-o pelas mãos, guiando-o para a direção da sua cama. “Ele é perfeito – pensou – e eu o amo desesperadamente.”

Rabir havia mudado e está agora completamente diferente, notamos – RAMIS e eu. Sua cabeça enrugou no lugar onde os cabelos deveriam estar brancos, falava com um leve balbucio. Nas raras ocasiões em que se permitia abandonar o seu repouso, passava fechado na capela ao lado do seu quarto de dormir. Lá, naquele ambiente paranoico, vicejava ainda mais a ambição de Rabir, guardada na parte de baixo do seu sarcófago vazio. Sua capela particular significava para ele o mais sagrado dos templos, repleto de deuses, onde ele adorava o seu deus maior – o ouro! Era esse o seu segredo mais importante e mais bem guardado.

RAMIS E IACIH

RAMIS fala sobre Iacih: “Ela é uma mulher perversa. Há nela uma suavidade de maneiras, que enganaria muitas pessoas. Lembremo-nos de que tem os seus encantos e um ar de fragilidade e desamparo que inspira piedade.

“Seu pai abandonou sua mãe, e Iacih nunca o perdoou.

“A companheira de Rabir quer sempre ser a primeira. Jamais suportaria o segundo plano. Há, dentro dela, um gênio-do-mal frio e egoísta, capaz de levar verdade às últimas consequências o seu intuito: ser rica... muito rica. Parecendo impulsiva, na verdade, Iacih é interesseira.

“Estudou a fundo Rabir e fez o seu plano em relação a ele. Acertou em todos os pormenores. Por meio do Conselheiro, será um sucesso em riqueza e, por intermédio do sobrinho Hanet, será uma autoridade junto ao Conselho Temporal dos Cento e Onze.

“Negociará joias e cosméticos feitos por ela própria. Ela entende da arte e das reações químicas utilizadas nos cosméticos.

“Iacih tem uma enorme força de vontade e absoluto domínio sobre si mesma. É capaz de traçar os seus planos cuidadosamente, sem a menor emoção, com a mais absoluta tranquilidade de espírito.

“Digo até que Iacih mataria qualquer um com atrocidade.”

“Pobre Rabir!” – pensei eu.

– Penso, diletta, que um foi feito para o outro – explicou ainda RAMIS.

A MORTE DE RABIR

RAMIS descreveu para mim: “Gazil sentiu o sangue fugir do rosto e seu coração começou a bater furiosamente, quando Karebah lhe contou sobre a doença de Rabir – a decadência senil.

“Karebah contou ainda que a mulher do Conselheiro esteve lá à procura do auxílio de Gazil, como Curador – médico.

“Enquanto esperava pela oportunidade da vingança, os dias de Gazil entraram numa rotina cuidadosa. Levantava-se cedo e estudava até a hora da refeição do meio-dia. À tarde, com o sol mais brando, ele saía para sua marcha forçada pelas estradas, bem longe da Ala dos Curadores. Cada dia levava mais tempo investigando as notícias de Rabir. Quando as pessoas passam por ele, indiferentes, sua vontade é de sacudi-las e dizer:

– Não sabem o que está acontecendo comigo? Não sabem das astúcias do Conselheiro Rabir e dos seus planos inteligentes e diabólicos?

“Na sua loucura, então, ele ouviu, pela boca de Karebah, a solução do seu problema. O milagre aconteceu: Rabir, doente, precisava dele.

“Ele havia suportado um longo período de espera e de inatividade. Porém, agora, aplicaria toda a sua energia e não iria entrar em pânico. Naquele momento, Karebah soube que os planos deles dariam certo.

– Eu vou dirigir todas as nossas ações, e você as conduzirá a bom termo – propôs Gazil.

“O Curador chegou à Ala da moradia de Rabir e entrou. Iacih, sentada ao lado do amante Hanet, olhou para ele e o

conduziu para junto de Rabir. Ouviu da mulher as notícias sobre a saúde do Conselheiro.

“Iacih sentia algo estranho ao contar a história de Rabir. Falava, tentando elevar o trabalho do Conselheiro, colocando-o num patamar inexistente.

“Para Gazil, estava sendo difícil imaginar que toda a sua vida também estava no fim. De pé no quarto, custava a acostumar-se com o cheiro fétido que vinha do homem velho e decrépito – cheiro de suor e urina.

“Uma névoa fina, pairando entre ele e Iacih, veio resvalando para os seus ouvidos e trouxe o que a mulher lhe dizia:

– Não desejo que se faça a trepanação no meu amado companheiro. Mas, o meu pobre homem, que luta há horríveis e longos dias no leito de morte, merece a sua compaixão, meu Grande Senhor. Imploro a sua ajuda. *Ouro* não há de faltar para o pagamento.

“O Curador sentiu um arrepio na espinha. Tocou no rosto amassado pelo sofrimento, pensando: Malditos sejam vocês todos com o seu ouro amaldiçoado! Por Luan, AMON não permita que eu o mate com as minhas próprias mãos.”

– Tenho um Assistente de nome Karebah. Se eu for agora, creio que ele poderá estar aqui ainda esta noite. Agrada-me a ideia de ele tratar o Conselheiro com a última novidade sobre um elixir para a senilidade – disse Gazil, fingindo não ter entendido as duplas intenções de Iacih.

“Naquela mesma noite, Karebah – o Assistente Curador – dava para Rabir somente três gotas do seu elixir, dizendo:

– São só três gotas pela manhã, quando amanhecer, e nada mais. Será feito assim, todas as manhãs.

“Nos poucos minutos em que ainda permaneceu lá, Karebah deixou bem claro que uma gota a mais do seu fatídico remédio causaria, sem dúvidas, a morte do paciente.

“Iacih pensava, enquanto Karebah partia: Para essa missão tediosa, eu tenho, agora mesmo, a solução.

“Pegou o frasco, colocou mais um tanto de gotas na água (sem saber quantas) e fez Rabir beber. Procurou no peito do homem, entre a túnica mofada por falta de higiene, a trava que abria o mecanismo da porta da capela, ali ao lado. A engenhoca estava numa corrente bem reforçada e comprida, de ouro maciço, que Iacih passou para o seu pescoço. Cinco minutos depois, a Sacerdotisa estava longe daquele horripilante cômodo, nos braços de Hanet, à espera do dia amanhecer para tomar as providências para o embalsamamento e muitas outras coisas...

“Faltavam, então, poucos minutos para a meia-noite.”

AKRON - ARGIH - RABIR

Descendo da condução que o levava de volta à casa, soou, no cérebro de Karebah, um alarme de tremenda significação, apesar de ele não atinar com o que era. Viu, na penumbra, Gazil andando de um lado para o outro, com gestos desesperados...

– Sossegue, meu amigo. Rabir já deve estar morrendo. A nossa Missão se cumpriu. É evidente que eu tenho certeza.

– Infelizmente, vamos ter mais um homem morto nesta noite: é o Eunuco Argih.

Karebah viu o brilho das lágrimas nos olhos do Curador: “Não pensei que ele o amasse tanto assim! Gazil é o homem mais decente que eu conheço.” Compreendeu, Karebah, um lado que não havia notado na atitude do Curador. Ele fizera de tudo para o bem-estar do Eunuco e agora o estava perdendo.

Karebah viu o Grande Gazil ajoelhar-se humildemente para fazer o sinal da Vida no peito do Eunuco – o Hank.

Rabir partiu.

Argih partiu.

AKRON PARTIU.

Os anjos do céu desceram ao encontro dos três. Passavam alguns minutos da meia-noite.

AKRON, com o Eunuco Argih pelas mãos, vai buscar Rabir, que, indulgentemente, tem a alma desacordada, e partem para o barranco do rio Nilo, a fim de soltar a corda que amarra Dhiram – o Escriba. A família está sendo reavivada no seu Espírito e reunida pelo PAI/MÃE – o Venerável AKRON.

O vento de rajadas gemia entre as areias dos rochedos de pedra. As pessoas olhavam para os monstros pedregosos que visivelmente balançavam-se, e corriam para se esconderem antes que eles caíssem em suas cabeças. Quando amanheceu, ninguém tinha conseguido dormir.

Lembravam-se todos de como algo espantoso aconteceu naquela noite: o solo do deserto percorrido por um tremor; a princípio, foi apenas uma vibração fraca, quase imperceptível, mas depois violenta. Brota um gemido do grande rio da vida. As palmeiras rangem, estalam e gemem. As feras, em manadas, estrondam o chão com os seus passos; répteis agitam-se em convulsão sobre o rio, que fica mais caudaloso. Os pássaros, apavorados, lançam-se em voo. O Sol combaleia e ilumina a noite, escondendo a Lua, que é cheia. Vênus perto dela também é ofuscado por esse lampejo de luz solar. É a tragédia que ficou gravada nas almas do povo egípcio, daquela ocasião. Após alguns segundos, porém, tudo termina. Guardas do Reino aparecem para patrulhar e controlar o ambiente.

A Era dos Divinos havia passado.

O Egito está sem AKRON!!!

RAMIS - ZORNAY - MENHENÚFIS

Treze horas do dia 20 de fevereiro de 2001. Com o último ponto ortográfico colocado no final do capítulo anterior, sentada em frente à mesinha toda branca, onde armei a minha simples, mas importantíssima Ara, e entronizei os papéis para escrever a detalhada e impressionante história da nossa Família Espiritual, acompanhada pelo nosso muito amado RAMIS. Em frente à minha Ara, todos os dias, começo por me lembrar da minha querida Irmã Espiritual, e agradeço pelo seu gesto profético de tê-la me presenteado.

Tento neutralizar a paralisia que me ataca. Contra todas as minhas expectativas, entro num universo etéreo e vejo uma relva verdejante; mas, o que vejo mesmo é o verde do meu canteiro de capim, defronte da minha varanda.

RAMIS, o meu guia, toma o meu corpo em seus braços e sou levada carinhosamente, como uma criança, para o interior de um Templo, e lá penetro nos Anais akáshicos, onde vejo o Livro da Vida de nossa Família Espiritual.

É surpreendente! Não estamos no Templo, mas, sim, estamos na Casa da Morte, nos subterrâneos do Templo de AMON, em Mênfis, há 5.000 ciclos de *Rá*.

RAMIS mostrou-me o local: ali, mais para a esquerda, eu vi Menhenúfis – um homem pústula – de pé, olhando para o corpo morto de Nefáris – a Sacerdotisa-Chefe – sobre uma laje de pedra.

Recordo-me de que vi, de todos os lados e, ao mesmo tempo, já estando lá, o grupo dos Vinte e Um do Conselho Secreto, tendo à frente o Santo Hierofante AKRON que, sem demora, tomou o corpo de Nefáris e o colocou no meu corpo, que estava nos braços de RAMIS.

Olhou a seguir para Menhenúfis, numa realidade que ninguém ainda conheceu, e o corpo do homem se limpou de imediato. Tomou com desvelo a cabeça de Menhenúfis, reclinou-a sobre o seu peito, no coração, e disse:

“Alcançastes a melhor parte da Verdadeira Sabedoria. Hoje, sois o discípulo amado – amado por sua pureza – e nós cantamos em vosso louvor. Segui, transmitindo aos demais e entre vós mesmos, o Saber que agora só a vós pertence, alcançado pela sublimidade da vossa compreensão. Caminhai, Menhenúfis, caminhai sempre em frente. Caminhai com AKRON, pois sois a Sombra Dele.”

Olhou para RAMIS, comigo – ou não sei se com Nefáris – nos braços, ainda me acalentando, e disse:

“Nefáris partirá conosco, e vós, RAMIS/Menhenúfis, sereis o Filho predileto Dela – a Mãe/AKRON de todos. A vós, Menhenúfis, confio o que AKRON tem de mais sagrado. Olhai por Zornay. E assim, AKRON, a Mãe, protege-vos e protegerá para todo o sempre, com as suas bênçãos.”

AKRON – Filho de PTAH, Sacerdote do 5º Grau Iniciático e Hierofante do 7º Ponto – parte, deixando com Menhenúfis as bênçãos gloriosas do Divino OSORÁPIS.

No ritual, que agora deixou de ser secreto, Nefáris foi levada, com o corpo de carne desmaterializado, para a nave espacial no ventre de Harmakis-Khepepera – a Esfinge –, acompanhada pelo cortejo de honra de AKRON – os Vinte e Um sábios e santos Sacerdotes.

Estou de volta para a minha sacada, que tem na frente um lindo jardim verde de pés-de-capim. RAMIS me dá um ósculo na testa e diz:

– Dai-me a vossa bênção, Zornay.

Rindo, com o seu olhar doce e amigo, continuou ali do meu lado.

A tarde quente de Brasília já ia adiantada.

IACIH - A CORTESÃ

A vida luxuosa e sem freios onde Iacih se demandava, por causa do ouro herdado, fez com que a Sacerdotisa fosse escandalosamente reconhecida em qualquer volta dos caminhos de Mênfis. Ela flutuava sobre as festas, jantares, reuniões e folguedos do Reino, sob a proteção libertina de Karnak – agora o Faraó Atóthis.

Iacih pavoneava-se entre as pessoas, conquistando-as com presentes de joias ou cosméticos – trabalho dela. As peças são de mau gosto, mas de grande valor pela quantidade generosa de ouro. A viúva de Rabir fazia o jogo do momento e esperava ver os sorrisos satisfeitos, aplaudindo-a naquele cenário. Não tinha medo de entrar no jogo.

Sua grande preocupação é Hanet. Sente-se enfurecidamente só. Ela, cada vez mais, perde o amante. Ele não se permitia quase nenhum contato. Com base no pouco que sabia dele ultimamente, pode-se dizer que as suas chances com Hanet estavam fracassadas. O Sacerdote, sobrinho dela, acreditou no exercício de Conselheiro dos Cento e Onze, tanto pela sua inteligência quanto pelo seu direito de primogenitura, como adotado. A sua fé também era, em relação ao ouro de Rabir, como a fortuna da família pertencente a ele também, o único herdeiro de Iacih.

Acreditava que era um autêntico egípcio, bem nascido e educado no conceito secreto dos Sacerdotes de AMON, e que era, principalmente, o único herdeiro de Iacih.

Iacih, quando dorme, sonha insistentemente com uma festa toda iluminada pelas tochas. Ela abre caminho entre a multidão e todos olham em sua direção. Ela pensa que é porque

a consideram bonita. De repente, para a música e todos ficam estáticos... Na frente dela está Rabir!!! Encorajada, vai falar com o Conselheiro e vê Hanet condenando-a com o dedo em riste. Às vezes, sonha que está nua e todos riem dela. Quando pede ajuda a Hanet, ele foge.

Pode atrair homens e mulheres para as tardes na sua cama. Já, Hanet, não concordava mais em ir para o quarto com ela.

“O meu nome tem que ser esquecido”. Assim pensando, Iacih começou a tomar providências, das quais ninguém, na ocasião, foi capaz de compreender os motivos. Sem atrair atenções, providenciou a distribuição de todo o ouro restante. Pagou dois Conselheiros jovens, amigos de Hanet, para ficarem de vigilância sobre ela. Recebeu a promessa de que, onde ela estivesse, eles estariam por perto. Ganharam também – cada um deles – um anel de presente, feito por Iacih.

Deixou com a sua escrava de confiança uma quantidade de ouro para o pagamento de um Curador, para que ele a encaminhasse para a Casa da Morte, a fim de ser embalsamada. Ao Templo de AMON foi ofertado o restante do ouro, em memória de Rabir.

A escrava Zhina caminhou em silêncio com a sua Senhora até a beira do rio Nilo. Lá, quem as visse, pensaria que estavam procurando alguma coisa perdida nas areias das margens. Mas elas enchiam com areia molhada as sacolas de fibras, a fim de ficarem bem pesadas, parecendo o peso do ouro. Zhina se encarregou de colocá-las no vazio do sarcófago de Rabir. A escrava foi encarregada também do pagamento pelos préstimos do Curador-Assistente Karebah, que já havia apresentado a sua conta. Ela própria, Zhina, recebeu a sua parte do ouro, como presente pela sua ajuda e compreensão, e pelo silêncio.

Iacih vai pôr fim à vida e pretende fazê-lo com as gotas restantes do elixir de Karebah, que roubou da posse de Hanet. No Egito, o gesto de Iacih é totalmente normal e legal: a

companheira indo ao encontro do seu par. Indo também vingar-se de Hanet. Disso, só sabemos o amado RAMIS e eu.

Somente Zhina sabe que verdadeiramente laciH quer deixar Hanet na miséria.

A Sacerdotisa não conseguia imaginar como foi envolver-se com Épil. Talvez fosse para incluir mais um rosto entre os muitos que trazia memorizados. Um dia, no futuro – quem sabe –, Épil passará a ser alguém na memória de laciH.

ÉPIL - O ASSASSINO

Através de ideias muito eficientes, Subahajah – o Chefe dos Exércitos – alertava seus homens para o perigo representado por pessoas do Alto Governo junto ao Faraó AKRON. Os mais graduados militares já cerravam fileiras com o Chefe Subahajah e viam, com um misto de orgulho e apreensão, os preparativos para a derrubada do trono do Egito. Agora o movimento avançava em todos os cantos e recantos dos domínios egípcios, alcançando os seus suntuosos Templos, já que o povo, não integrando as Forças Armadas, conservava-se indiferente.

Logo, o Rei Atóthis estaria no topo do Império, que se estendia do Alto ao Baixo Egito. AKRON, sozinho e mal preparado, não teria como enfrentá-lo (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

Na última reunião dos Conselhos Religioso e Temporal, Épil aceitou o convite para cooperar com aquilo que melhor sabia fazer: escrever. Os préstimos do Grande Chefe Escriba foram valiosos e diligentes, pela grande competência dele.

Castigado com a mudez, o homem – que já era de poucas palavras – havia ficado no esquecimento. Mas para Menherteth – o homem da Câmara das Imagens Polidas – não passou despercebida a importância da ajuda do Escriba em todos os passos daquela missão. Eles não conheciam, como Épil, a colocação correta dos hieróglifos. Épil justificou sua colaboração como reconhecimento do patriotismo no próprio coração.

O documento fatal convidando o Rei para se deslocar até Tebas, a fim de tomar conhecimento da sua condenação, foi armado e redigido pelo Escriba Épil.

Agora, Épil faz parte da nova Corte egípcia. Abandonado pela família, ele vive de modo desregrado, em companhia de devassos.

Descomedido, errava por entre informações de aspectos duplos; produção de condenações falsas da vida humana, utilizando os seus papiros, onde interessados, por ignorância, só assinavam. Tinham confiança nele. Épil descobriu a forma de bem viver e era o homem mais bem informado da Corte de Atóthis.

Com o tempo, o homem passou a ser o Escriba mais conhecido e solicitado. Foi ficando muito bem treinado no seu mister de cortesão.

Foi com facilidade que o nome de Iacih chegou ao seu conhecimento. Seu raciocínio foi lógico: partindo de Iacih, chegou a Rabir; de Rabir, chegou a Menhenúfis; e deste, a AKRON. Por fim, compreendeu que o ouro da Cartilha Infantil, roubado por Rabir, estava com a mulher dele – Iacih. Épil julgou-se perfeitamente adequado para aquele mundo impiedoso.

Por tudo isso, Épil é disputado pelas mulheres, que veem nele o charme do seu palavreado de língua cortada.

Foi, então, que o Escriba não teve dificuldade em tomar alguma bebida, divertir-se e deixar-se levar por Iacih para a cama dela. Pensou: “Pelos deuses, essa mulher tem a pior reputação, que vai de Mênfis a Tebas. Vamos ver o que ela tem debaixo dessa túnica? Quero ver também o seu ouro e o que ela vem fazendo com ele, sem nenhuma habilidade.”

Nesta noite, estão deitados no leito largo que pertenceu a Rabir. O corpo mumificado de Rabir assiste à cena da capela ao lado. Lá fora, a areia rodopia pelo vento uivando.

Iacih encosta o rosto no homem e passa o braço sobre o peito dele. Tudo o que Épil podia ver era a corrente comprida e resistente de ouro, brilhando no pescoço dela, e os seus olhos caídos, prestes a adormecer. “Não está sendo nada difícil para

mim, dileta laciH”, pensou admirado. O assassino já estava bem treinado e essa não seria a sua última vez como matador.

Épil começou a trabalhar segurando o cordão de ouro e puxando-o para frente. O ferimento prendia o cordão na parte de trás do pescoço, mas ele deu-lhe uma volta por cima da cabeça, aumentando a pressão com força para o lado contrário, e só aí o retirou do pescoço da Sacerdotisa, com a engenhoca na ponta. Achou que o estrangulamento não a tinha matado instantaneamente. A mente de laciH estava muito próxima do estado de coma.

O assassino foi para o lado da capela, abriu a porta, recuperou o cordão pingando sangue e entrou. Calculou a divisão do sarcófago e foi direto à parte reservada aos bens materiais do morto. Isso foi fácil.

Apanhou uma das duas sacolas ali depositadas, pequenas, mas pesadas. Parecia uma bomba pulsando em suas mãos, esperando para explodir... E explodiu como uma nuvem de areia!

A outra sacola também explodiu na cabeça de laciH, para a certeza de sua morte. Épil viu o sangue viscoso e úmido saindo do corpo e, então, laciH morreu. Quando terminou, mal olhou para o que restava do rosto da mulher, transformado numa massa de sangue, ossos e dentes esmagados.

Empurrou a cortina da abertura da saída e, naquele final de noite, sentindo-se ninguém, saiu silenciosamente. Naquela vida, não seria mesmo ninguém. Épil sentiu uma ponta de tristeza.

O DIA SEGUINTE AO ASSASSINATO

Sinto muito, Grande Hanet, mas Iacih, a minha digna Sacerdotisa, ainda está recolhida.

Era a escrava Zhina falando com o sobrinho de Rabir, que acabava de chegar à casa, acompanhado pelos companheiros Conselheiros, os dois amigos de sua tia e mãe adotiva. Os homens foram atacados por um leve mau cheiro. Atravessaram a sala na direção de onde partia aquele fedor. Abriram a cortina e entraram.

Hanet sentiu um frio no estômago. A mulher jogada na cama era Iacih. Ele chegou a essa conclusão como se tivesse visto o fantasma dela pedindo socorro. O podre daquele sangue invadiu as suas narinas, mas sua atenção estava voltada para a entrada escancarada da capela do ouro. O ouro? Ele começou a chorar.

Hanet sentiu uma dor diferente de tudo o que já sentira. Estava sendo rasgado ao meio e começou a gritar, com o rosto contorcido. Como se fosse por reflexo e não por ele mesmo, Hanet, desesperadamente, destruiu todo o sarcófago do Grande Rabir e destruiu junto todo o resto daquele cômodo sagrado.

O Curador, trazido pelos dois Conselheiros, concluiu pela loucura de Hanet e assim ele perdeu aquela vida nas brumas da demência.

Não houve manifestações de dor quando os corpos de Rabir e Iacih foram incinerados, devido à total inconveniência de recuperá-los. As pessoas enviaram, em nome do grande Hanet, notas de pêsames e expressaram a sua contrariedade pelo não comparecimento.

AKRON — o Santo Pai — esteve o tempo todo ao lado deles e carregou-os piedosamente para a nave na Esfinge. Foi um glorioso dia para AKRON, que via, com bastante discrição, cada um dos Seus filhos serem resgatados sob a Sua abençoada Proteção.

Senti uma dor aguda na minha alma e o meu corpo tinha um peso enorme sobre ele. Respirei fundo, buscando oxigênio para os pulmões. “Esta história jamais tinha acontecido”, pensava eu. Como acreditar nesta afirmação? Abri os olhos e as mesmas cenas daqueles 5.000 anos atrás começaram a rodar novamente, agora no presente. RAMIS veio em meu socorro:

— Sonhe, dileta companheira, que estamos deitados numa rocha aquecida pelo sol egípcio. Somente nós dois e o rio murmurando os seus segredos, a fim de nos fortalecer contra a tristeza dos nossos corações.

CONCLUSÃO

Sobre o Assistente de Gazil, que não pertence a essa Família Espiritual, assim foi dito:

– Como a vida de Karebah havia se tornado um caso extremamente confuso, ele decidiu-se a favor de partir do Egito. Contou para isso com a ajuda de Menhenúfis – o Hierofante – e também com o recurso do ouro maldito que tinha em seu poder.

RAMIS, o meu querido companheiro, fez-me voltar ao passado de 5.000 anos atrás, onde as cenas registradas no Livro do Karma dessa amada Família Espiritual se desnudaram, sobrepostas umas às outras, e saltaram para a época atual. Acabamos de entrar, física, mental, emocional e espiritualmente, numa fase da nossa evolução.

Revivendo o passado, quebramos a corrente que nos unia e nos ligava a ele. Esses acontecimentos passados duraram enquanto não foram revelados. Agora, conscientes deles, num fluxo contínuo, alcemos o nosso voo às glórias do futuro. Para tanto, haveremos de estar ajustados no momento presente, para não mais praticarmos o passado.

O presente é também o passado; o presente será o futuro. Existe somente o presente. Este movimento sem tempo é a eternidade.

Na mente eterna do nosso Ego AKRON, ultrapassaremos os sentimentos de fragmentação e, pelo seu eterno Amor, evolveremos em seu coração para a síntese, como indivíduos – membros da mesma Família – e como seres planetários e estelares.

A BÊNÇÃO DE RAMIS

RAMIS, o Sábio que se tornou um Anjo do Amor Universal, abençoa as sementes que lançou em nós, para a infinita felicidade dos homens e das mulheres:

“Unido ao Venerável Mestre e Pai AKRON, eu respeito e prestígio cada um de vocês, porque estamos, no momento, tecendo o Tapete do Senhor. Para tanto, conclamo todos vocês a rasgarem o véu da Divina ÍSIS.

“Procurem se convencer de que só aqueles que têm a manifestação da Poderosa Mãe dentro de si poderão arregimentar pessoas, através do toque mágico dos Sete Braços da Divina NEITH. Pessoas que seguirão estendendo-se no nosso Tapete, até ESCETH – a ligação cósmica. Tapete tecido com as nossas próprias mentes puras e que levará, para o Grandioso FLOR DE LÓTUS, a compreensão de todos os Seres Humanos de boa vontade. Cabe a nós essa Missão. Haveremos de cumpri-la através da Fraternidade de Menhenúfis.

“Genuflexados, intimamente, agradeçamos a dádiva da Força Avatárica do MESTRE, do qual nós todos somos os mais humildes servidores.

“Enquadrados na Força do Tapete do Senhor, elevemos a nossa voz, sobranceiros, entoando a Palavra Sagrada: **A U M**.

“RAMIS – Sacerdote do 5º Grau e Hierofante do 7º Ponto, Sacerdote de PTAH, usado e ungido por AKRON, seu dileto e amado Pai – deixa com todos as bênçãos gloriosas do Divino OSORÁPIS e as humilíssimas bênçãos dele próprio.

“Que o Respeitado e Venerável AKRON abençoe a todos nós.

Jet FLOR DE LÓTUS!

Jet a FRATERNIDADE BRANCA!

Jet AMON!”

RAMIS / AKRON

SEGUNDA PARTE
RESPINGOS DE SABEDORIA
-ENSINAMENTOS DE RAMIS-

NUT - ATLÂNTIDA - EGITO

“O Conhecimento ou a Sabedoria dos primórdios no Egito derivou-se de NUT (a Lua como planeta) e da Atlântida.

“Os egípcios de 5.000 anos atrás se dividiam em Extraterrestres e Terráqueos:

- Extraterrestres da Atlântida, vindos de NUT.
- Terráqueos, também da Atlântida, como experiências humanas do próprio planeta Terra.

“Os Terráqueos eram criancinhas naquela época. Hoje, ainda são crianças.

“NUT foi o planeta que nos ofertou a Alma-Grupo Animal; lá existia um animalzinho semelhante ao nosso atual carneiro. Ele era minúsculo e alimentava-se do musgo que nascia nas pedreiras de cristal e de muita água. A água em NUT continha todos os elementos nutritivos para a vida.

“No Egito do Venerável e Hierofante AKRON e de todos nós, foi dada a continuidade aos animaizinhos de NUT, através dos cordeiros.

“Vamos “pisando” no tempo até que o movimento cessa e, agora, estamos sobre um chão de pó de cristal. Vemos a água cristalizada correndo das enormes montanhas de cristal e de prata.

“Lá estão eles: os carneiros pequenos e sua pelugem curta e macia, que lhes dá o aspecto de bolinhas brancas – uma brancura refletida do cristal.

“O que seria o sangue, como o conhecemos, é um líquido parecendo rocha liquidificada. O coração tem o mesmo formato

atual, mas é feito de cristal e é transparente. O organismo todo se constitui do princípio do cristal.

“Não havia morte como a conhecemos. Os corações apenas se paralisavam.

“Para os rituais religiosos, o animal era escolhido pela sua perfeição: todo branco, sem mácula. O escolhido era castrado no seu nascimento. Com isso, os cornos desse escolhido ficavam enormes, em detrimento de tudo dali, que era minúsculo.

“Os cornos desse carneiro representam a realeza e o seu sangue representa a prosperidade. O seu couro era o manto do Ser Superior – Senhor do Sol – que comandava tudo ali. Os cornos também ladeavam a mitra desse Comandante.

“Foi esse Ser – Terceiro e último Deles – quem trouxe para a Terra as matrizes do carneiro e de todo o resto, para suas reproduções aqui.

“O sangue do Cordeiro de NUT regou a Terra para alimento de todos os seus Seres vivos.

“Quando aqui chegou com o seu povo, a Atlântida estava cumprindo uma de suas últimas etapas, pois houve várias Atlântidas. Logo após a chegada deles, dirigiram-se para as bandas do Egito, tendo como ponto de referência a Esfinge, que tem o rosto de HERMES, o Primeiro Senhor dos três e o primeiro Avatar do planeta Terra. No ventre da Esfinge egípcia foi colocado o coração de cristal contendo a Síntese da Força dos Avatares de NUT. A cada período avatárico da atualidade, o coração vibra e pulsa.

“No Egito existia, em cada Templo, um local adequado para o alojamento do rebanho ovino, local esse de que muitos não tinham conhecimento. Era bem guardado e cuidado. Os ovinos eram considerados sagrados pela sua origem e pelos motivos que já explicamos.

“O rebanho em cada Templo seria um só, isto é, todos descendiam de um casal inicial e não se misturavam com os outros rebanhos. A continuidade era uma só. Todos tinham – cada um – o mesmo sangue. Desse rebanho, escolhia-se o casal mais perfeito, que era sacrificado por muitos motivos e simbolismos, que já compreendemos.

“Falaremos sobre as tripas (vísceras) deles. As vísceras, muito bem limpas, desinfetadas, curtidas ao sol, eram transformadas em tiras bem estreitas – como fios de costura. Sacrificavam-se animais quantas vezes fossem necessárias.

“Bem, o Extraterrestre deu-se conta de que os seus Pontos de Força (*Chakrans*) deveriam ser preservados contra a Força Negativa dos demais.

“O povo egípcio vivia quase sem roupa, pelo calor abrasante do deserto. Até os 12 ou 14 anos, as crianças não conheciam roupa alguma. Assim, para os dos Templos, começaram a confeccionar roupagens para serem usadas de acordo com as ocasiões – majestosas ou simples –, compostas de uma tanga e um peitoral.

“A tanga representava a cobertura do *Chakran* Básico (sexual). Por cima da tanga existia o saíote, para que a tanga não chamasse a atenção de quem não devia. O peitoral cobria e preservava, das vibrações externas, o *Chakran* Cardíaco.

“Todo o povo passou a imitar essas vestimentas. Entretanto, somente os Grandes Sacerdotes conheciam o segredo dos Pontos. Na tanga, o Ponto dado no lado esquerdo era o da Pomba-Gira; e do lado direito, era o do Exu. No Egito daquele tempo, o Exu era chamado de SHU e a Pomba-Gira, de SAN. Quando digo “Ponto”, não é subjetivo. Ele era dado pelo fio tirado das vísceras do carneiro.

“Portanto, volto a falar sobre as vísceras ovinas. Com os fios feitos por elas, a Sacerdotisa-Chefe – somente ela – dava (costurava) o Ponto na roupa e no local correspondente a cada *Chakran*, referente a cada dono da vestimenta.

“Centenas e centenas de mulheres e homens confeccionavam as roupas do Sacerdócio. No local dos Pontos, deixavam o fio da tripa do carneiro para ser amarrado pela Sacerdotisa-Chefe. Ela os amarrava com Palavras Sagradas e Secretas. Ninguém conhecia o ritual, que seria passado somente para a sua sucessora. Para fazer a costura, existia um pedaço de pau forte e firme (um graveto) lascado na ponta, como uma forquilha. Parecia – mais ou menos – com uma agulha de crochê, da atualidade. Essa agulha furava o linho e puxava o fio da víscera do cordeiro.

“O restante das costuras – que não eram muitas, porque as roupas quase sempre ficavam soltas e folgadas – era trabalhado com a mesma agulha, mas com fios feitos das tripas ou vísceras do Boi Ápis – também sagrado nos seus simbolismos e sobre o qual falarei adiante.”

Abriremos parênteses e falaremos sobre a túnica que os Irmãos da O.F.O. usaram durante o tempo em que o Venerável Mestre AKRON compareceu no meio deles. A túnica era branca, e tanto as suas medidas quanto o seu formato foram dados pelo Sacerdote Maior e Hierofante AKRON. Só colocavam a túnica aqueles designados por Ele.

Às vezes, a faixa era azul (no caso das mulheres). Isso representava que o Mestre, não sendo o Pai Espiritual daquela pessoa, ainda precisava de ter a certeza de quantos Pontos ou *Chakrans* estavam despertados. Ao saber, Ele ordenava a mudança para a faixa branca. A faixa branca queria dizer que a pessoa tinha até o 5º *Chakran* despertado. O azul poderia indicar que o *Chakran* era o 3º ou mesmo o 1º, mas nada além do 3º *Chakran*. A faixa cobria a cintura, isto é, o *Chakran* Umbilical.

A faixa era armada atrás, de tal maneira que uma das pontas ficava menor e caída sobre a outra ponta, representando: a maior, o EXU; a menor, a Pomba-Gira (Shu e San). Estar voltada para trás, para as costas, significa que os donos do

Chakran Básico estão sob o nosso domínio, que eles não mais nos dominam. Ai daquele que mudasse a posição dessa faixa!!!

Acima do coração – de alguns –, o Venerável Mestre AKRON determinava que fosse bordado um símbolo, como: o cartucho com o nome egípcio de cada um, escrito em hieróglifos; a figura simbólica da Terra – um círculo com a cruz voltada para cima; ou, ainda, o símbolo de Vênus, o duplo da Lua – um círculo com a cruz voltada para baixo.

Assim, ficava determinado, na nossa túnica, o 4º *Chakran* – o Cardíaco. A gola alta, cobrindo o pescoço na altura da garganta, significava a indicação do 5º *Chakran* – o Laríngeo. Na parte de trás da gola, na altura do cerebelo, estava o Ponto do 6º *Chakran* – o Frontal. O 7º Ponto ou *Chakran* estava na representação dos símbolos colocados sobre o coração. Somente o Iniciado tem esta compreensão. Como o nosso Grande e Amado Mestre AKRON dizia: “Tudo que existe na atualidade tem o seu verdadeiro sentido na origem das origens, de um passado sem tempo.”

Fechando os parênteses, continuemos com RAMIS falando sobre o Egito de 5.000 ciclos de *Rá*.

“Lá, o 5º Ponto ou *Chakran* era representado no Faraó pelo falso pênis, dependurado na altura da garganta. Já no Santo Hierofante, o 5º Ponto seria a barba falsa sobre a sua garganta, com 7 divisões, que são os 7 Pontos do Hierofante. As Mitras, as Coifas e a pedra preciosa sobre a testa resguardavam o 6º e o 7º Ponto. Sobre outros simbolismos referentes aos Pontos, houve sempre o silêncio, a fim de que a Sabedoria fosse resguardada.”

Sobre o Boi ÁPIS, está descrito no primeiro livro: *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I.

“No planeta Terra, o boi vai representar, para os terráqueos, o mesmo que o carneiro representou para os de NUT.

“No Egito Antigo, já se tinha iniciado esse cerimonial. Outros povos também executam cerimônias com bois que, às vezes, são vermelhos. No Brasil, temos o folclore do bumba-meu-boi, que tem sua representação oculta dentro do que estou explicando.

“Os remanescentes de NUT, ainda hoje, utilizam o carneiro como seu símbolo, mas chegará a ocasião em que ele será substituído pelo boi.

“Haveremos sempre de reverenciar as nossas origens nos Reinos Inferiores:

- Mineral – como o cristal;
- Animal – como o carneiro e o boi;
- Vegetal – como a uva, através do simbolismo do vinho.

São apenas alguns exemplos que dou aqui.

“Para encerrar, esclareço que as Forças do Templo de 4 colunas de NUT, do qual já falamos na História da Família Espiritual, foram trazidas pela Egrégora ali formada, para um outro Templo erguido na Atlântida. Esse Templo tinha 5 colunas, de acordo com o 5º Plano de Evolução que se processa no planeta Terra. Essas Forças foram trazidas para o Templo-Nave,

debaixo da Esfinge, no Egito. Portanto, o coração avatárico está na Esfinge Sagrada. Será preservado e defendido por guardiões que podem transferi-lo, a qualquer tempo, para onde for designado.

“Digo, ainda: o coração humano é a Sede da Alma Humana, e o seu sangue é a representação da materialização dessa Alma.”



O Boi Ápis, do internacional Artista Plástico HUMBERTO ESPÍNDOLA, foi oferecido aos Autores de *Os Papiros Sagrados de Hermes*, para homenagear e testemunhar a grandiosidade desta OBRA, onde a Verdade da Sabedoria dos Veneráveis MENHENÉS do Egito, que se perdera através dos tempos, é mostrada de uma forma objetiva e sem véus.

Nesse Boi Ápis de Espíndola está, para quem souber ver, a Sacerdotisa oculta oficiando, com o seu companheiro, as homenagens oferecidas às nossas origens no Reino Animal. O sinal no quadro é um traço do lado esquerdo – a coifa da Sacerdotisa, que está de pé ao lado do Sacerdote ajoelhado.

Nossa admiração por esse Artista-Sacerdote brasileiro que, com certeza, nos acompanha desde os tempos de 5.000 anos atrás, quando foi um Sacerdote de AMON. Agradecemos por este reencontro.

HUMBERTO ESPÍNDOLA
Rua da Paz, 342
Jardim dos Estados
CEP: 79020-250
Campo Grande - MS
ou humbertoespindol@uol.com.br

O POVO EGÍPCIO

“**C**hamamos aqui de povo egípcio aqueles que eram essencialmente Terráqueos (Almas ou Personalidades Soltas). Por isso, eram totalmente dependentes dos que vieram de NUT – através da Atlântida – e que constituíam a Classe Sacerdotal, na sua maioria ainda sem contaminação humana.

“Esse povo, pouco numeroso, vivia suas vidas em função do plantio, colheita, criações. Adoravam caçar. Caçavam aves, que eram raras e serviam de comida. Também caçavam leões no deserto – saíam em grandes grupos, carregando somente nacos de carne e cordas trançadas de fibras. Ao perceberem o leão, jogavam, detrás de uma duna de areia, a corda com um naco de carne preso à sua ponta. O leão faminto abocanhava a carne com a corda junto. Entalava-se e procurava devolver a refeição. Era então que os caçadores, com a própria corda, amarravam-no, começando pela boca, depois as pernas. O leão ficava literalmente sem movimento.

“O leão caçado teria que estar vivo para os Templos. Cada Templo precisava de três a cinco leões, para serem adestrados e hipnotizados; à noite, esses animais tornavam-se guardiões ferozes, soltos nas suas imensas áreas. Disso, os caçadores se incumbiam. Além do leão destinado ao Templo, os caçadores costumavam matá-los para outras finalidades, como: curtir e utilizar o seu couro, fazer máscaras com a sua juba, transformar suas vísceras em fios de costura para as suas mínimas e reduzidas roupas. Do couro, faziam calçados, tipo sandálias. Para manter a saúde, não andavam descalços. Às vezes, o leão morto servia também como alimento para os próprios leões vivos nos Templos.

“Depositavam nos Templos o que de melhor produziam. Viviam do comércio feito por trocas. Trocavam o que restava das oferendas. Confiavam que nunca lhes faltaria coisa alguma.

“O Sacerdócio cuidava deles, como criancinhas que eram. Ensinavam-lhes de tudo, desde a higiene até as suas obrigações de Seres que teriam, um dia, a ligação divina. Para isso usavam, dentro da compreensão deles, os símbolos representados pelos animais. De outra forma, não compreenderiam. Assim era feito, também, para a preservação dos animais.

“O povo egípcio era alegre, feliz e despreocupado. Por causa dos cuidados com alimentação, higiene e outros, eram pessoas bonitas e saudáveis. Não houve povo tão exigente em higiene como os egípcios antigos. Reproduziam-se entre si, de acordo com o número possível e determinado pelo pouco espaço em que viviam; espaço reduzido e de grandes obstáculos. Eram queimados de sol e cheiravam a terra. Por força das enchentes do rio Nilo, onde a terra era produtiva, ali se instalavam famílias, animais, gado e outras espécies.

“Para essa gente, não havia — nunca — a competição. Divertiam-se, simplesmente, por distração e não por competição. Desfilavam suas canoas pelo rio abaixo ou acima, com dois, quatro e até dez remadores. Apenas exibiam o que de melhor havia, em canoas e remadores. Pescavam em dias de festa. Aquele que mais peixes fisesse, ensinava aos outros as suas novas técnicas.

“As vacas eram cuidadas pelo povo com muito carinho. Seu leite servia a eles e ao Templo. Não se bebia o leite puro. Ele servia para os alimentos: mingaus, molhos, bolos e outros. O boi não era nem tocado pelo povo, pois o rebanho, sempre muito reduzido, tinha que ser controlado pelos Sacerdotes. No dia em que se sacrificava, num ritual antiquíssimo, o Boi Ápis, aí, sim, havia carne para todos, pois se matava, além do Boi Ápis, quantos bois fossem necessários. Era um dia de grandes

banquetes para um povo que se alimentava, quase somente, de peixes.

“Cada família plantava, entre o trigo e a cana, verduras e legumes para seu sustento. Quem não plantasse, ficava sem esse tipo de alimento. Poucas eram as variedades, e as mudas ou sementes vinham de fora. Para os dos Templos, os alimentos que não existissem no Egito eram importados.

“Entre o povo egípcio não existia a Arte. Se alguém tivesse algum dom sobre qualquer cultura, era levado para o Templo. Entretanto, tinham suas canções populares, como já dissemos. O povo egípcio nunca media força física entre si. O respeito mútuo era sagrado. Já, na elite, jogava-se num tabuleiro (tipo xadrez). O vencedor não ganhava nada por isso. A natação era obrigatória para o povo, como defesa no Nilo; para a elite, como esporte.”

“O sexo no planeta Terra começou, ainda na Atlântida, com a imitação do sexo animal. Praticavam-no, os Terráqueos, em qualquer lugar ou situação. Bastava terem o desejo. Esse desejo é a herança do 3º Reino – o Animal.

“Quando os de NUT vieram junto com o povo da Atlântida, trouxeram o conhecimento das verdadeiras finalidades sexuais e passaram a ensinar e a controlar os desvios do povo; dóceis, eles obedeceram sem muita compreensão. Aprenderam apenas que eram diferentes dos animais e, portanto, superiores a eles.

“Nesses primórdios, o Ser Humano identificava-se apenas com a Natureza. Por isso, vivia feliz com o que conhecia: os segredos da Natureza. Sem muita inteligência, mas com muito instinto, o Ser ignorante contentava-se apenas com o que sentia, até onde sua visão alcançava. Sem responsabilidade, esses seres punham-se a viver imitando os animais, desde o mais grosseiro. Sentiam a Força Sexual nascendo nos falos. Gostavam. Era-lhes um bem necessário; tão somente isso!

“Nesse mesmo período – até a 2ª Dinastia –, os da Atlântida cultuavam a Energia Sexual na Força do Falo do Puro, em HARMAKIS-KHEPEPERA – o Templo na Esfinge. Eram eles os MENHENÉS.

O SEXO EM NUT

“Os que partiram de NUT – e até a época atual ainda aqui permanecem –, ocupam a posição de atrasados dentro de uma triplicidade: adiantados, médios e atrasados.

“Atrasados no significado da relatividade: atrasados em relação aos médios; e os médios, em relação aos adiantados.

Posso afirmar que sempre seremos os atrasados na escala a que pertencemos; mas não, por isso, inferiores. Alcançaremos uma profunda elevação espiritual na nossa designação de atrasados.

“Em NUT não existia ainda a diferenciação do masculino e feminino – eram andróginos. Com a inteligência despertada ao máximo, o sexo, para os de NUT, significava uma Missão importante. A Força era controlada, dirigida para a base do cerebelo, a fim de se abrir o Olho Espiritual. O Sexo praticado em cada um por si mesmo elevava a Energia de cada qual e fortalecia as faculdades metapsíquicas. O Sexo em NUT seria realizado num ritual, para que fosse avivado o Fogo Energético do Senhor, Fogo esse contido dentro de cada um.

O SEXO NA ATUALIDADE

Aqui, RAMIS diz-nos que já falou o necessário e que o Venerabilíssimo Sacerdote e Hierofante AKRON tomará a palavra. A palavra será do querido Mestre, já que o tempo é chegado:

“Escutai: a Mente Humana entra agora no seu período áureo. Entra no Círculo de *Aquarius* e, por isso, vai desenvolver-se ao máximo. As descobertas feitas neste período – começado já há tempos – serão assombrosas. Isso será feito conscientemente. O Ser Humano, consciente e materialmente, mergulhará nas profundezas do Fogo Interno em busca do Saber. Partirá para o Incognoscível. Permitirá AMON (Deus)? Não permitirá AMON? Isto a AMON pertence. As destruições de civilizações são cíclicas e cronométricas. Temos uma série de dilúvios caracterizando essas destruições. A Atlântida e a Lemúria submergiram. Não fugiram à regra, foram destruídas pela água. Não foi produto de alguma Força, que tenha se mostrado incontrolável.

“Posseidones. O que foi Posseidones? O que é Posseidones? Para o Ocultista, Posseidones foi um mito. É um mito ainda agora. É o “decifra-me, senão, devoro-te”. Posseidones é um mistério. É

a Pedra Filosofal. É tudo o que quiserdes... significa o próprio Ser Humano. Poseidones são Seres como os 21 do Conselho Secreto no Egito, recolhidos no Templo de AMON (Deus).

“Quando esse Ser Humano sair do Templo; entregar-se às lides diárias, aos vossos pensares profanos de Homens e de animais, e as vossas paixões despertarem fora do Templo Sagrado, sereis e sois a população de Poseidones. Significa que Poseidones nunca submergiu; nunca deixou de existir. Está começando a ressurgir agora e, por isso, novo cataclismo abalará a face da Terra. Poseidones existirá enquanto os Seres Humanos tiverem morada neste Planeta e, assim, tardará a desaparecer.

“Porque Poseidones perdurará no coração do Ser Humano, dos Seres Cultos de Saber, como o símbolo dos sentimentos baixos que fazem morada perpétua no quaternário do Ser Superior. É a Besta-Fera – o animal que existe em cada um de vós; é a Força Positiva transformando-se em Negatividade; é o próprio Sexo em si. É o Sexo de vossas paixões fora do Templo – paixões desabridas, desenfreadas; copulando nas vias das ruas; degradando-se nas mais baixas e torpes atitudes. Degradando o homem pelo homem, a mulher com o animal, o homem com a cadela. Caminham, assim, os Seres lá de fora; aqueles que não conseguem reter o calor da víbora que existe dentro do Sexo. Aí está Basth (o Mal) incidindo normalmente sobre as Forças Inferiores, sob o impacto das Forças Superiores. É a Força Positiva transformando-se em Negatividade.

“Enquanto existir um Ser Humano – que AKRON costuma chamar de Argep, outros chamam de Arrupa (sem forma) –, Poseidones estará presente na Mente e na Esfera Divina. Hoje, não se extrai Força do interior da Terra, como costumam pensar. A Força é extraída da Mente Humana. A Mente Humana, como os profanos de Poseidones, mergulhará na lama, no charco, fazendo do seu Corpo um receptáculo imundo à procura de gozo sexual interesseiro.

“Somos todos descendentes daqueles de Poseidones. Trazemos dentro de nós a marca férrea da Antiga Atlântida. AKRON fala, principalmente, em relação aos egípcios e aos de vosso País. Portanto, tomais tento: os de Lemúria tiveram os seus intelectos paralisados e foram entregues à sua própria sorte. Poseidones para eles ainda está paralisada. Até o presente momento, a concepção de negro é negro. De escravos dos seus próprios prazeres, foram transformados em escravos dos seus irmãos (dos Atlantes até nós). E o serão, enquanto o Ser Humano não tiver a consciência de considerá-los como gente e como irmãos de sangue.

“E muitos Sacerdotes, dedicados aos Cultos Divinos, os chamados Puros (Pureza) da época do Egito e de agora, faziam e fazem, das mulheres núbias (negras), verdadeiros cancos de suas deformações psíquicas. Os descendentes dos Atlantes – em diversos lugares, inclusive no Egito e no Brasil – continuaram alimentando Poseidones. Continuam considerando os núbios como semianimais, reservando-os aos mais baixos afazeres, sem direito a nunca reclamarem. Continuam alimentando Poseidones nas suas Mentes e nos seus Sexos.

“Colocai vossas Mentes a serviço do Bem, para o Bem engrandecer-vos. AKRON tornou a falar-vos sobre o Sexo, porque a hora é chegada para tomardes conhecimento de tudo. Jet HARMAKIS-KHEPEPERA!”

Para terminar o assunto, ouçamos ainda a palavra de RAMIS, que nos explica:

“Os Seres Humanos chamados de Argep ou Arrupa são os que pertencem à 8ª Esfera” (ler no livro: *Os Papiros Sagrados de Hermes*).

○ PODER JUDICIÁRIO

O Poder Judiciário era constituído por três Alas de Sacerdotes e Sacerdotisas Maiores – sempre do 5º e do 3º Graus, respectivamente. Acima de todos eles estava o Conselho Secreto dos Vinte e Um.

○ CONSELHO SECRETO DOS VINTE E UM

Seus componentes eram Sacerdotes Maiores e também Pitonisas, de Grandes Conhecimentos Divinos e Materiais.

Assim, RAMIS continuou dizendo:

“Os membros desse Conselho tinham sua educação e formação principiadas desde a mais tenra idade, para a iniciação como Hierofantes. Dentre eles, um seria acolhido, pelo Faraó, para a função máxima de Sumo Pontífice da Religião de AMON. A duplicidade deste era a Sacerdotisa-Chefe, escolhida por Ele – o Sumo Hierofante.

“A Grande e mais Secreta função desses Conselheiros (Juizes) era a preparação da criança do sexo masculino, que daria continuidade à linhagem deles – os Sumos Pontífices Hierofantes. Tomavam, sob sua guarda e proteção, o curumim (criança) desde o primeiro vagido. Seu Templo tinha a sede na cidade de OM, hoje Heliópolis. Era chamado o Templo dos 7 Portais do Sol. Esses curumins descendiam da linhagem dos Divinos ou Extraterrestres, que eram reconhecidos por esses Sacerdotes Maiores.

“Deles, poderemos apenas dizer que em suas funções relativas aos Cultos de AMON (DEUS), efetuavam-nas ao lado das Vestais. Em ambas as Alas – a do Conselho e as das Vestais –

obrigatoriamente se conservavam celibatários e virgens todos os seus componentes. O Conselho Secreto dos Vinte e Um era um só para todo o Reino. Apenas um Conselheiro deles – presente nos diversos Templos – bastava para qualquer julgamento ou decisão.

“As Vestais, assim denominadas, constituíam grupos de vinte e uma virgens para cada uma das Alas destinadas a elas. Havia uma Ala de Vestais para cada Templo, no período a que me refiro. Em cada um dos grupos de vinte e uma estava, também presente, mais uma designada como a Primeira-Vestal. Todas tinham, em média, a idade não superior a 14 ou 15 anos (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

“Havia tantas Alas de Vestais quantos fossem os Templos existentes.”

Abrindo parênteses, sabemos que, há 5.000 anos, existiam os seguintes Templos principais:

- **Templo de AMON** – em Menhenúfis, hoje Mênfis;
- **Templo de Karnak** – em Tebas, hoje Luxor, dedicado à Divina ÍSIS e pertencente às Sacerdotisas;
- **Templo dos Sete Portais do Sol** – em Heliópolis, hoje Cairo, dedicado a AMON-RÁ;
- **Templo da Divina HACTOR** – dedicado a AMON-RÊ, em Denderah ou Dendéra, hoje Gena ou Kena. Os subterrâneos de Denderah eram dedicados ao Senhor PTAH – o Rei do Mundo;
- **Templo da Esfinge** – dedicado ao Ser Increado, o Deus do Kosmos;
- **Templo da Primeira Pirâmide (KOFU ou QUÉOPS)** – dedicado ao Senhor KNUM, o Deus da Magia;
- **Templo da Segunda Pirâmide (KÉFREN)** – dedicado ao Deus do Universo.

Cada Templo tinha os seus subterrâneos dedicados aos seus deuses e finalidades específicas. Dentro das cidades dos Templos, existiam tantas Capelas quantas quisessem construir em homenagem aos deuses menores, da devoção de quem as construísse.

Fechando parênteses, continuemos com a fala de RAMIS, descrevendo os Três Conselhos do Poder Judiciário.

“O Conselho Secreto dos Vinte e Um era um Conselho misterioso, com seus componentes descendentes da Atlântida, portanto, Extraterrestres. Sob seus cuidados estava a mais Santa e Misteriosa Arca, toda em ouro e cobre, que guardava todo o Conhecimento da Magia; das gravações das Leis e Sabedoria Sagrada, em papiros em madeira ou em pedra; dos Direitos Sagrados e Humanos; e outros (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

“Este Conselho – o maior deles em importância – julgava os componentes dos outros dois: o Conselho Temporal dos Cento e Onze e o Conselho Religioso dos Duzentos e Vinte e Dois. Os Membros do Conselho Secreto somente podiam ser julgados pelo Faraó, juntamente com o seu Hierofante.”

O CONSELHO RELIGIOSO

“Era constituído de cento e onze Sacerdotes – Grandes na Sabedoria dos Cultos – e de cento e onze Sacerdotisas, igualmente Iniciadas. Era conhecido como o Conselho dos Duzentos e Vinte e Dois.

“Há 5.000 anos, a sua maioria era constituída também de Extraterrestres. Julgavam, além daqueles que pertenciam ao Conselho Temporal, todos que se relacionavam com os Cultos Religiosos – mas somente sobre os assuntos desses Cultos.”

O CONSELHO TEMPORAL

“O Conselho Temporal era composto por Sacerdotes e Sacerdotisas em número de cento e onze. Nessa composição, não tinham um número determinado de homens ou de mulheres.

“Já, os Juízes ou Conselheiros do Tribunal ou Conselho dos Cento e Onze julgavam tudo o que se relacionava com os leigos – desde os maiores crimes aos pequenos delitos. Era o Tribunal que, no Reinado de AKRON, mais atividades tinha e que mais arbitrariedades cometia. Seus membros – Sacerdotes e Sacerdotisas – julgavam figuras menores e podiam, num discurso rápido, decidir as suas sentenças. Ocupavam-se das tarefas de ajuizamento também de fora dos muros do Templo, fazendo justiça sem contemplações, mas sempre visando, nessas ocasiões, a interesses próprios.

“Não usavam algemas e os guardadores dos criminosos eram guardas comuns dos Templos. Não existiam prisões. Após cada julgamento, executavam de imediato as suas sentenças. Contra este Conselho fervilhava, em centenas e centenas de egípcios, ódio em seus peitos. A população, quase sempre, era espezinhada e injustiçada por estes Juízes. Nas sessões de julgamento, agiam em caráter rotativo, sob a Presidência de algum deles, escolhido aleatoriamente.

“Havia sessões que duravam apenas dez minutos. Durante elas, decidiam-se, provada a culpabilidade do réu, atrocidades, quase sempre em desuso e proibidas pelo Faraó AKRON. A Sede destes dois Conselhos – o Religioso e o Temporal – ficava em Mênfis, junto ao Faraó e ao Sumo Pontífice Hierofante. Os devedores de qualquer lugar ou distância é que vinham até ali para os seus julgamentos. Gostavam muito de sentenciar o emparedamento da pessoa viva.

“As suas consciências não os perturbavam, pois agiam em nome da lei ou de algum deus. Ficavam ainda mais tranquilos com o desaparecimento dos seus réus. Olhavam para a vítima,

que estava com os seus dias contados, sorrindo e tranquilos. Egocêntricos, acreditavam nos seus Poderes sobre a vida ou morte dos culpados e, mesmo, de todas as pessoas.

“Os egípcios não amavam mesmo a vida; não tinham medo da morte. Acreditavam na continuidade de suas vidas além do túmulo e, para essa outra vida, é que se preparavam, sendo ignorantes ou estúpidos. Seria mesmo necessária toda aquela violência, executando torturas até à morte, num verdadeiro morticínio? Muitas vezes, parecendo misericordiosos, omitiam-se por não terem certeza da culpa dos seus réus. Entretanto, não arriscavam os seus pescoços por ninguém. O julgamento de hoje poderia ser o deles amanhã. O réu defendia-se com seus próprios argumentos, a não ser que algum dos Conselheiros viesse em sua defesa. Os julgamentos e as sentenças não caíam no conhecimento público — ficavam entre as paredes da Ala dos Juízes do Conselho Temporal. Não permitiam assistência de estranhos nessas ocasiões. Algumas das torturas usadas, há 5.000 anos, eram: fazer desenhos nas costas e nos peitos dos prisioneiros com ferro em brasa, desenhar hieróglifos nas nádegas das vítimas ou desenhar cenas pornográficas nos ventres das mulheres. Arrancavam as unhas dos ladrões.

“Havia também — e eram muito comuns — a castração e a língua cortada, consideradas sentenças oficiais e amparadas nas leis. Um julgamento teria a duração, no máximo, de um dia e de uma noite. As execuções não seriam nunca presenciadas por testemunhas, a não ser eles próprios. Seria uma execução sem graça alguma e mesmo sem público ou pantomima. Às vezes, muito raramente, atendiam ao último pedido do réu. Já, no Tribunal Religioso, o último pedido era sagrado e cumprido.

“A justiça contra criminosos não era espetáculo público, e, sim, praticada em surdina, quase sempre, nas horas da noite. Isso porque, para o povo egípcio, a morte de alguém era uma vitória sobre a matéria.

“O Tribunal Temporal dos Cento e Onze era macabro e cruel. Ai de quem caísse em suas mãos!

“O Egito é um país livre e soberano. Essa era a ideia desses Juízes.

“O Faraó e seu Hierofante estavam acima de qualquer julgamento. Eram os Divinos e, por isso, infalíveis. Até os meados da 3ª Dinastia, esta máxima seria verdadeira. Contra eles poderia haver condenações somente por uma traição, numa revolta. A revolta era considerada a mais grave e infame falta dos Seres que não pertenciam a este Planeta, Seres verdadeiramente divinos, descendentes dos MENHENÉS (Manus) da Antiga Atlântida.”

OS EXÉRCITOS

“Os julgamentos de guardas ou soldados dos Exércitos eram resolvidos entre eles mesmos, por meio do Chefe dos Exércitos – Subahajah, na ocasião do Venerável AKRON, há 5.000 anos.

“Esse Chefe era muito poderoso e autônomo. Se a necessidade fosse grande, Subahajah consultaria o Faraó AKRON e a Ele, somente a Ele, prestava contas. A disciplina nessas Alas era de uma rigidez sem limites. Portanto, não havia a necessidade de preocupar-se com os guardas. Por indisciplina, o fio de espada esperava por eles. Para eles, toda a consideração, e neles, toda a confiança.

“Abraçariam uma causa, somente por meio do seu Chefe – Subahajah. Isso aconteceu na traição de alguns Dignitários contra o Digno Faraó AKRON (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

As leis, nos tempos do Ilustre Faraó e grande Hierofante AKRON, eram feitas por Ele próprio, sob a proteção e inspiração do seu tio – o desaparecido MENHENÉS. O Sacerdote Egípcio daquele tempo não deixaria nunca de se comunicar com os

seus antepassados, materializando-os através do ectoplasma. Se desejasse, o Faraó discutia sobre qualquer modificação dos costumes com o Conselho Secreto dos Vinte e Um; mas isso acontecia muito raramente. A vontade de AKRON era soberana e Ele nunca cometeu erro algum em suas decisões ou determinações.

“AKRON era um Ser Divino, que iniciava as experiências humanas.”

ARTESÃOS - ARTISTAS - ESCRIBAS

Assim, RAMIS nos fala do passado que imaginávamos perdido no tempo:

“A Ala dos Artesãos era uma parte muito importante da Ala dos Artistas. Em todos os Templos, existiram as Alas deles. Entretanto, a maior e a mais importante ficava em Mênfis, no Templo de AMON. Dali, os trabalhos eram encaminhados a outros locais.

“Dividiam-se em conjuntos chamados de Alas. As Alas se misturavam no mesmo conjunto enorme de pedra. Como exemplo, a Ala dos Gravadores que, por sua vez, dividia-se em: Gravadores na Madeira e Gravadores na Pedra.

“Havia, ainda, os preparadores das tintas para os pintores. As tintas eram preparadas com resinas de plantas, vindas na sua maioria de fora; por isso, de valor muito especial. Produziam resinas como se fossem goma ou substância gelatinosa. Para essas resinas, era usado o amido de trigo, que fixava e protegia as cores das tintas. Os Preparadores das tintas passavam a vida realizando experiências, pesquisando e aperfeiçoando sempre as cores e suas combinações. Usavam também ervas do fundo do rio Nilo.

“A Ala dos Pintores era especialíssima. Das suas mãos nasciam, além da pintura propriamente dita, as novidades de apetrechos para a execução dos trabalhos. Cada Pintor seria, com certeza, um inventor.

“Isso acontecia também com os Gravadores. Alguns deles só se dedicavam a aperfeiçoar os instrumentos para melhor

ferirem a madeira ou a pedra. Usavam, para marcar os riscos dos desenhos a serem feitos, ossos de peixes grandes. Esses ossos marcavam como um molde, com sua resina gomosa, todo o trabalho para o gravador.

“Para gravar na pedra, quase sempre era usado o cristal; e a gravação na madeira era feita, principalmente, com metais. Entre os metais, o ouro era de grande valia e maleabilidade. Tinham ainda o vidro, que sabiam perfeitamente produzir, a partir do cristal de quartzo.

“O ouro e as pedras preciosas eram procedentes da Núbia – hoje, a África. Vinham dos territórios que pertenciam ao Egito, por geografia ou por conquista. Da Núbia, traziam o ferro, o carvão de pedra e muitos elementos que não foram usados em grande escala nesse período (até a 3ª Dinastia). O ferro servia para o polimento do vidro e das pedras, preciosas ou não. As experiências feitas nas Alas dos Artesãos eram, sobretudo, com o ouro em pó e a prata também em pó.

“Dos Artesãos inventores, o Egito obteve o fio de ouro e o fio de prata, para enfeites de tecidos para as roupas e também para as substituições de ossos na Medicina, além de outras finalidades.

“Em cada Ala deles – a menor que fosse – havia um Mestre Escriba. Podiam existir Alas só de mulheres ou Alas mistas – de homens e mulheres trabalhando em conjunto.

“Esculpiam em pedras ou em alabastro – um tipo de pedra, que seria polida ou não. Logicamente, mas em menor escala, esculpiam em madeira, ouro e outros metais. O Mestre Escriba era o único que obrigatoriamente seria um Sacerdote de AMON ou de ÍSIS, alfabetizado.

“O Artesão nunca poderia ser alfabetizado, para não compreender nada do significado dos hieróglifos. Apesar de tudo, o Artesão criava as Esculturas. A Ala dos Escultores era numerosa e muito importante.

“O Artesão copiava a escrita ou qualquer figura para desenho ou escultura, depois de executado por um Sacerdote Escriba em papiros. Portanto, o Escriba forçosamente e logicamente seria um grande Artista.

“Acima dos Mestres Escribas das Alas dos Artesãos, existia o Chefe-Maior deles. Nada saíria dali sem que o Chefe-Maior desse a sua aprovação. Era ele quem distribuía o trabalho para cada Ala, por meio dos seus Mestres Escribas. Chamavam-se Mestres, pois, com eles, o Artesão aprendia – como numa escola – todos os segredos dos seus ofícios.

“As Alas dos Artesãos eram verdadeiras Escolas, procuradas até por estrangeiros. O estrangeiro era muito bem sabatinado, já que tinha que ser analfabeto.

“O Artesão não pertenceria, jamais, à Casta Sacerdotal. Eles saíam geralmente do meio do povo, que ficava além dos muros dos Templos.”

Voltando a falar sobre os Mestres Escribas, explicou RAMIS que acima desse Chefe-Maior da Ala dos Artesãos havia um outro de maior importância ainda. Era um Escriba Sacerdote de Alto Grau que exercia sua profissão somente junto ao Faraó ou junto ao Sumo Hierofante. Por isso, não residia na imensa área pertencente aos Artesãos. Tinha seus próprios aposentos dentro do Templo, na Ala dos Escribas, que ficava também dentro do Templo.

“Os Escribas, em geral, assessoravam os escritos dos componentes de Maior ou de Menor Grau da Ala Sacerdotal.

“Eram de confiança, pois, vez por outra, um Sacerdote ou Sacerdotisa não tinha condições de escrever o que queria gravar.

“Os Escribas gravavam nos papiros e conferiam os trabalhos. Após, o Escriba Sacerdote Chefe-Maior deles enviava o trabalho para a Ala dos Artesãos, por intermédio do Chefe Escriba, abaixo em hierarquia. Daí em diante, o trabalho escrito, gravado e

pintado ficava por conta do Chefe Escriba dos Artesãos. Os Escribas, de conformidade com a importância do trabalho, acompanhavam, ou não, a sua execução. Os Escribas mereciam toda a confiança, respeito e deferência.

MÚSICA - TEATRO - DANÇAS

“Há 5.000 anos, a música, as representações teatrais e as danças pertenciam às Fileiras dos de dentro dos Templos. Dizendo melhor, aos Sacerdotes, Sacerdotisas, Vestais, Pitonisas e outros. A Arte, em geral, era Sagrada!

“As Artes eram dedicadas aos Deuses. A música era considerada o linguajar dos Deuses. Tinham, ainda, o teatro e a dança.

“A música, o teatro e a dança eram o que havia de muito precioso nesse tempo. Os tipos de instrumentos musicais eram escassos. Tiravam os sons apenas por percussão e sopro. A flauta era o principal instrumento, feita de muitos formatos e de diversos tipos, confeccionada de metais e vegetais.

“O gongo era usado em todos os cantos e recantos dos Templos, feito de bronze, nas medidas corretas para reproduzir os sons mágicos relacionados com as Cerimônias e Rituais. Entretanto, em todas as Alas ou mesmo nas dependências particulares, encontrava-se o gongo de tamanhos diversos, para enfeitar e também para marcar o compasso da música. Tocava-se o gongo empunhando uma baqueta. No Egito do meu tempo, não se usava nada animal nos instrumentos musicais” – continuou RAMIS.

“Para essa Arte havia, também, os Mestres: mulheres ou homens.

“Os Artistas executavam-na geralmente nas cerimônias ritualísticas e secretas. As danças ritualísticas eram harmoniosas e encantadoras.

“Existiam também as cerimônias públicas, que a todos encantavam. Geralmente, em suas representações, usavam máscaras ou se pintavam.

“Para o povo, não existiam escolas culturais; pelo atraso natural da época, as pessoas nem pensavam nisso. Divertiam-se apenas com canções populares, como as dos remadores, a do plantio, a da colheita e outras – canções e danças muito simples, sem arte alguma.

“Os Sacerdotes Escribas tinham grande importância no campo das Artes. Uma delas era a incumbência de procurar e trazer para o Egito todo e qualquer Artista de que se tivesse notícia. Naquela época, os melhores artistas estavam no Egito e foram regiamente recompensados.

“Além de tantas atribuições, o Escriba ensinava ainda a Arte da compreensão dos hieróglifos aos que fossem substituí-lo, após a sua partida para ANÚBIS – a sua morte. Para isso, sempre era escolhido um filho e, muitas vezes, uma filha para herdar a Arte dos pais.

“Dentre os Escribas, destacou-se, nesse tempo, o nome de Amenhotep – como já foi dito na história da Família Espiritual.

OS ARTESÃOS DOS METAIS

“Os Artistas-Artesãos de maior importância, naquela época de 5.000 anos atrás, estavam nas fileiras do Conselho Secreto dos Vinte e Um – homens e mulheres. As mulheres eram as Pitonisas. Todos eram chamados de Artesãos dos Metais.

“Através dos mitos e lendas sobre o passado desses Seres, existe uma Verdade, sempre revelada aos pedaços. A Verdade por inteiro fluirá para cada um, no seu devido tempo. Fala-se apenas sobre um MENHENÉS – o último da 1ª Dinastia –, entretanto, foram muitos os que, desde a Atlântida, vinham, juntamente com o seu povo, acompanhando e guiando os passos dos Terráqueos na sua enorme jornada, desde a animalização deles.

“A 1ª Dinastia do Egito pertence aos MENHENÉS, nome genérico. Eram eles, Extraterrestres. Antes, bem antes da submersão total da Atlântida, esse povo enviou uma Nave Espacial – a principal da sua frota –, com alguns deles, para a parte do planeta Terra onde fica o Egito.”

A ARCA SAGRADA

“Ali, no Egito, foi construída a Esfinge – misteriosa nos seus símbolos –, mas ali, também, nas areias do deserto, por debaixo desse monumento sagrado, ficou enterrada a referida Nave Espacial. Continha, dentro dela, todo o Registro da Verdade Universal – Verdade essa que salvará a Humanidade e a livrará da sua tenebrosa escravidão. A Nave, por si só, era considerada a Arca Sagrada. No entanto, foram retirados de dentro da Nave Espacial os ensinamentos apropriados para

aquela época. Até os dias atuais, esses ensinamentos fluem nas Mentes dos descendentes dos Atlantes, conforme a necessidade de cada Era.

“Entretanto, hoje, a Mente Humanizada é a verdadeira Arca Sagrada, assim como o Coração humanizado e purificado é o Cálice, onde é certa a presença do Senhor.

“Os registros referentes aos mistérios da Sabedoria dos Sábios Artesãos, no tempo do Grande Faraó AKRON, foram depositados num recipiente feito de Metal Sagrado, pelos componentes do Conselho Secreto dos Vinte e Um – chamado, também, de Arca Sagrada. Essa Arca, assentada num círculo, tinha o formato de um retângulo, contendo dois quadrados e três triângulos em cada um dos quadrados. Na figura dessa Arca e nas suas medidas, estava representada a Verdade das três Rondas passadas e das três Rondas presentes; e, no centro, as três Rondas futuras (ler no livro: *Os Papiros Sagrados de Hermes*).

“Os Atlantes, referindo-se aos que vieram das Estrelas, ou àqueles que foram feitos do pó estelar, ou, ainda, aos Senhores do Sol, como são chamados até os nossos dias, foram verdadeiramente os Deuses da Ciência e da Medicina. Foram, acima de tudo, Alquimistas.

“Para realizarem as suas alquimias, esses migrantes trouxeram, de cada planeta do nosso Sistema Solar a que pertenciam, metais e pedras que foram metamorfoseados aqui no planeta Terra, por eles mesmos, como verdadeiros alquimistas. Repetindo:

- Do planeta Mercúrio, veio o ferro;
- Do Planeta Marte, vieram os vegetais – que continham a Força chamada VRIL.
- Do Planeta Nut, veio o cristal.
- Do Planeta Vênus ou Verbo, como era chamado, veio a prata.

VRIL

O meu dileto RAMIS falou sobre o significado da palavra VRIL, explicando:

- “**V** significa – a Verdade;
- R** significa – relativa ou relacionada;
- I** significa – a influência de;
- L** significa – a luz.”

“Portanto, VRIL é: a Verdade relacionada com a influência da Luz.

“Digo mais – continuou RAMIS –, luz, assim colocada, é a influência da luz de RÁ (o Sol), cuja potência da sua concentração atinge todo o Universo; potência maior do que a Força Atômica conhecida.

“A Força do VRIL veio de Marte e foi extraída e recolhida da uva e do grão de trigo, através da fotossíntese. Essa Força foi condensada e trazida dentro de verdadeiras varas (vegetais), chamadas pelo povo da Terra de bordão, cajado ou cetro; e, no tempo do Venerável AKRON, chamadas de *Pink*, confeccionadas em madeira.

“A palavra VRIL – Verdade relativa à irradiação da Luz – foi armada em tempos bem recentes.

“VRIL cumpriu o seu objetivo para a sua época e ocultou a Verdade, já que era necessário que assim fosse.

“Outro motivo para a formação da palavra VRIL – significando a Grande Verdade do Princípio – foi porque a palavra egípcia KNUM, literalmente, não tem tradução ou interpretação no idioma brasileiro.

“Eu sou KNUM – eu tenho a Força.” Assim foi falado há 5.000 anos, por aqueles que possuíam o verdadeiro *Pink* – a representação do Ventre Materno.

“Mais recentemente, ainda nos dias do Cristianismo, KNUM representa o: “Faça-se a Luz”. E a Luz foi feita na escuridão do Ventre da Mãe – ou de NUT. A Luz, ou melhor expressando, a irradiação Dela é a Força Logoica ou o Cristo. Conhecendo-se os valores do passado, compreende-se o significado deles no presente. Repetindo... sempre repetindo.

“Na época atual, são várias as representações da Força do VRIL, tais como: o báculo da Igreja de Roma; o bastão do Preto-Velho nos terreiros de Umbanda; o círio ou vela de origem vegetal, com o seu pavio queimando, nos cultos diversos.

“A própria Vara Mágica de Moisés continha a Força do VRIL – conhecimento adquirido do Faraó daquele tempo.

(No Templo da O.F.O., o Báculo era chamado de *Bramadah*, que sustentava a Força do lado esquerdo da Ara, já que a Força do lado direito era sustentada pelo couro curtido do Carneiro. São representações que agora podemos compreender.)

“As jovens Vestais eram, até a época do Venerável AKRON, as Guardiãs da Força KNUM ou VRIL, depositada no Fogo Sagrado da Pira principal dos Templos de AMON. Esse Fogo era usado nas mais Altas Cerimônias e Rituais de Iniciações daquele tempo de 5.000 anos atrás. A Primeira-Vestal conhecia esse segredo, só compartilhado com os Maiores daquele Período.”

O PINK

Ouvimos, ainda, a explicação do querido RAMIS sobre o significado da palavra *PINK*:

“O *Pink* tem a forma de uma vara, cajado, bastão ou báculo, recurvado na parte superior e com uma ponta bipartida na parte inferior. A forma do *Pink* é o símbolo do planeta Marte. O povo daquele planeta presenteou o povo do Planeta NUT, que eram os Atlantes na Terra, com a poderosíssima concentração de Força dentro do *Pink* – o VRIL.

“A Força da Luz do Sol perdeu, por completo, com o passar do tempo, o seu potencial no *Pink*. Até mesmo a palavra *Pink* foi perdendo o seu valor, e os Terráqueos transformaram a palavra em PAN (o PAN dos gregos). PAN é o Poder antagônico a Marte, isto é, significa (em forma e som) a Força contrária ao *Pink*. PAN é uma palavra que deve ser riscada das Mentes” – aconselhou o dileto RAMIS.

“O potencial da Força do VRIL passou, então, a condensar-se no interior dos corpos dentro da coluna vertebral dos Extraterrestres e, até hoje, atua naqueles que descendem deles. É chamada de Kundalini, ectoplasma, fogo líquido e outros nomes. Essa condensação aconteceu a partir de 5.000 anos atrás.

“Na atualidade, é a Força Sexual e, nos Terráqueos, está adormecida no *Chakran* básico. Essa Força é Divina e criadora para aqueles que possuem em si o Poder do VRIL. Para se alcançar o Poder do VRIL, tão diminuído atualmente, ter-se-á que usar, com toda a convicção, a Vontade que reside na Mente Humanizada – a Arca Sagrada.”

O FERRO

“O Ferro – o mais forte e, ao mesmo tempo, o mais fraco dos metais – foi trabalhado pelos Alquimistas. Combinado ou harmonizado com a Força natural da Terra – a Força Telúrica Terrestre –, o Ferro foi enterrado no interior do próprio planeta Terra, quando este se solidificou. Dele – o Ferro – resultou todo o Poder mineral do planeta terráqueo.

“Após um tempo sem conta, da união do Ferro com a Força Telúrica, resultou algo como o Fogo – fogo esse composto de elementos terráqueos, como a Força Atômica.

“Sobre esse Fogo foi então lançado o inacreditável Poder do VRIL – tornando-o sagrado e o Elemento Primordial do planeta Terra. Desse Elemento Primordial – o Fogo – resultaram

todos os elementos metálicos e rochosos e, todos eles, contendo em si o Ferro, sob qualquer aspecto, mas sempre com o Poder do planeta Mercúrio – Pai dos Deuses.

“Em princípio, o Fogo foi a Força do interior das montanhas – o Fogo dos vulcões. Assim transformado, fundiu-se como Pedra e também como Cristal de Quartzo. Esse Fogo, no seu simbolismo terreno, tem o formato de um Cálice feito do metal Ouro. O Ouro é o resultado do poder VRIL sobre o Fogo do interior da Terra. Portanto, o Ouro é um metal totalmente terreno.

“Do planeta Mercúrio veio, por intermédio de NUT, uma Força essencialmente Divina, conhecida aqui como o Látego.

“Do planeta Vênus, por intermédio de NUT, veio a Prata, em formato do HANK, divino em todos os seus simbolismos. Ainda falarei sobre ele.”

“Do planeta Marte, como Divindade, veio também, através de NUT, a Força do VRIL.

Do planeta NUT, a Lua, especificamente veio o Cristal que, transformado, tornou-se o receptáculo do Divino Coração do Avatar de todas as Eras (citado no livro: *Os Papiros Sagrados de Hermes*).

O CRISTAL E O COBRE

“Do Cristal líquido trazido de NUT, muito mais poderoso do que o existente aqui, juntamente com a Força Telúrica e o Poder do VRIL – misturados ao Sangue do Cordeiro de AMON –, obteve-se como resultado o Cobre, o metal Divino Terráqueo. O Cobre é um metal muito mais precioso do que o Ouro, porque o Ouro é essencialmente terráqueo. Por ser o Cobre de origem divina, já que resultou de sua liga com o Cristal do planeta Lua, é chamado de Cobre Cristalino.

“O Cristal em NUT era um metal líquido que continha, além da Energia do Fogo e da Energia da Água, todos os elementos nutritivos de que aquele Povo necessitava para a

sua alimentação. Esse Cristal líquido foi transformado pelos Extraterrestres, aqui na Terra, em verdadeiras Rochas, quando trabalharam com o Ferro, vindo do planeta Mercúrio — o que já foi explicado. Onde houver uma Rocha, haverá sempre um veio d'água — o alimento do Povo da Terra.

“Este Conhecimento nunca foi e nunca será mudado através das Eras. Ele ficará escondido, fora do alcance de qualquer um, sob a guarda dos mesmos MENHENÉS e do seu Povo. Para o Ser Terráqueo, esse registro estará sempre gravado no seu íntimo e jamais será esquecido.

“Os Grandes e Misteriosos Sacerdotes do Conselho dos Vinte e Um tinham as medidas, matematicamente corretas, para a confecção de estátuas; de máscaras para os Faraós, depois de embalsamados; de barbas postiças para o Faraó e para as Fileiras do Sacerdócio. Também conheciam tudo sobre os Cones usados sobre a cabeça do Hierofante. Esse Cone, em sua confecção correta (como: metal, fios e números), possui a mesma Força da Pirâmide.

“O Cone confeccionado pelos Artesãos dos Metais era usado também pelos Curadores, com cautela, na cabeça dos doentes mentais. Eram Deles, também, as artes sobre joias: as tiaras das sacerdotisas; os broches e cintos de castidade das Vestais; os anéis para tantas ocasiões, com as suas pedras consagradas e de feitio cheio de magia.

“Esses Sábios desenhavam em papiros, coloriam com as cores correspondentes e próprias a cada magia, sob medidas corretas, para os “ourives” confeccionarem as peças de acordo com o desejo Deles. A Ala para a confecção dessas peças mágicas e de tão grande importância ficava situada em uma continuidade das dependências da Casa do Tesouro. Ali trabalhavam somente os que possuíam puro sangue egípcio, e a entrada dessa Ala era rigorosamente vigiada. Ninguém estranho ali penetrava.

“Já o trabalho alquímico desses homens e mulheres era realizado no interior da grande Pirâmide. A Arca Sagrada daquele tempo de AKRON e de RAMIS, aquela confeccionada pelos Artesãos, estava escondida no ápice da grande Pirâmide – hoje chamada de Kéfren. O ápice da Pirâmide brilhava como o Sol e pensava-se que era por causa do reflexo dos raios solares sobre uma peça de cristal de quartzo – chamada a Pedra Cume. Na verdade, o brilho dos raios de RÁ (o Sol) vinha do impacto deles sobre a peça de cobre cristalizado. Era o metal da Arca Sagrada, que ali ficava presa.

“Os Conselheiros Misteriosos chegavam até ela passando pelas escavações de dentro da Pirâmide, que também é ligada por subterrâneos à Esfinge, tão Sagrada. Por esses subterrâneos, chegavam à Nave Espacial debaixo da Esfinge.

“Quando foram obrigados a abandonar os seus corpos materiais, revestidos de matéria espacial, eles levaram a Arca Sagrada – a retangular – para essa já citada Nave Espacial, que se encontrava abaixo do ventre de HARMAKIS. Isso aconteceu na época do reinado do Venerável AKRON – quando souberam da condenação Dele (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).”

“A Sabedoria desses Seres extraordinários durou, daquela época, somente até os meados da 3ª Dinastia.

“Ainda sobre o Cobre, sabe-se que ele possui uma qualidade dimensional desconhecida em todos os outros metais terrenos. Todas as joias pertencentes ao Rei, como: anéis, selos, brasão, lacre, escudo e outras, eram confeccionadas de cobre cristalizado.

A PRATA

“A Prata – na sua verdadeira e pura essência, desconhecida na Terra – foi transportada do planeta NUT para Vênus, antes de chegar ao nosso planeta. O planeta Vênus, no princípio dos tempos, era chamado de planeta Verbo. Vênus ou Verbo é o

planeta reflexo de NUT – a Lua (ler no livro *Os Papiros Sagrados de Hermes*).

“A prata em NUT apresentava-se como rochas altas e muito duras e tinha o aspecto bem escuro (cor de barro). Ela misturava-se às rochas de cristal naquele planeta.

“Esfarelada, ela formava, com o cristal, o solo do planeta Lua, como uma poeira ou pedregulho macio e maleável e de cor mais clara. Dessas rochas brotava um líquido (entretanto, um metal) – o cristal – que, na Terra, transformou-se em cristais de quartzo ou pedras. Nessas rochas também crescia uma vegetação, parecida com o musgo terrestre, para o alimento dos pequenos animais que lá habitavam – animais que, na Terra, transformaram-se em abelha e em tantas espécies de pássaros, exemplificando. É o que podemos falar sobre a Prata do planeta NUT.

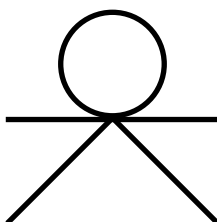
“Os restos da Lua não têm mais vontade própria. A Prata no planeta Vênus sofreu a influência do VRIL da liga com o mais puro Cobre, do calor em alto grau, do Poder de outras moléculas. Assim modificada, a Prata – agora bem maleável – foi transformada num símbolo divino, que o Povo irmão de Vênus presenteou ao Povo da Terra, na Atlântida. Os de Vênus vinham amiudadamente em suas Naves Espaciais, para troca de informações entre os dois Povos – o deles e o do planeta Terra.

O HANK

“O símbolo presenteado pelos do planeta Vênus era um HANK, feito com essa Prata preparada por eles. O poder do Hank original era de tal grandeza, que atravessava o Éter do Kosmos. Esse Hank simboliza, então, o planeta Vênus; e o último a tocar nele foi o Venerável Hierofante AKRON. Entre os Seres da Terra, até os nossos dias, o Hank simboliza a figura do próprio Ser Humano e a sua continuidade eterna, através de Vênus – a Mãe do planeta Terra.”

Aqui, no planeta terrestre, a Prata foi-se transformando sob tantos aspectos relacionados às diversas ligas entre os metais, que acabou não tendo atualmente mais nada do seu Poder, desde quando veio de Vênus. Entretanto, RAMIS pedenos que prestemos bastante atenção no Hank, principalmente por causa das trevas do momento atual. Ele – o Hank – não necessita mais do poder do metal usado na sua confecção. Importam, tão somente, os traços para a formação da sua figura, que é esta:

HANK



Pode ser confeccionado em qualquer metal, do mais ao menos nobre. Tem grande validade e Poder de Proteção quando é feito sobre o coração, com os dedos da mão direita (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I).

Recebemos do Povo do planeta Vênus um símbolo de Proteção Cósmica. Tudo o mais que foi confeccionado – joias, fios de prata e de ouro para vestimentas, pedras preciosas ou não, de todas as cores – não tinha o valor da Força e da Verdade dos Divinos, como aqueles confeccionados pelos Artesãos dos Metais – os Grandes Sacerdotes Maiores do Conselho Secreto dos Vinte e Um.

Com o valor apenas de enfeite, para satisfazer as vaidades, eram as joias confeccionadas por mãos de artistas comuns – egípcios ou estrangeiros.

Comentei com meu irmão RAMIS:

– Hoje em dia, todo metal precioso, como também as pedras preciosas, estão sendo feitos de material sintético.

RAMIS sorriu e disse:

– Não deixa de ser alquimia. Quem sabe, os robôs os apreciarão num futuro próximo!...

O LÁTEGO

“Deixei para o final o comentário sobre o Povo de Mercúrio – de épocas remotas –, por serem Eles os primeiros na Escala Evolucionar”, disse RAMIS. “Mercúrio é o planeta da evolução mineral”, prosseguiu.

“A forma do Látego é o símbolo do planeta Mercúrio, essencialmente Divino. O seu formato era de um cabo, que tinha fincadas a ele duas tiras ou faixas. O Faraó AKRON, no tempo de há 5.000 ciclos de *Rá*, segurava o *Pink* na destra (mão direita) e o Látego na sinistra (mão esquerda). O cabo ou o “punho” do Látego era constituído de dois metais: no seu interior, o Ferro; e, na parte externa, o Cobre Cristalizado. As duas faixas eram feitas: uma, do couro de cordeiro do planeta NUT; a outra, do couro do leão, animal totalmente terráqueo.

“Os metais que constituíam o cabo tinham o Poder da dualidade: um – o Ferro – representava a Força Divina do planeta Mercúrio; o outro – o Cobre Cristalizado – representava o Poder Divino do planeta Terra. Assim, também, as faixas eram duplas: a confeccionada com o couro do cordeiro representava a mansidão do Poder Temporal do Faraó; a outra, confeccionada com o couro do leão, representava a fúria desse mesmo Poder do Rei. Por outro lado, estas significações eram também relacionadas com as Forças do próprio Ser Humano.

“O Povo do planeta Mercúrio é constituído de Deuses Maiores, relativos em divindade para o Povo da Terra.

“Por isso, o presente Deles para o nosso planeta – o seu próprio símbolo – foi para que o Ser Humano tomasse conhecimento da sua própria dualidade interna: a mansidão do Cordeiro de AMON e a fúria da besta-fera, que reside dentro

de cada um. Empunhando o cabo do Báculo, representando a Sabedoria dos Divinos, o Faraó declarava a transformação de todos os Seres em verdadeiros Deuses do planeta Terra.”

AS TRÊS FRATERNIDADES

“**S**abe-se que os Extraterrestres pertenciam ou pertencem à Fraternidade Branca. O segundo aspecto dessa Fraternidade – a Negra – está sendo formado e trabalhado pelo Povo Terráqueo. Esses Seres migrantes vieram até o Planeta Terra – inferior a todos os outros do Sistema Solar – para, com o Povo Terráqueo, constituírem, ambos, unidos entre si, uma Terceira Fraternidade – aquela que será a verdadeira. Então, o nosso planeta conhecerá todas as glórias a que está destinado. Entretanto, nessa Missão, toda a cautela se faz necessária. Na Lei da Natureza, da menor partícula se forma o Todo. Nunca será ao contrário. Por isso, espera-se que os Seres em escala inferior da Evolução alcem os seus voos até nós. Se, ao contrário, descermos até Eles, chafurdaremos como porcos na imundice dos chiqueiros. Pode acontecer que, para essas feridas, não haja bálsamo capaz de cicatrizá-las ou, então, não haja mais tempo para livrar-se dessa ignomínia singular.”

Enfim, para concluir, ouvi de RAMIS, meu Dileto:

“Jamais comungar com a Fraternidade Negra em seus festins selvagens e, também, nunca atraí-la para nós. Apenas haveremos de participar do processo, com enorme e paciente tolerância. Ter-se-á tolerância, compreendendo que, para a Fraternidade Negra, o *PINK* é o *PAN*; que a influência da Luz, através do *Pink*, faz-se através do Poder do veneno maléfico da Serpente; que o metal Cobre toma o novo formato (tachos) para a Magia Negra; que o Látego se transforma em objeto de tortura nas mãos dos Poderosos dessa Fraternidade. Ainda, compreendendo que, quando o *Hank* – símbolo da Vida Eterna – foi virado com a cabeça para baixo, tornou-se o símbolo da Morte.”

“Tolerância... apenas tolerância, já recomendava um Sábio Chinês – Li-Utang. Compreende-se, através das Verdades da Sabedoria Divina. Tolerá-se, quando se conhecem todos os simbolismos do Saber e dos valores do Princípio. Somente assim estará cumprida a Missão da Fraternidade Branca.

“Será, então, quando a Divina Mãe ÍSIS juntará os pedaços do Corpo esquartejado de OSÍRIS (cada Ser Humano é um desses pedaços), para fazê-lo ressuscitar como o Divino HÓRUS – o CRISTO, seu Amantíssimo Filho. Somos todos células do Corpo Sacrossanto do CRISTO.”

Fez-se um silêncio profundo e respeitoso em mim, assim como em RAMIS – o Digno Sacerdote de ÍSIS, do 5º Grau, Hierofante do 7º Ponto, Ilustre Conselheiro do Misterioso Conselho Secreto dos Vinte e Um.

Um Sábio Artesão dos Metais.

ENGENHARIA

“Para encerrar a fala sobre ARTES, do Egito do meu tempo, terei apenas algumas considerações sobre os Artesãos da cultura conhecida como Engenharia”, disse RAMIS.

“Ao estudar a Sabedoria de todas as Eras, aprenderemos que o Tempo está dividido em duas Épocas:

- A Época Imanifestada – aquela antes de se fazer a Luz;
- A Manifestada – aquela de quando a Luz foi feita na Escuridão do Ventre dos Tempos (ler no livro *Os Papiros Sagrados de Hermes*).

“Estamos a um passo além da metade do Caminho (início da Época Manifestada).”

São palavras do Venerável Mestre AKRON. RAMIS, aqui, está se referindo ao Tempo relativo ao Sistema Solar, do qual a TERRA faz parte.

“A esse Sistema Solar, o planeta terráqueo pertence e a Ele jamais deixará de pertencer, e os Seres que nele vivem – logicamente como integrantes do Sistema Solar e do próprio planeta Terra – também jamais sairão daqui. Quando saírem, será no conjunto do Todo Dele, integrado em RÁ (o nosso Sol) ou em AMON-RÁ (o Deus no Sol), como Ovelhas tangidas pelo seu Pastor, na imensidão da Matemática dos Tempos.

“A Respeitável Esfinge silencia sobre os seus Símbolos. Entretanto, sempre esteve bem ali, junto Dela e ligada a Ela, a Grande Pirâmide – uma verdadeira enciclopédia sobre todas as representações da Esfinge.

“A Pirâmide de Kofu ou Qheóps é a Ara no meio do Egito, que permite à Humanidade resolver o Mistério de todos os Mistérios – a razão da Vida do planeta Terra.

Por força de origem egípcia, forçosamente, falar-se-á sobre as Terras de onde o Egito derivou: a ATLÂNTIDA.

“A história egípcia registra o fato de numerosas gravações em papiros, em metais, até mesmo em ouro, terem sido trazidas para o Vale do Nilo, ou a Terra de Kam (Kamitas), antes, muito antes da última submersão da Atlântida. Para memorizá-las, encontra-se lá a Grande Pirâmide, erigida após a Esfinge, muito antes da existência do Egito. Repetindo: monumentos que ali estão ainda hoje, como testemunhos vivos do Antigo, que está continuamente revivendo nos Tempos Eternos”.

Assim disse RAMIS – o Sábio do Egito –, Filho do Venerável AKRON.

RAMIS continuou a sua exposição maravilhosa:

“A Esfinge imponente parece que brotou das areias do deserto e, naquele lugar, encontrou o seu repouso permanente. Já a Grande Pirâmide grandiosa parece alerta; como íbis, está constantemente prestes a alçar voo para além dos Espaços. Parece querer dilatar os seus Espaços para desvendar-se por inteira e fugir, assim, das ardentes areias que a cercam e a sufocam.

“Os registros da mais Antiga Sabedoria – escondidos, não só nas Câmaras Secretas da Pirâmide, mas também irradiando nos túmulos, nas cavernas, nas ruínas dos Templos e em outros locais – estão para serem descobertos. A Pirâmide de Kofu quer se anteceder ao Tempo. Ela tem pressa. As Idades passaram e o Ser Humano Adiantado já pode *contemplar* e *compreender*.

“As pedras da escultura arquitetônica da Pirâmide aspiram a serem arrancadas, sem que alguma mão humana as toque, para, assim, provarem que foram maceradas do barro da terra; do ferro com o cobre e da prata com o ouro. Só então estará

assegurado que o Reino do Cristo — a Segunda Força; a Força Logoica; a Força KNUM ou a Força do VRIL; ou, ainda, a Força da Irradiação da Luz — governará e permanecerá para sempre. Toda esta nomenclatura representa a mesma Força.

“Quem ali ler ou ouvir o que descrevo — disse RAMIS —, pensará tratar-se de doutrina ou religião. Afianço-vos, entretanto, que a Sabedoria dos Tempos é Única: Ela é Divina e Ela é também Ciência. Existem vários Caminhos para se conhecer a Sabedoria, e os dois essenciais são: o Caminho da Sabedoria pela Cultura Científica e o Caminho da Sabedoria pela Cultura Mística. O resultado deles será um só: saber que Seres Extraterrestres deixaram, na Forma Piramidal ou Cônica, a Ciência Fantástica dos Números, dos Pesos e das Medidas. A Astronomia e a Astrologia, assim como a Ciência Filosófica, as Artes, as Leis, a Mineralogia e todas as outras Ciências estão totalmente simbolizadas nesse incomparável Monumento: a Grande Pirâmide do Egito.

“Há 5.000 Ciclos de *Rá*, os Extraterrestres estiveram em comunhão, através de um Conselho pertencente à Organização Temporal Egípcia — o Conselho Secreto dos Vinte e Um. Hoje, esses Seres podem estar representados num líder de operários, num líder de algum governo, num cientista renomado, entre artistas de todas as Artes — representados, tanto na Classe Social Alta quanto na mais humilde. E, também, podem estar presentes entre alguns embriagados à beira da estrada, que cumprem certa experiência que se faz necessária.

“Nem só como Reis, Rainhas ou Faraós, esse Povo tem suas vidas e experiências, ombro a ombro, com a Humanidade Terrestre.

“Para a Grande Pirâmide do Egito, urge deslizar seus segredos sobre o Tempo, pois a Ciência tem pressa. O planeta Terra também tem pressa — pressa porque um outro Flor de Lótus (Avatar) está para suceder, avançando com ele rapidamente a Idade dos Tempos.

A seguir, algumas palavras do Venerável AKRON sobre a Grande Pirâmide, em resposta para um Engenheiro:

“Cada lance da verdadeira escadaria que leva à Câmara Real, ou propriamente ao primeiro sarcófago, é um segmento áureo do próprio perímetro de toda a base quadrangular da Pirâmide. A Pirâmide toda está ligada à média extrema razão da circunferência do planeta Terra.”

“No desejo de imitar o tesouro oculto geométrico que encerra HARMAKIS – a Esfinge – e para despistar também dos profanos a curiosidade lógica que desperta no calculador, quando se construiu a Primeira Pirâmide – a de KOFU –, foram dadas às formas geométricas da pirâmide as medidas ocultas de HARMAKIS – a Esfinge.”

“As construções egípcias, nos seus primórdios, possuíam as medidas geométricas, assim como as suas formas, copiadas das montanhas de rocha de cristal de NUT. São medidas que as ligavam à Força Cósmica” – encerrou RAMIS.

A MEDICINA

OS CURADORES

A Medicina exercida pela Ala dos Curadores – nome dado na época aos médicos – era toda calcada no fato psicológico e vibracional. Assim, todo Curador seria, por força do seu ofício, um Sacerdote Maior.

A Escola deles tinha enorme importância. O aluno ficaria sob os cuidados dos Mestres até quando se considerasse apto para caminhar com os seus próprios pés. Então, ganhava a liberdade de ação total como Curador individual. Cada qual fazia os seus unguentos e experimentos, de acordo com o que lhe parecesse correto. Muitas vezes, reuniam-se em grupos para a continuidade dos seus estudos e para aprimorarem o currículo escolar.

A Ala dos Curadores situava-se em uma área de espaços internos, falando-se internamente. Pelo lado de fora, o espaço perdia-se de vista. Nele, os estudantes, ou mesmo os Curadores, formavam canteiros e, com grande dificuldade – em razão da terra arenosa e da escassez de água –, procuravam manter cultivadas plantas de especialidades medicinais.

Nesses espaços eram também mantidos canteiros experimentais por quase todo o sacerdócio. Os Grandes de AMON não se deixavam vencer pelo deserto. De fato, conseguiam maravilhas com esses experimentos.

As plantas, além das medicinais, havia as que somente eram cultivadas para as cerimônias do culto egípcio – plantas e flores. Para a irrigação, puxava-se a água do Nilo para um tanque, que não tinha condições de ser grande.

Por essas façanhas, o povo dizia que os Sacerdotes eram Deuses; e aquele espaço do Templo de AMON, em Mênfis, seria sempre um ponto de visitas e admirações.

As Sacerdotisas de ÍSIS também frequentavam as aulas daquela importante Ala. As mulheres especializavam-se em obstetrícia (partos). Isso não quer dizer que os homens não pudessem exercer também essa especialidade, e que as mulheres não pudessem também estudar para terem todas as condições de um Curador. No entanto, houve, de fato, muito menos mulheres do que homens Curadores, naquela época.

Por quê? Porque com as suas condições femininas, as mulheres eram de grande importância e necessidade nos trabalhos espirituais dentro dos Templos.

Na crença egípcia, homens e mulheres igualavam-se em importância. Caminhavam *pari passu*, ombro a ombro, intercalando suas vibrações para as magias que necessitavam para os seus êxitos. Antes de tudo, eram Magos e Sábios.

O Curador, antecedendo os seus estudos de medicina, seria preparado no Templo, desde o seu nascimento, para os estudos do sacerdote ou da sacerdotisa. Galgando, grau por grau, ele era, antes de tudo, um Grande nas Artes da Magia, nos Conhecimentos Transcendentais, nos atos ritualísticos e cerimonialísticos. O Curador pertencia sempre ao sacerdócio do mais importante e alto grau deles. Só então chegaria o momento de partir para os seus estudos ou as suas comprovações dentro da Ciência. No Egito Antigo, Ciência e crença estavam entrelaçadas.

Nos conhecimentos dos Sábios dos Templos, o que mais manipulavam era o elemento água, assustadoramente essencial para as curas.

Falando-se sobre as Vestais, estas eram mulheres, tão somente Vestais. Ao lado dos 21 do Conselho Secreto, elas eram nada mais que Vestais aos olhos dos profanos. Não cabe aqui

— diz-nos RAMIS — falar-se sobre elas, já que os seus atributos referem-se, tão somente, à Alta Magia; e seu elemento era o Fogo. Nunca seriam um Curador.

O Curador tratava de todo Ser Humano e, alguns, dedicavam-se também à cura dos animais. Além do imenso e bem equipado laboratório comum a todos, eles podiam montar os seus próprios laboratórios em câmaras só deles, ou mesmo dentro de suas acomodações, que eram muito confortáveis e espaçosas. Esse espaço, preparado para a Ala dos Curadores, era uma continuidade do próprio Templo de AMON.

Na cidade de Menhenúfis — hoje Mênfis —, onde ficava o Templo de AMON, existiam outros pequenos Templos, como Capelas, espalhados pelo recinto. Eram dedicados aos inúmeros deuses menores, e qualquer Sacerdote ou Sacerdotisa, que possuísse posses, poderia mandar construí-los para as suas devoções.

O doente, sem distinções de raça ou condição de vida, poderia procurar o Curador. Não obstante, era o Curador quem saía em peregrinação, ora atendendo o doente onde ele se encontrasse; ora sendo chamado para o atendimento; ora apenas peregrinando entre o povo, para vigiar a sua saúde. Não existiam hospitais — o doente era atendido pelo Curador, e à família caberia responsabilizar-se pelo enfermo em suas próprias acomodações.

Quem mais incomodava era o doente mental. Esse não seria aceito nem pela família nem pela sociedade, da mais alta à mais baixa classe.

Antes do Digno Faraó AKRON, essas pessoas eram liquidadas anualmente em sacrifícios humanos. Com a proibição desse horrível e abominável ato, pelo Faraó (ler no livro *Há 5.000 Ciclos de Rá: a O.F.O. e a Fraternidade de Flor de Lótus: 3ª Família Espiritual de Akron*. Livro I), os doentes mentais passaram a ser recolhidos pelo Curador que, dentro do Templo, auxiliado pelas Pitonisas e outros, diagnosticava se a perturbação psíquica

deles tinha origem em algum dano cerebral ou seria apenas danos causados por pessoas ou Forças Negativas. Ali mesmo eram tratados e curados. Se isso não fosse o correto, optavam pela trepanação por vários motivos: o primeiro e o principal motivo seria o estudo do cérebro humano; o segundo, porque sabiam que a família desse doente daria cabo dele, sem que nada se pudesse fazer.

O Curador era um peregrino: estudando, ensinando, atendendo e auxiliando. Carregava os seus instrumentos e remédios em uma sacola de couro, que continha diversas divisões para tal. Geralmente, com assessores-estudantes ou mesmo só, tinha que caminhar. O caminho das Ciências, tanto a profana quanto a espiritualista, é demasiadamente longo e sofredor.

Na Ala deles, somente um Chefe: aquele que fosse o escolhido para assistir ao Faraó. O Poder desse Chefe seria a escolha dos que poderiam auxiliá-lo nos momentos difíceis, relacionados com as duas máximas autoridades do Egito de há 5.000 ciclos de *Rá* (5.000 anos): o Rei e o seu séquito, e o Venerável Hierofante com toda a sua Corte de Assessores.

Psicologicamente, usava-se o domínio psíquico sobre qualquer um, e não apenas sobre os doentes. Com isso, preveniam-se as doenças. Esse poder era exercido por meio do hipnotismo. Os Curadores, portanto, conheciam a fundo a Arte Hipnótica. Hipnotizavam desde o Ser Humano até o mais ínfimo animal.

O PODER ENERGÉTICO

A vibração energética, o magnetismo etc, não tinham segredos para os Curadores. Pela vibração do campo energético de uma pirâmide, eles faziam o diagnóstico com uma perfeição até hoje desconhecida. Cada Curador preparava a sua pirâmide, tanto para o diagnóstico da doença quanto para a sua cura.

No quadrado-rez do chão, existiam pontos coloridos. As cores variavam e mostravam a doença e, pelo hipnotismo, o Curador saberia o órgão afetado do corpo. Para as inflamações, a cor vermelho-escura; para o tumor, o cinza quase preto; para afecções por vírus ou germes, a cor verde bem escura; e assim por diante.

O próprio doente fazia a coloração vibrar pelo seu magnetismo: ele ficava colocado em um banco de madeira, ou mesmo numa mesa de madeira, dentro da pirâmide, na altura da metade dela. Assim, a sua doença seria acusada pela sua própria Força. Essa mesma Força faria a sua cura, mudando a cor para o contrário do que tinha vibrado.

As curas variavam muito de Curador para Curador. Por exemplo: no vírus da hepatite ou do tifo, muitos deles usavam o choque térmico – colocavam o corpo do doente enterrado nas areias ardentes da beira do rio Nilo; após certo tempo, jogavam-no nas águas geladas do rio.

Usavam eles, para as feridas e mordidas de animais não venenosos, unguentos preparados com substâncias assépticas, misturadas à banha de animal, principalmente à do carneiro. Dos animais aproveitavam também o fel da vesícula biliar.

Os Curadores abriam os corpos dos doentes por dois motivos: o primeiro motivo para tentar salvar a vida do seu doente; o segundo, para – constatada a morte clínica – proceder à trepanação. Isso porque acreditavam estar ajudando aquela alma (*bah*) a desprender-se, o mais rápido possível, para a sua partida. Trepanação quer dizer: abrir-se o crânio. Usavam, para tais operações, um serrote confeccionado de ouro e lâminas, também confeccionadas de metais, geralmente o ouro; dependeria das posses deles. Um Curador, de modo geral, tinha muitas posses.

RECURSOS PARA A CURA

O remédio mais estudado na época foi o veneno das víboras do deserto. Com ele conseguiam verdadeiros milagres. Essa Sabedoria, no entanto, perdeu-se, em grande parte, até os nossos dias. Diziam os Curadores, plagiando a Sabedoria Divina: *veneno cura-se apenas com veneno (o negativo anula-se somente com o próprio negativo)*.

O gato foi de tanta importância, que, para ele, existiu uma cidade de nome BUBASTH, somente em sua homenagem. O gato era embalsamado e, desta forma, os Curadores aperfeiçoavam a prática do embalsamamento. Assim era em relação a todo animal embalsamado.

Outro motivo foi tornar sagrado o animal, para a sua conservação pelo povo ignorante. Quanto mais gatos houvesse, melhor seria para o Egito, já que os seus desertos estavam coalhados de ratos. A maior praga do Egito são os ratos, que tinham nos gatos os seus únicos e verdadeiros inimigos.

O estudo sobre o veneno da víbora foi feito por intermédio do gato. Tanto usou-se esse animal com a inoculação do veneno, que ele tornou-se resistente a venenos (seria por isso que o gato tem sete vidas?). Mas, o segredo estava em alguma substância nociva do rato. Descobriram, os Curadores, que só após o gato ter comido um rato, poderiam extrair dele componentes para a feitura de vacinas, poções etc. Esses componentes, se colocados nos unguentos, estancavam o sangue — a hemorragia externa. Para a hemorragia interna, esses componentes seriam colocados nas poções ou nos chás, para se beber. Seria a mistura do veneno da víbora no gato com a substância do rato, que ele havia ingerido, que produzia a fórmula miraculosa para tanta doença humana.

O gato foi chamado de BASTH na época, que quer dizer: o Mal. Para o Curador, dele se tirava o mal, para curar-se um mal. Para o Ocultista, ele — o gato —, pela sua descendência

felina e por muitas outras razões, representava o negativo (ler no livro *Os Papiros Sagrados de Hermes*).

Apesar da importância do gato, não havia dúvidas: a água era o mais importante e vital para o organismo humano e para tudo que tinha vida.

Repetindo: para o Curador, o embalsamamento representava uma futura descoberta para a cura de algumas doenças. Para o Ocultista, erroneamente, representava a volta do *bah* (alma) para aquele corpo.

Os egípcios antigos procuravam a razão, o conhecimento do conjunto do nosso organismo em sua realidade e totalidade.

Na doença, amenizavam somente o sofrimento, porque a doença significava a decadência do físico até a sua morte. A morte, por sua vez, significava uma etapa da caminhada do ser humano para a continuidade da vida, que é eterna.

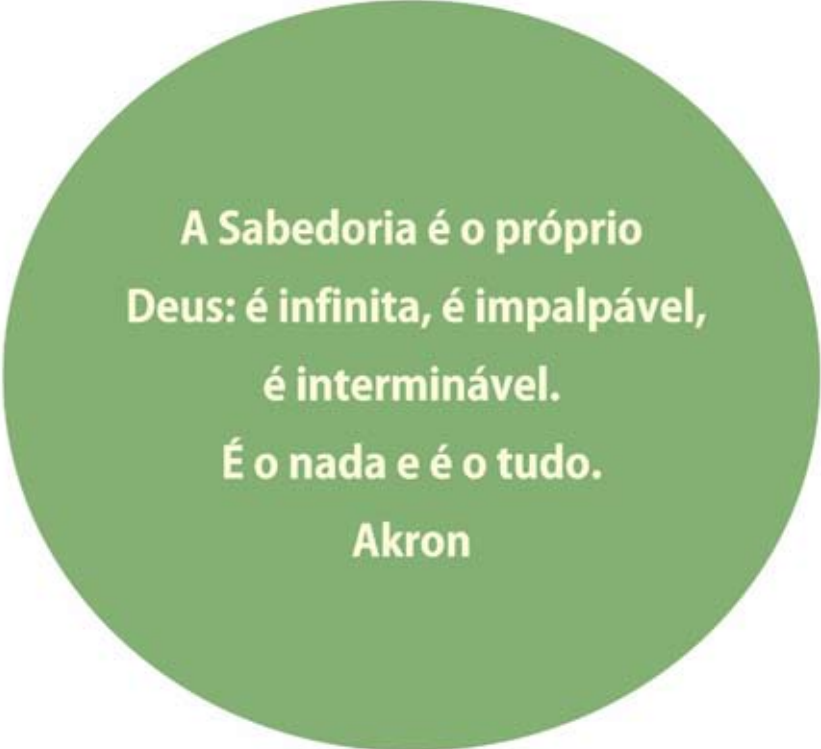
EPÍLOGO

“**T**ransformações profundas, das mais profundas, se dão agora. Dada a imperfeição do momento, somos Filhos da imperfeição.

É o processo mais uma vez iniciado, da verdadeira Vida, da Vida emanante de RÊ – a Mãe.

SE NESTAS EXPLOSÕES DE VIDAS
TUDO SE ACABAR,
NÃO SE ESPANTE:
É APENAS O COMEÇO OUTRA VEZ.”

RAMIS / AKRON



**A Sabedoria é o próprio
Deus: é infinita, é impalpável,
é interminável.**

É o nada e é o tudo.

Akron